

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM**

**A CONSTITUIÇÃO DE IDENTIDADES DE MULHERES:
práticas discursivas e relações de poder**

**CÁSSIO EDUARDO RODRIGUES SERAFIM
ORIENTADORA PROFA. DRA. MARLUCE PEREIRA DA SILVA**

**NATAL (RN)
2006**

CÁSSIO EDUARDO RODRIGUES SERAFIM

**A CONSTITUIÇÃO DE IDENTIDADES DE MULHERES:
práticas discursivas e relações de poder**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem (PPgEL), do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCHLA), da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), como exigência para a obtenção do título de mestre na área de concentração em Linguística Aplicada.

Orientadora: Profa. Dra. Marluce Pereira da Silva.

**NATAL (RN)
2006**

Catálogo da Publicação na Fonte. Universidade Federal do Rio Grande do Norte.
Biblioteca Setorial Especializada do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCHLA).

Serafim, Cássio Eduardo Rodrigues.

A constituição de identidades de mulheres : práticas discursivas e relações de poder / Cássio Eduardo Rodrigues Serafim. – Natal, RN, 2006.

138 f.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Marluce Pereira da Silva.

Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem. Área de Concentração: Linguística Aplicada.

1. Mulheres – Dissertação. 2. Relações de poder – Dissertação. 3. Identidades – Dissertação. 4. Gênero – Dissertação. 5. Discurso – Dissertação. I. Silva, Marluce Pereira da. II. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. III. Título.

RN/BSE-CCHLA

CDU 396: 316.472

CÁSSIO EDUARDO RODRIGUES SERAFIM

**A CONSTITUIÇÃO DE IDENTIDADES DE MULHERES:
práticas discursivas e relações de poder**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem (PPgEL), do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCHLA), da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), como exigência para a obtenção do título de mestre na área de concentração em Linguística Aplicada.

Aprovada em: ___ / ___ / _____

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Marluce Pereira da Silva (PPGEL/UFRN)
Orientadora

Profa. Dra. Maria Regina Baracuhy Leite (PROLING/UFPB)
Examinadora externa

Profa. Dra. Maria Bernadete Fernandes de Oliveira (PPGEL/UFRN)
Examinadora interna

Às Marias, Alziras, Lindalvas, Francineides, Conceições, Helenas, Martas, Joanas, Soraias, Josefás, Ivanildas, Penélopes, Ritas... que, para muitos, são “cágados tetraplégicos”, mas que, de fato, tecem a colcha e a desfazem como estratégia de resistência, sempre construindo o hoje, nunca esquecendo o amanhã.

AGRADECIMENTOS

Às mulheres que cooperam conosco e que se constituem sujeitos das nossas reflexões aqui apresentadas. Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Ao Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem (PPgEL). À Bete e ao Pablo, a quem agradecemos com muito carinho pela paciência e pelo apoio amplo desde 2004, a começar no dia da inscrição, no dia 15 de fevereiro. À professora Marluce Pereira, pela parceria, pela interlocução, pelas hospedagens, pela confiança, pelos telefonemas, pelos livros emprestados, pelos cartões, pelos ensinamentos, pelos estímulos híbridos e diaspóricos. Às professoras e aos professores da sala 304, que nos concederam a oportunidade de co-habitar aquele espaço; em especial, às professoras Bernadete Oliveira e Marluce Pereira, pela permissão e pela confiança, e ao professor Marcos Antonio Costa, pela abertura ao diálogo e pelo diálogo aberto. Às professoras Elisete Schwade, Regina Baracuhy e Bernadete Oliveira, que aceitaram ler este texto e contribuir para a sua elaboração, que ainda não encerramos. Ao Neto, pelos amores, incentivos, pela amizade, pela companhia, compreensão, pelas conversas, por cuidar de nós. À Socorro, pela amizade, pelas interlocuções, caronas, pelos incentivos, bolos, computador. Às companheiras e aos companheiros em sábados, domingos e feriados, em que trabalhamos no CCHLA; em especial, a Eliane. A Francineide, Luiz Carlos, Conceição, Juliana, Neto, todos aqueles que (não) compreendem as nossas ausências, mas que, mesmo assim, apóiam as nossas investidas acadêmicas. Àqueles que, – talvez não saibam –, são muito importantes, porque contribuem, efetivamente, para as nossas conquistas quotidianas: Bete, Pablo, Silvana, Ivo, Angelike, Dorinha, Jânio, Gerlane, Prof. Passegi, Geraldo, Martinha, Conceição, Helena, Germano, Borges, todos os funcionários da secretaria do CCHLA – pelas autorizações de acesso ao centro em dias de feriado –, todos os funcionários e bolsistas da biblioteca setorial, seguranças da UFRN – pela abertura do cadeado e pelas caronas –, Berg, Enoc, Izabel, os funcionários da limpeza – pela simpatia e pela prontidão em ajudar-nos –, os colegas de orientação, todos... todos... todos... Às energias positivas e negativas que emanam de cada materialidade corporal.

RESUMO

Este trabalho disserta sobre a constituição discursiva de identidades; em especial, busca problematizar a constituição de identidade de mulheres, a partir de práticas discursivas e relações de poder quotidianas que as afetam. Os sujeitos colaboradores foram mulheres adultas que retomaram a sua trajetória escolar, após certo período sem freqüentar estabelecimentos de ensino. Cientes de que as identidades podem ser percebidas através da observação das práticas discursivas, questionamos: que práticas discursivas e relações de poder envolvem e constituem essas mulheres? Que posicionamentos identitários elas assumem em meio às práticas discursivas e relações de poder que as compreendem e que são identificadas em seus relatos? Que marcas lingüísticas caracterizam no discurso dessas mulheres formas de resistência na constituição de identidades? Pretendemos: investigar a constituição discursiva de identidades de mulheres na contemporaneidade; apontar práticas discursivas e relações de poder que envolvem mulheres e que convergem para a constituição de suas identidades; explorar na materialidade lingüística efeitos de sentidos que emanam das práticas discursivas e relações de poder que envolvem as colaboradoras na constituição de identidades em espaços privados e públicos. O *corpus* da pesquisa é composto por relatos de vida concedidos por três mulheres, coletados através de entrevista semidirigida, entre 2004 e 2005. Para analisarmos os dados, fundamentamo-nos em autores como Pêcheux (1993; 2002), Foucault (1979; 1988; etc.), Butler (2003), Scott (1992; 1995), Hall (2000; 2004; 2005), Bauman (1999; 2005), entre outros que problematizam questões como discurso, identidade, gênero social, poder e suas interfaces. Os relatos de vida permitiram analisar: a constituição de identidades de gênero a partir de práticas discursivas e relações de forças vivenciadas na cena familiar; posicionamentos identitários assumidos a partir de práticas discursivas em contextos urbanos globalizados; posições de poder na esfera doméstica; posições de poder na esfera extradoméstica; novos posicionamentos identitários.

Palavras-chave: Discurso. Identidades. Gênero. Mulheres. Relações de poder.

ABSTRACT

This research investigates the discursive constitution of identities; in special, it aim to problematize women identities constitution, pointing discursive practices and power relations which involve them. The interviewed subjects had been adult women who had resumed their school trajectory, after certain period without frequenting educational establishments. Aware of that those identities can be perceived through the observations of the discursive practices, we question: which discursive practices and power relations involve and constitute those women? Which identity positionings they take through the discursive practices and power relations that include them and that are identified in their stories? Which linguistic marks characterize, in the speech of those women, forms of resistance in the constitution of identities? We intend to investigate the constitution of woman identities in the contemporaneity; pointing discursive practices and power relations which involve women that converge to their identity constitution; exploring in the linguistic materiality effects of senses that emanate of the discursive practices and power relations which involve the collaborators in the identity constitution in private and public spaces. Research *corpus* is composed by stories of life granted by three women, collected through semidirected interview between 2004 and 2005. To analyze the data, we base in authors as Pêcheux (1993; 2002), Foucault (1979; 1988; etc.), Butler (2003), Scott (1992; 1995), Hall (2000; 2004; 2005), Bauman (1999; 2005), among others that problematize questions as discourse, identity, social gender, power and its interfaces. The life stories had allowed to analyze: the gender identity constitution from discursive practices and relations of forces lived in the familiar scenery; assumed identity positionings from discursive practices in globalized urban contexts; power positions in the domestic and extradomestic sphere and new identity positionings.

Words key: Discourse. Identities. Gender. Women. Power relations.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	08
2	CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA	15
2.1	Alguns estudos realizados	15
2.2	Caracterização	22
2.2.1	Abordagem metodológica	24
2.2.2	Coleta e acesso aos dados	27
2.2.3	Sujeitos pesquisados	31
3	DISCUSSÕES TEÓRICAS	34
3.1	Sobre discurso	35
3.2	Sobre gênero	42
3.3	Sobre identidade(s)	52
3.4	Sobre relação de poder	64
4	ANÁLISE DE DADOS	70
4.1	MSA2004	71
4.2	MIA2004 e MCO2005	78
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	85
	REFERÊNCIAS	89
	ANEXOS	97
	ANEXO 1: entrevista de MSA2004	98
	ANEXO 2: entrevista de MIA2004	108
	ANEXO 3: entrevista de MCO2005	122

1 INTRODUÇÃO

O nosso interesse pela temática da identidade de gênero foi despertado com um trabalho realizado durante a especialização “Antropologia na Cidade: Teoria, Trabalho de Campo e Método”, pelo Departamento de Antropologia, na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, quando, como requisito avaliativo da disciplina “Antropologia da Imagem”, ministrada pela professora Anita Queiroz Monteiro, registramos um ritual em uma seqüência de doze fotografias e o descrevemos etnograficamente. Naquele momento, optamos por observar e fotografar a preparação de uma mulher que se casaria e que antes passaria por todo um ritual de embelezamento, comercialmente denominado “o dia da noiva” e realizado em salões de beleza de várias cidades brasileiras. No nosso caso, a observação participante ocorreu em um salão situado em um bairro da Zona Sul de Natal (RN). Essa atividade sucedeu em meados de julho de 2002.

Passadas as circunstâncias da respectiva disciplina, buscamos leituras pertinentes a esse acontecimento social, que encontramos nas conversas com a professora Anita e nas reuniões do grupo de estudos de gênero, coordenado pela professora Elisete Schwade, daquele departamento. Durante e após o contato com textos e debates afins, questionamos: como as relações de gênero poderiam estar presentes no âmbito educacional; se esses arranjos sociais poderiam e como poderiam influenciar no desempenho de alunos e alunas de diferentes níveis de ensino; se essas relações se faziam presentes no processo de ensino-aprendizagem; como a identidade de gênero poderia influenciar na aprendizagem de língua materna e estrangeira; se e como a aprendizagem de línguas poderia influenciar na constituição discursiva ou não dessa identidade. Desde então, propusemo-nos refletir algo, por vezes, não questionado na vida cotidiana de uma sociedade ocidental contemporânea: as relações (de poder) entre homens e mulheres e a constituição discursiva de identidades desses sujeitos. Por conseguinte, concordamos com Bauman (1999, p.11), quando escreve e defende: “Questionar as premissas supostamente inquestionáveis do nosso modo de vida é provavelmente o serviço mais urgente que devemos prestar aos nossos companheiros humanos e a nós mesmos”.

Muitas indagações surgiram no exercício da nossa docência em turmas de Educação de Jovens e Adultos, em escolas da rede estadual de ensino público, em

Natal (RN); especialmente, na Escola Estadual Olda Marinho, localizada na Praia do Meio, uma das praias urbanas de Natal. Lá lecionamos a disciplina Língua Portuguesa, nos horários vespertino e noturno, para terceiro e quarto níveis, concernentes às últimas quatro séries do Ensino Fundamental. À tarde, a turma era composta por alunos adolescentes que tinham entre quinze e dezessete anos de idade. À noite, as turmas eram compostas diversificadamente por homens adultos e mulheres adultas, pouquíssimos adolescentes; considerável parcela era de homens e mulheres com uma faixa etária acima de trinta anos, pais, mães, trabalhadores, trabalhadoras, chefes de família. Uma parcela vinha do trabalho para a escola, sem passar por sua casa. Algumas alunas se responsabilizavam pelos afazeres domésticos em sua própria residência; outras trabalhavam em casas alheias, executando também tarefas domésticas, remuneradas; outras eram artesãs e comerciantes ou atuavam no setor de turismo; uma ou outra era funcionária pública. Alguns alunos vendiam coco na praia ou trabalhavam em alguma barraca; outros eram artesãos ou atuavam no setor de turismo; um ou outro era funcionário público; alguns trabalhavam nos prédios residenciais localizados no bairro, desempenhando funções diversas; alguns estavam desempregados. A maioria deles e delas morava bem próximo à escola.

Durante as aulas noturnas, observando o envolvimento, empenho e comportamento de alunos e alunas nas aulas, encontramos namorado e namorada ou esposo e esposa estudando no mesmo nível de ensino, na mesma turma. Algumas vezes, verificamos que, quando um faltava à aula, o outro buscava justificar a sua ausência e até punha o nome na lista de presença ou em alguma tarefa, como se ambos comparecessem no momento e tivessem-na cumprido juntos. Em relação a um jovem casal, chegamos a constatar que, embora ambos se fizessem presentes à aula, às vezes o aluno – o esposo – não realizava as atividades, deixando que a aluna – a esposa – as fizesse por eles. Outras vezes, ao notar a ausência daquela aluna e a presença dele, indagávamos-lhe por que ela faltara e obtínhamos como resposta alguma tarefa doméstica. Por exemplo, durante um dia faltou água; à noite, quando regularizaram o seu fornecimento, a aluna – a esposa – ficou em casa para realizar os trabalhos domésticos que ainda não pudera fazer naquele dia, embora devesse ir à escola naquele horário. Porém, apesar disso, ela apresentava melhor desempenho que ele, que ficou em recuperação, quando ela passou por média.

Essa e outras situações nos conduziram e nos conduzem a reflexões sobre as relações de gênero em diversos contextos institucionais – incluindo o escolar – e

sobre a influência da identidade de gênero na aprendizagem ou sobre a influência do processo de ensino-aprendizagem na constituição dessa identidade. Nesta dissertação, buscamos direcionar o nosso olhar investigativo para a constituição de identidades de mulheres na contemporaneidade, a partir de práticas discursivas e relações de poder quotidianas. O *corpus* da nossa pesquisa é composto por relatos coletados através de três entrevistas semidirigidas realizadas no período de agosto de 2004 a junho de 2005. Justificando a nossa inserção na área de Linguística Aplicada, considerada como um campo de estudos mestiço (MOITA LOPES, 2004), analisamos os relatos delas, dialogando com pesquisadores de outras áreas do saber, como Bauman (1999; 2005), Butler (2003), Foucault (1979; 1988; 1995; 2004a; 2004b; 2005), Giddens (1991; 2002), Hall (2000; 2004; 2005), Scott (1992; 1994; 1995), entre outros que abordam a questão de discurso, poder, identidades, gênero, mulheres.

As mulheres que colaboraram conosco, permitindo o registro da nossa conversa, ocupavam-se em atividades no âmbito domiciliar, algumas também tinham jornadas de trabalho no espaço extradoméstico, a maioria estudava em turmas de Educação de Jovens e Adultos em Natal; uma delas tinha deixado de ir às aulas há pouco tempo, antes de conceder-nos a entrevista, enquanto as demais permaneciam estudando. É importante explicitarmos que a retomada da trajetória escolar, após certo tempo distantes de estabelecimentos de ensino, constituiu o principal critério para a escolha dos sujeitos da pesquisa. Acreditamos que o reingresso no ambiente escolar pode estimular maior empenho na negociação de mesmos e novos significados socioculturais, com o intuito de compor o seu eu, um eu que, no mundo contemporâneo, continuará em composição contínua ao longo de toda a sua existência, durante toda a sua convivência com o diferente. Desde já, é imprescindível registrarmos que o nosso intento aqui não é buscar ou refletir sobre razões que levaram as colaboradoras a retomarem a sua trajetória escolar, embora, em alguns exercícios de reflexão sobre os sujeitos da nossa pesquisa, tenhamos pensado a esse respeito. Pretendemos, de fato, investigar a constituição de identidades de mulheres a partir de práticas discursivas e relações de poder identificáveis em seus relatos de vida.

Entretanto, mesmo que a busca de causas não seja o nosso objetivo, algumas justificativas possíveis vieram à tona, ao longo das conversas com as entrevistadas, e aparecerão na análise dos dados, mas não para explicar por que voltaram a estudar, mas, sim, para pensar como se posicionam diante da emergência de novas

práticas discursivas em seu cotidiano. No decorrer do contato com elas, ficamos sabendo que algumas já trabalhavam antes de voltar a estudar, mesmo não apresentando nível de escolaridade alto, uma das principais exigências para a obtenção de um emprego e a permanência no mercado de trabalho na atualidade. Para Britto (2003), a empregabilidade vinculada à comprovação formal de determinado grau de escolaridade é considerada pré-requisito para assegurar a capacidade do indivíduo de exercer determinadas atividades profissionais.

Além desse motivo, Britto (2003) sugere mais três, somando quatro possíveis motivos por que adultos – ele se refere especificamente a *trabalhadores* adultos – voltam a estudar. O primeiro é a certificação formal como pré-requisito para a conquista do emprego, de que comentamos rapidamente no parágrafo acima. O segundo é a vontade ou necessidade de conhecer – o autor usa o verbo *dominar* – os saberes escolarizados com a expectativa de ascensão social, que pode vir também através da empregabilidade, seja por meio de concurso público seja por outra oportunidade. O terceiro corresponde a reconhecimento social e afirmação da autoestima, quando o saber escolarizado é concebido como valor social promotor de inclusão. O autor associa esse motivo à justificativa dada por alguns estudantes adultos: eles dizem que voltaram a estudar para acompanhar os estudos dos filhos, além de poderem transitar, sem sentirem-se envergonhados, por contextos em que se exige o conhecimento da tecnologia da escrita. O quarto é a necessidade de ressocialização: adultos que retomam a sua trajetória escolar buscam também interagir com indivíduos inseridos na mesma realidade social que a deles ou próxima à deles – pessoas essas com quem eles possam socializar as suas experiências de vida, suas alegrias, seus problemas... com quem possam praticar atividades em que se sintam bem.

As práticas discursivas experimentadas no contexto escolar podem influenciar os significados sociais que as mulheres entrevistadas constroem em torno delas, assim como práticas discursivas vivenciadas em outros espaços. Pensamos que a inserção desses sujeitos em diferentes contextos institucionais implica o seu envolvimento em práticas discursivas, em relações de poder e em um processo permanente e intenso de constituição identitária. Embora saibamos que a realidade não é composta somente por elementos discursivos, somos conscientes da importância do discurso na construção dela e de que as identidades são representadas pela lingua-

gem e pelos sistemas simbólicos, sendo através de ambos que elas adquirem sentido (WOODWARD, 2000).

O sujeito contemporâneo apresenta múltiplas identidades, inseridas em relações de forças intensas e conflitantes. Seguindo as contribuições teóricas de Foucault, Hall (2000) defende que as identidades surgem no interior das práticas discursivas. Homens, mulheres, crianças... os seres humanos são afetados pelo discurso ou pelos discursos culturais, são portadores e produtores de significados, estão sujeitos a interpretações e são sujeitos de interpretações. Nessas práticas e através delas, construímos realidades, instituições, sujeitos, identidades, sentimentos, visto que a realidade e aquilo que a ela se associa apresentam uma dimensão discursiva (HALL, 2000; 2004; 2005), porque são percebidos por meio do discurso, que, como elemento do mecanismo geral de poder (FOUCAULT, 2003), age sobre os nossos modos de ser, habitar e viver no cotidiano. Porém, apesar do primado do enunciado, isso não implica pensar que as práticas não-discursivas são subjugadas e restritas às discursivas (FOUCAULT, 2005; DELEUZE, 2005).

Nessa perspectiva, as identidades dos sujeitos podem ser conhecidas através da observação das práticas discursivas e das não-discursivas que os envolvem, enredando-os, comprometendo-os. No caso das mulheres entrevistadas por nós, priorizamos as primeiras, mas dificilmente conseguiríamos estudar todas as práticas em que elas se inscrevem. Em consequência disso, como veremos nas análises dos dados, os seus relatos de vida nos permitiram analisar algumas delas, a saber: significados sobre elas elaborados por pessoas com quem elas conviviam; demandas do fenômeno da globalização; significados construídos sobre as mulheres em outros períodos históricos, mas que as afetam de algum modo; etc. Então, questionamos:

- que práticas discursivas e relações de poder envolvem e constituem as mulheres colaboradoras da nossa pesquisa?
- que posicionamentos identitários elas assumem em meio às práticas discursivas e relações de poder que as compreendem e que são identificadas em seus relatos?
- que marcas lingüísticas caracterizam no discurso das entrevistadas formas de resistência na constituição identitária?

Assim, cientes da nossa condição de envoltos pelo discurso ou por discursos, analisaremos relatos de vida concedidos por nossas colaboradoras, com o propósito

de problematizar a constituição de identidades de mulheres a partir de práticas discursivas e relações de poder vivenciadas por elas. Em outras palavras, objetivamos:

- investigar a constituição discursiva de identidades de mulheres na contemporaneidade;
- apontar práticas discursivas e relações de poder que envolvem mulheres e que convergem para a constituição de suas identidades;
- explorar na materialidade lingüística efeitos de sentidos que emanam das práticas discursivas e relações de poder que envolvem as colaboradoras na constituição de identidades em espaços privados e públicos.

Neste momento, com a vontade de melhor apresentar os resultados da nossa pesquisa, organizamos a presente dissertação em cinco seções, a saber, “Introdução”, “Contextualização da pesquisa”, “Discussões teóricas”, “Análise de dados”, “Considerações finais”. Na “Introdução”, apresentamos algumas considerações sobre o nosso interesse e envolvimento pelo objeto de estudo, questões e objetivos.

Na “Contextualização da pesquisa”, expomos trabalhos que se aproximam dos nossos interesses acadêmicos atuais, ou porque apresentam o mesmo objeto de estudo, a constituição discursiva de identidades, ou porque trabalham com sujeitos parecidos; no caso, mulheres adultas que retomaram a sua trajetória escolar. Em seguida, situamos o nosso trabalho na Lingüística Aplicada concebida como um campo de estudos lingüísticos mestiços (MOITA LOPES, 2004) ou inter e multidisciplinares (CELANI, 1992; SIGNORINI, 1999). Apresentamos a nossa abordagem metodológica, caracterizando a pesquisa como qualitativa de abordagem sócio-histórica (FREITAS, 2002).

As “Discussões teóricas”, dividimo-las em quatro subseções, com o propósito de discorrer sobre as temáticas que, diretamente, envolvem e constituem a nossa investigação. Na primeira subseção, tratamos do discurso baseados em autores como Pêcheux (1993; 2002) e Foucault (1988; 2003; 2004b; 2005), trazendo noções importantes para a análise dos relatos de vida dos sujeitos colaboradores. Na segunda, escrevemos sobre gênero social a partir de Butler (2003), Scott (1992; 1994; 1995), Kofes (1993), Grossi (1994; 1998), Heilborn e Sorj (1999), entre outros. Na terceira, elencamos três noções de identidade a partir de Hall (2004), registrando a que orienta as nossas reflexões nesta investigação. Problematizamos também as identidades na globalização, numa discussão que resvala na interconexão entre os avanços tecnológicos, as compressões espaço-temporais, a mobilidade espacial e o

processo de constituição de sujeitos e suas identidades na contemporaneidade. Utilizamos aqui as contribuições de autores já citados, como Hall (2000; 2004; 2005), e buscamos outros, como Bauman (1999; 2005), Canclini (2005), Woodward (2000), T. Silva (2000), Escosteguy (2001), por exemplo. Na quarta e última subseção, apresentamos a noção de poder adotada, fundamentando-nos em Foucault (1995; 1979; 2003; 2004a), Deleuze (2005), Butler (2003), Scott (1992; 1994; 1995) e Perrot (2005), para compreendermos as mulheres colaboradoras como sujeitos em trânsito e em exercício de poder.

Na “Análise de dados”, examinamos o *corpus* da nossa pesquisa, ou seja, os relatos de vida das mulheres entrevistadas, a fim de perceber: a constituição de identidades a partir de práticas discursivas e relações de forças vivenciadas no cotidiano, posicionamentos identitários em contextos urbanos globalizados, exercícios de poder na esfera doméstica e na extradoméstica, novos posicionamentos identitários. Para tanto, tentamos sustentar a nossa análise nas contribuições teóricas organizadas na seção citada no parágrafo anterior. Fizemos uso das noções de discurso, gênero, identidade, poder, além dos conceitos de interdiscurso, formação e prática discursivas.

Por fim, elaboramos as “Considerações finais”, em que retomamos questões e objetivos de pesquisa aqui expostos, com a finalidade de imprimir um sentido de conclusão, que sabemos ser ilusória, mas necessária à apresentação e estruturação de um texto. Arriscamos sugerir respostas – talvez seja melhor dizer que buscamos produzir sentidos – e até lançar alguma pergunta que possa integrar os nossos interesses em outro momento de atuação acadêmica ou os interesses de outros sujeitos preocupados com e afetados por questões de gênero. Após essa seção, trazemos as referências utilizadas no decorrer do nosso texto e, em anexo, disponibilizamos as entrevistas transcritas, que compõem o nosso *corpus*, a fim de que outros efeitos de sentidos surjam a partir da materialidade lingüística de suas falas, a fim de que outras práticas discursivas e relações de forças afetem os relatos de vida das mulheres colaboradoras.

2 CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA

Nesta seção, expomos informações que situam o nosso trabalho entre outros realizados, que abordam o mesmo objeto de pesquisa ou que têm sujeitos similares. Além disso, realizamos a caracterização da nossa pesquisa como qualitativa com abordagem sócio-histórica e tentamos inscrever-nos no campo de estudos lingüísticos aplicados, que mantêm uma interconexão com outras áreas acadêmicas. Além disso, registramos o procedimento de acesso e coleta aos dados e tecemos alguns comentários introdutórios a respeito das mulheres que colaboraram conosco.

2.1 Alguns estudos realizados

Nas Ciências Humanas e Sociais, áreas como Sociologia e Antropologia têm tradição nos estudos cujo objeto central são identidades sociais e culturais. No campo dos estudos lingüísticos e, em especial, dos lingüísticos aplicados, atualmente verificamos maior produção bibliográfica sobre a temática das identidades. Professores de diferentes instituições de ensino superior e de diversos programas de pós-graduação têm demonstrado preocupação em estudar e pesquisar a respeito da constituição discursiva de identidades em sala de aula e em outros contextos institucionais. Alguns direcionam o seu olhar para a relação entre algumas identidades e o desempenho discente no processo de ensino-aprendizagem; outros, para a relação entre identidades e o uso ou o processo de ensino-aprendizagem de línguas maternas ou estrangeiras; outros problematizam identidades profissionais, como é o caso dos pesquisadores que se preocupam com a formação docente.

Nesta subseção, apresentamos algumas pesquisas realizadas em torno da constituição discursiva de identidades, com especial atenção àquelas que abordaram as relações de gênero e àquelas cujos sujeitos são mulheres. Diante da quantidade e da qualidade de trabalhos que vêm sendo elaborados, vimo-nos com a dificuldade de selecionar esse ou aquele para a contextualização, arriscando-nos a uma possível injustiça, porque muitos podem colaborar com a construção do nosso estudo, mas não podemos elencar e comentar todos, quando os limites do texto e os

prazos exigidos nos cobram a tomada de decisões. De início, podemos ilustrar esse fato com as coletâneas “Língua(gem) e identidade” (SIGNORINI, 1998) e “Identidades fragmentadas” (MOITA LOPES, 2002), que divulgam pesquisas e reflexões significativas sobre essa temática. Além dessas coletâneas, há diversos meios de divulgação de investigações e ponderações acadêmicas, a saber, revistas universitárias especializadas, congressos etc.

De todo modo, é importante estarmos conscientes de que aqui apresentamos apenas alguns de tantos possíveis. Começamos com Oliveira (2006). Inserida num debate mais amplo, a autora debate a relação entre teoria e prática e a construção de identidades pedagógicas, observando o processo de formação docente inicial. Toma como objeto as grades curriculares dos cursos de Letras que visam a preparar professores de língua materna, em especial no que concerne ao ensino de língua escrita e de produção textual. A tese da autora “é a de que uma prática reflexiva, crítica, não pode se construir à margem dos saberes de referência” (OLIVEIRA, 2006). Ela critica a postura de cursos de Letras que ainda limitam a língua a ser um sistema de estruturas e de regras a serem seguidas. Conclui, afirmando que outras práticas discursivas no âmbito desses cursos é possível, à medida que demanda mudanças na concepção de língua adotada, a fim de transpor e desconstruir a rigidez das estruturas e das normas, para que se possa construir um outro olhar sobre a língua, “[...] como uma realidade semiótica complexa, estruturada, porém plena de indeterminações, polissemias, atravessada pela condição dos seres históricos que a fazem emergir e dos quais é constitutiva [...]” (OLIVEIRA, 2006).

Numa perspectiva socioconstrucionista, Moita Lopes (2002) apresenta estudos em torno da constituição discursiva de identidades sociais de raça, de gênero e de sexualidade em contexto institucional de sala de aula de línguas. Em um dos estudos publicados, Moita Lopes, professor-pesquisador, e alunos-pesquisadores da Universidade Federal do Rio de Janeiro realizam uma pesquisa de natureza etnográfica em escola pública do Rio de Janeiro, especificamente em uma sala de aula de língua materna, da 5ª série do Ensino Fundamental. Os sujeitos da pesquisa são alunos com faixa etária entre onze e doze anos, de origem africana, considerados como melhores da turma. Como técnica de coleta de dados, observam aulas da turma e gravam-nas em áudio e vídeo; depois, realizam entrevistas com grupos de alunos, focalizando algum assunto que esteja atrelado à temática pesquisada. Durante

esses momentos, o grupo de pesquisadores observa os posicionamentos identitários dos alunos frente às diferenças que surgem no decorrer dos diálogos.

Magalhães (1995) analisa a modalidade escrita da língua em letreiros e placas nas ruas da cidade satélite Paranoá, em Brasília, e investiga a contribuição de traços lingüístico-textuais para a constituição da identidade de mulheres da comunidade que participam de um curso de alfabetização de adultos. Esse estudo compõe o projeto de pesquisa “Heterogeneidade em processos discursivos na educação”, coordenado pela própria pesquisadora e que obteve fomento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e da Universidade de Brasília. Ela articula a Análise de Discurso Crítica e a Etnografia Crítica. Partindo das idéias de que “As práticas discursivas de letramento têm caráter institucional ou comunitário, constituindo identidades, valores e crenças mediadas pelo meio escrito” (MAGALHÃES, 1995, p.205) e de que a identidade social é efeito do discurso e é prática social, na tentativa de perceber a relação entre a escrita e a construção identitária, essa pesquisa traz uma análise dos relatos de Mariana, uma mulher que tem trinta e cinco anos de idade, que reside no Paranoá e que é estudante da alfabetização de adultos. No decorrer da pesquisa, a autora percebe uma diversidade de usos da escrita na comunidade, embora parte considerável da população local seja não-alfabetizada. Quanto à análise da constituição identitária do sujeito da pesquisa, percebe posições de sujeito heterogêneas que advêm de práticas discursivas diferentes e até contraditórias.

Como parte do projeto “Interdiscursividade, letramento, identidade”, Magalhães (2003) busca analisar as relações de gênero e a constituição da identidade de gênero, examinando a produção textual e a interação de alunos, alunas, alfabetizadores e alfabetizadoras de jovens e adultos pouco escolarizados. Propõe como questão: “Qual é o discurso predominante nos jornais, na sala de aula e nas entrevistas – o discurso tradicional, de controle da mulher, ou o de emancipação?” (MAGALHÃES, 2003, p.35). A análise da autora abrange a produção do jornal “Resgatando” por parte daqueles sujeitos, observações sobre o debate em sala de aula sobre dois textos publicitários – um sobre um produto de beleza; outro sobre uma bebida – e entrevistas realizadas com quatro alfabetizandas. Na elaboração do jornal e nas aulas observadas, envolvem-se participantes do Grupo de Alfabetização de Jovens e Adultos do Paranoá; já as entrevistas são concedidas por alunas do Programa de Alfabetização de Adultos da Universidade Católica de Brasília, na cidade sa-

télite Taguatinga. Em termos de conclusão, a autora assinala que o discurso de emancipação prevalece no jornal *Resgatando*; na interação em sala de aula, apesar de os anúncios poderem ser explorados sob o viés de gênero, ela não define maior presença desse ou daquele discurso; por fim, ela evidencia que as alfabetizadas entrevistadas são mais afetadas pelo discurso tradicional, pelo discurso de controle da mulher, embora uma delas indique maiores esforços para mudar a sua identidade de gênero e para emancipar-se.

Kleiman (1998) pondera acerca das relações de gênero em uma sala de aula de adultos pouco escolarizados, observando a interação entre uma professora, um aluno e uma aluna. A pesquisadora registra o comportamento diferenciado da professora quando tem como interlocutor o aluno e quando tem a aluna como interlocutora: o primeiro obtém mais êxito em suas interrupções do que a segunda. Nas situações interacionais, as quais são atravessadas por relações de poder, identidades podem entrar em conflito: no caso estudado, registrou-se certo conflito entre as identidades de professora e de mulher, quando assumidas por aquela que ministrava a aula, pois ela agia com autoridade docente sobre os alunos, mas permitia que o aluno – e não a aluna – tomasse o turno de fala com frequência, interrompendo o seu turno, ao contrário do que acontecia com a aluna interlocutora, que, às vezes, tinha o silêncio como resposta da professora. Kleiman (1998) conclui que essa situação interacional é afetada por relações de poder dadas como típicas do relacionamento estabelecido entre professores e alunos e do relacionamento entre os sexos.

Inserida no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, Nogueira (2003) preocupa-se com mulheres adultas da periferia de Belo Horizonte (MG) que procuram a escolarização formal, assistindo a aulas noturnas na Educação de Jovens e Adultos, numa escola pública da rede municipal de ensino. A pesquisadora visa a: produzir conhecimento acerca de limitações e dificuldades que mulheres de camadas populares sofrem na busca por educação; favorecer a coesão entre gênero e educação de jovens e adultos como campos de saber; contribuir para que uma política de Educação de Jovens e Adultos considere as relações hierárquicas e desigualitárias entre os sexos e os gêneros, presentes na sociedade. As colaboradoras da pesquisa são seis ao todo, têm entre trinta e sete e sessenta e seis anos de idade e procedem de diferentes localidades de Minas Gerais e de outros Estados. Com exceção de uma, que não é paga por suas atividades, as demais desempenham tarefas domésticas remuneradas. Quanto à condição civil,

quatro são casadas; uma, solteira; uma, viúva. Quanto à condição étnico-racial, a autora aponta que quatro são negras, mas não explicita se elas se autodeclaram. Os dados são coletados através de entrevistas semi-estruturadas realizadas com seis colaboradoras, com dois maridos, com a coordenadora e quatro professoras do curso noturno de Educação de Jovens e Adultos. Além disso, os dados também compreendem análises da rotina escolar e de documentos redigidos pela instituição de ensino e pela Secretaria Municipal de Educação. Nogueira (2003, p.74) faz uso do “conceito sociológico de motivação para a ação” e da categoria analítica gênero, com o propósito de analisar o significado da busca de escolarização “numa dupla dimensão: das relações estabelecidas pelos sujeitos ao longo da trajetória de vida e das relações estabelecidas com a escola”.

Com o propósito de estudar a retomada da trajetória escolar por parte de alunos de Educação de Jovens e Adultos – resultando na sua dissertação de mestrado, cursado no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) –, Almeida (2003) mantém contato com quatro sujeitos advindos da zona rural para Belo Horizonte (MG), onde participam de um curso de alfabetização de adultos. Três deles saíram do interior de Minas Gerais; um, do interior da Bahia. A pesquisadora tenta apreender os significados atribuídos por eles ao processo de alfabetização e, assim, explicar essa volta aos bancos escolares. Em relação à procedência dos sujeitos da sua pesquisa e às necessidades de uso da escrita nos contextos de origem, Almeida (2003, p.40-41) comenta que todos vêm da zona rural, onde compartilhavam os bens culturais e sociais de modo limitado; segundo a autora, um dos motivos para tal restrição era o conhecimento que detinham em relação à escrita:

[...] A experiência escolar de todos eles também mostrou um aprendizado bastante rudimentar no que se refere à aquisição da escrita.

[...].

Em uma comunidade onde se faz pouca utilização da escrita – nesse caso, as cidades de origem – as demandas apontadas estavam prioritariamente ligadas às raras práticas sociais de escrita. As demandas se restringiam à leitura e à escrita de cartas, o que podia ser resolvido com a ajuda das poucas pessoas que, nesses contextos, sabiam ler e escrever. Esses eram momentos de solidariedade e de cooperação entre amigos, parentes, vizinhos. Em raros casos, a leitura era utilizada para o lazer (apenas um dos sujeitos comenta que seu pai fazia leitura de poemas para a família).

Almeida (2003) afirma que os sujeitos da sua pesquisa apresentam necessidades de leitura e escrita estreitamente associadas ao cotidiano e promotoras de influência no ambiente sociocultural em que se inserem. Para a autora, a relevância dessas necessidades depende das atividades em que eles se envolvem. Ela (2003, p.41) conclui “[...] que o valor da escrita na sociedade e a participação em práticas de letramento interferem nos significados que os sujeitos adultos atribuem ao processo de alfabetização”. Em outros termos, o estudo em questão demonstra que os usos do código escrito, por simples ou complexos que pareçam ser, não são neutros, porque são construídos socialmente e, assim, submetidos ao tempo e ao espaço, contemplam significados sobre os seus participantes e sobre os próprios eventos em que se inserem, pois variam histórica e espacialmente.

Santos (2003) pesquisa a retomada da trajetória escolar por alunos do Programa de Ensino Fundamental de Jovens e Adultos (PROEF), uma atividade de extensão do Centro Pedagógico da Universidade Federal de Minas Gerais – essa investigação resultou na sua dissertação de mestrado, cursado no Programa de Pós-graduação em Educação dessa instituição de ensino superior. A partir dos dados coletados nas entrevistas concedidas pelos sujeitos da sua pesquisa, ela elenca os seguintes fatores que motivam e facilitam a permanência deles em contexto escolar: a recepção e o acolhimento dos alunos por parte daqueles que formam a equipe do PROEF; o vínculo construído e estabelecido com os professores; o fornecimento de uma refeição antes do início das aulas; a concepção do aluno enquanto portador de uma história de vida, experiências, aspirações, expectativas, medos, direitos e deveres; a chance de falar. Quanto aos fatores dificultadores, ela lista os seguintes: fracassos detectados nas experiências escolares anteriores; auto-estima baixa; constrangimentos sofridos em decorrência da baixa escolaridade; dificuldades de ordem financeira; reações negativas por parte de familiares e pessoas próximas; elaboração inadequada do material didático em relação às necessidades desses alunos; ritmo de aprendizagem julgado lento; tempo para dedicação aos estudos. A autora conclui que não basta uma quantidade suficiente de escolas para atender à demanda daqueles que buscam os programas destinados à educação de jovens e adultos não-alfabetizados ou com nível de escolaridade baixo. Logo, defende que pensar em elementos motivadores e facilitadores e em elementos dificultadores da trajetória

escolar de alunos adultos com escolaridade defasada é um passo que se dá na direção de resgatar o desejo de aprender desses sujeitos.

Nas pesquisas supracitadas, identificamos aproximações teóricas. Oliveira (2006) demonstra a importância de novas práticas discursivas para que se possa agir diferente e construir identidades no âmbito educacional, em especial na formação de professores de língua materna, o que nos faz atentar para a necessidade de novas práticas discursivas para (des)construir as nossas identidades de gênero; no caso dos nossos sujeitos colaboradores, a reflexão e possível mudança no seu modo de ser e habitar a contemporaneidade. Moita Lopes (2002) e Kleiman (1995) também contribuíram para observarmos os posicionamentos identitários no contexto da sala de aula. Embora não tenhamos realizado pesquisa etnográfica em ambiente escolar, esses autores colaboraram para que desenvolvêssemos um outro olhar sobre os nossos alunos e contatássemos alguns deles para um possível diálogo. No caso de Kleiman (1995), o interessante é que a sua pesquisa teve como sujeitos pessoas adultas e focalizava as relações entre homens e mulheres em sala de aula. Almeida (2003) e Santos (2003) possibilitam explicações que podem ser estendidas aos nossos sujeitos, em relação à retomada da trajetória escolar. Através de suas pesquisas, percebemos semelhanças entre adultos que voltam a estudar. Magalhães (1995; 2003) trouxe contribuições significativas, no sentido de que analisa discursivamente as falas de homens e mulheres em contextos de sala de aula, na interação entre si, na produção escrita e nas entrevistas realizadas. Embora tenhamos coletado dados apenas através da entrevista semidirigida, os trabalhos da autora indicou-nos diferentes possibilidades para essa fase da pesquisa, mas, principalmente, ela deu subsídios para notar que as mulheres entrevistadas podem posicionar-se num movimento entre discurso tradicionais de controle e discursos de emancipação da mulher.

O nosso estudo se caracteriza por alguns motivos. Primeiro, porque, apesar de os relatos de vida dos sujeitos mostrarem aproximações, cada um possui as suas singularidades, tornando-se especial, porque é na concretude do dia-a-dia que homens e mulheres – com as suas especificidades – se constituem. Segundo, porque utilizamos a entrevista como único instrumento de coleta de dados, tomando-a na perspectiva das pesquisas qualitativas numa abordagem sócio-histórica (FREITAS, 2002), como diálogo (BAKHTIN, 1997), promovendo a interação e a produção discursiva (PINHEIRO, 2000). Terceiro, porque, mesmo que tenhamos realizado as en-

trevistas em locais específicos, não idealizamos as entrevistadas como sujeitos aprisionados a esse ou àquele espaço, mas como sujeitos em trânsito. Por esse motivo, procuramos situá-las em práticas discursivas e relações de poder quotidianas.

2.2 Caracterização

O trabalho do pesquisador das Ciências Humanas e Sociais tem como objeto de estudo a realidade, os processos sociais que a compõem e os elementos que, direta e indiretamente, se associam a eles e contribuem para constituí-los. Esse pesquisador pode ser um sociólogo, um antropólogo, um psicólogo, um historiador, um lingüista, um lingüista aplicado... Dependendo da área de atuação acadêmica, cada um propõe uma investigação que contém especificidades em relação a outras pesquisas propostas por estudiosos de outras áreas. Em decorrência, ainda é específica a sua relação com o tema e o objeto estudados; mesmo que semelhantes, cada estudioso os vê sob perspectiva peculiar à sua área. Além disso, métodos e técnicas de coleta de dados podem ser característicos dos respectivos domínios científicos. Tudo isso intervém em inferências e conclusões a que possa chegar – o que acontece de igual modo, quando nos situamos em campos interdisciplinares, como é caso da Lingüística Aplicada.

Os fenômenos observados e investigados são os mais variados possíveis e multiplicam-se e/ou tornam-se complexos – ou mais complexos – a cada mudança por que passam as sociedades humanas. Os pesquisadores têm-se deparado cada vez mais com novos objetos de estudo e até com novas nuances de um mesmo objeto. A exemplo dos antropólogos que vêm descobrindo o exótico dentro da sua própria sociedade, ou seja, o que lhes parecia familiar é submetido a uma ação de estranhamento (VELHO, 1980), os lingüistas também vêm demonstrando modificações em suas perspectivas de estudo da linguagem, desde as concepções epistemológicas até os procedimentos metodológicos usados para o contato com o seu objeto e com os sujeitos de análise (MOITA LOPES, 2004; CELANI, 1992; SIGNORINI, 1999; HOFFNAGEL, 1999).

Pensem aqui nos estudos associados concomitantemente à linguagem e à constituição de identidades sociais. Eles podem ser tomados sob diferentes pers-

pectivas nas ciências lingüísticas. Adotar determinada vertente teórica implica adotar determinados conceitos e categorias empíricas e analíticas. De acordo com a posição teórico-metodológica assumida pelo pesquisador, pode-se pensar num modo distinto de conceber a língua, o sujeito, a identidade, a relação entre língua, sujeito e identidade.

Hoffnagel (1999) aponta quatro possibilidades de estudos sobre linguagem e identidade. A primeira compreende investigações que consideram a língua como traço de pertencimento a grupos socioculturais. Esses investimentos podem estar bastante associados a pesquisas de cunho antropológico, em especial à tentativa de reconhecimento de grupos étnicos, à política de identidade. A segunda possibilidade abrange estudos na área de Lingüística Aplicada, que abordam o uso de uma variante lingüística e as suas conseqüências em relação a atitudes, preconceitos lingüísticos, estereótipos sociais e exercício da cidadania. É importante salientar que a atuação dos estudos lingüísticos tem-se mostrado mais ampla, como sugere e defende Moita Lopes (2004). A terceira vertente elencada por Hoffnagel (1999) diz respeito à Sociolingüística, especificamente a Variacional, segundo a qual a posição social estabelece o uso de uma variante lingüística; em contraposição, outra abordagem sociolingüística sugere que a língua revela a sua identidade social. A quarta corresponde a teorias sociais críticas e construtivistas, que concebem a identidade não como algo *a priori*, mas como algo em processo e para o qual convergem inúmeros fatores, incluindo a linguagem, que, segundo essa perspectiva, é um dos comportamentos sociais que mais exibem, transmitem e projetam identidades.

No nosso caso, tendo como objeto a constituição discursiva de identidades, vemo-nos inseridos numa Lingüística Aplicada que interage com práticas discursivas que transpõem o território dos estudos lingüísticos. Tentamos registrar o nosso envolvimento numa interlocução interdisciplinar já nessa seção, quando dialogamos com Signorini (1999) e Moita Lopes (2004), entre outros, e, posteriormente, quando discorreremos sobre o processo de constituição identitária, resvalando em debates que não possuem certa tradição entre os estudos lingüísticos, como a globalização e relações de poder, por exemplo. Na próxima subseção, esclarecemos as posições que podemos assumir enquanto sujeito-pesquisador no decorrer dessa prática de dizer que vem acompanhada por práticas de ver (DELEUZE, 2005).

2.2.1 Abordagem metodológica

Com o propósito de situar os nossos esforços entre os estudos de Lingüística Aplicada que possibilitam o encontro investigativo em torno da linguagem e identidade, lembramos Signorini (1999), quando indica que muitas pesquisas nessa área apontam para duas tendências nem sempre excludentes no desenrolar do seu percurso. A primeira relaciona-se ao caráter disciplinar da Lingüística Aplicada, quando tomada como uma subárea da Lingüística que se volta para a mediação ou intermediação entre diferentes campos de estudo ou disciplinas de determinada área. A segunda relaciona-se à expansão da Lingüística Aplicada como uma área que mantém uma conexão com diferentes disciplinas e áreas de conhecimento e que avança por suas zonas fronteiriças, não se limitando a interagir somente com os estudos lingüísticos.

Os objetos de estudo desses percursos investigativos têm-se mostrado híbridos, relacionados ao sujeito e à sociedade, sob a influência de questões políticas, sociais e outras, não só em co-relação, mas, sobretudo, em constituição. Esses objetos não só podem ser encontrados em situações reais e específicas de uso da língua e da linguagem, a partir de perspectivas teórico-metodológicas transdisciplinares, visando a novos conceitos e alternativas teórico-metodológicas. Quanto à primeira tendência, o objeto corresponde a uma transposição de problemas que tradicionalmente se associam a uma área disciplinar. O pesquisador adepto dessa tendência geralmente se interessa não por desenhar um campo epistemológico próprio, mas por conferir e articular elementos teórico-metodológicos pertinentes a *tradições disciplinares de referência* em função de um respectivo domínio investigativo. Quanto à segunda tendência, busca-se um objeto influenciado por questões pertinentes ao sujeito e à sociedade, investigando situações reais de uso da língua e da linguagem em contextos específicos. Esse objeto é pensado a partir de pressupostos que vão além dos defendidos pela Lingüística considerada teórica; concebe-se a língua “a partir de um conceito múltiplo não unificado, produzido por percursos transdisciplinares de reflexão sobre as práticas focalizadas” (SIGNORINI, 1999, p.64).

Julgamos encontrar-nos na segunda tendência de estudos em Lingüística Aplicada, como sinalizado por Signorini (1999), pois tentamos manter uma conexão

com outras áreas de investigação, com outras disciplinas ou, pelo menos, com autores que se encontrem em campos científicos distintos. Conforme Celani (1992), a Lingüística Aplicada, quando concebida como uma área inter e multidisciplinar dos estudos lingüísticos, compartilha de teoria e metodologia de disciplinas diversas, como Antropologia, Sociologia, Pedagogia, Psicologia, entre outras.

De acordo com Machado (1979, p.XI), quando comenta como Foucault vê a teoria,

[...] toda teoria é provisória, acidental, dependente de um estado de desenvolvimento da pesquisa que aceita seus limites, seu inacabado, sua parcialidade, formulando conceitos que clarificam os dados – organizando-os, explicitando suas interrelações, desenvolvendo implicações – mas que, em seguida, são revistos, reformulados, substituídos a partir de novo material trabalhado.

É na efervescência da reformulação teórica e metodológica que se favorece a produção de novos saberes. Uma maneira de consegui-lo pode ser a revisão da teoria já existente; outra pode ser a descoberta de novos objetos de estudo, o que também pode suscitar uma revisão teórica e metodológica. Para tanto, espera-se que haja uma disponibilidade para dialogar com saberes advindos de outros espaços acadêmicos e para experimentar métodos e técnicas talvez considerados não muito familiares para muitos de nós, apesar de já presenciarmos mudanças no nosso jeito de fazer pesquisa, no nosso jeito de fazer lingüística e, em especial, lingüística aplicada.

No âmbito dos estudos da língua e da linguagem, é saudável e enriquecedora – arriscamos afirmar que é imprescindível – a leitura de livros, pesquisas, artigos elaborados por educadores, antropólogos, geógrafos, psicólogos, historiadores... E, além disso, também é imprescindível que transponhamos as fronteiras teóricas e que pratiquemos métodos e técnicas de pesquisa deles, a fim de constituirmos um hibridismo teórico-metodológico, chegando talvez àquilo que Moita Lopes (2004) tenta denominar de Lingüística Aplicada Mestiça.

Em nossa pesquisa, buscamos uma fundamentação híbrida, o que nos associa a uma Lingüística Aplicada inter e multidisciplinar (CELANI, 1992; SIGNORINI, 1999). Na tentativa de compreensão do sujeito e de suas identidades na modernida-

de líquida (BAUMAN, 1999), consideramos que as contribuições de alguns pensadores se mostram de bastante importância, como Giddens (1991; 2000; 2002), Bauman (1999; 2005), Hall (2000; 2004; 2005) e outros. Entre eles, Foucault (1979; 1988; 1995; entre outros) apresenta-se como um dos mais importantes, porque nos persuade a ponderar os sujeitos inseridos em relações de poder e a perceber o forte papel do discurso na constituição deles.

Além disso, escolhemos um objeto híbrido – a constituição discursiva de identidades –, que ecoa nos vários esforços investigativos que buscam compreender o sujeito na contemporaneidade, seja através da Antropologia, da Lingüística, da Educação, da Psicanálise, da Psicologia, da Sociologia, seja através de outros domínios científicos, cada um à sua maneira, fazendo uso dos seus conceitos e das suas categorias de análise (FISCHER, 2000). Nós nos voltamos para esse sujeito, que se dispersa por não conseguir ser uno, à medida que é exposto e se expõe a uma heterogeneidade de discursos que circulam no cotidiano e que o atravessam, dispersando-o em diversas funções e posições (FOUCAULT, 2004b). Assim, é mais coerente falarmos em sujeitos que são complexos e que habitam a contemporaneidade de modo disperso, atingidos pelas forças da globalização.

Segundo Veiga-Neto (2003, p.138), para compreendermos um sujeito numa perspectiva foucaultiana, é preciso tomá-lo de fora:

É preciso, então, tentar cercá-lo e examinar as camadas que o envolvem e que o constituem. Tais camadas são as muitas práticas discursivas e não discursivas, os variados saberes, que, uma vez descritos e problematizados, poderão revelar quem é esse sujeito, como ele chegou a ser o que dizemos que ele é e como se engendrou historicamente tudo isso que dizemos dele.

Tentamos perceber a constituição discursiva de identidades de mulheres na contemporaneidade. Não pretendemos aqui investigá-las por meio de conceitos universais, mas desejamos compreendê-las a partir de práticas discursivas e relações de poder vivenciadas em seu cotidiano, de acordo com os seus relatos de vida. Fazemos opção por desenvolver uma investigação qualitativa de abordagem sócio-histórica (FREITAS, 2002), tomando as entrevistadas como sujeitos marcados cultural, social e historicamente, que são portadores e produtores de significação, que

apresentam posicionamentos identitários em processo, em formação contínua. Observamos, aproximamo-nos, conversamos, entrevistamos... no esforço de relacionar o individual com o social, ou seja, de relacionar a identidade pessoal de mulheres que retomaram a sua trajetória escolar com a constituição discursiva de identidades coletivas no mundo contemporâneo.

Escutar essas mulheres é escutar relatos do vivido, de suas vidas consideradas comuns, sem motivos para serem alcançadas pelas luzes da mídia. Buscamos problematizar a vida, objetivando-a através de suas palavras, a fim de perceber as suas identidades, resistências e o seu envolvimento em práticas discursivas e relações de poder experienciadas em seu cotidiano. Além disso, aspiramos a evidenciar a concretude de mulheres distintas, silenciadas no processo de construção da história. Aqui buscamos registrar a voz de pessoas que representam alguns indivíduos e até grupos sociais que foram silenciados ao longo do processo de escrita da história. É mais um questionamento ou exemplo de que o sujeito universal não compreende a complexidade de sujeitos e identidades existentes nas diversas realidades sociais. É um ensaio de ruptura com um silêncio histórico.

2.2.2 Coleta e acesso aos dados

Diante dessa postura interdisciplinar da Lingüística Aplicada e diante da proposta de realização de uma pesquisa qualitativa de abordagem sócio-histórica, estamos conscientes de que a realização do estudo aqui proposto depende do percurso investigativo escolhido, o que implica ponderar acerca da coleta de dados e, primeiramente, de que técnica ou técnicas utilizar para a coleta. De acordo com o desenrolar da pesquisa, poderíamos fazer uso de diversificadas técnicas que a enriquecessem quanto aos dados coletados. Essas técnicas poderiam ser-nos exigidas a partir das necessidades impostas pelo próprio objeto e pela investigação, uma vez que “é no próprio ‘encontro’ entre ‘sujeito’ e ‘objeto’ que a realidade a ser pesquisada emerge, provocando um contínuo processo de reconstrução do objeto de pesquisa” (BUFFON, 1992, p.62).

Vejamos já aqui como Queiroz (1988, p.29) conceitua técnica:

[...] procedimento ou conjunto de procedimentos, de modos de fazer bem definidos e transmissíveis, destinados a alcançar determinados objetivos; como todo procedimento, é ação específica, sistemática e consciente, obedecendo a determinadas normas e visando determinado fim; é conservada e repetida se sua eficiência for comprovada pelos resultados obtidos.

Utilizamos a técnica da entrevista semidirigida para coletar relatos de vida de mulheres adultas que possuem um nível de escolaridade baixo e que voltaram a estudar, depois de muito tempo distantes de ambiente escolar. Anunciamos previamente para as entrevistadas o tema abordado em nossa pesquisa e, no momento da entrevista, dispúnhamos de um roteiro com palavras-chave e questões que nos orientavam (COMBESSIE, 2004). Embora, para alguns, possa parecer um tanto limitado o uso apenas dessa técnica de coleta de dados, adotamo-la apoiados em Freitas (2002). Para essa autora, a entrevista possui uma dimensão social na pesquisa qualitativa de abordagem sócio-histórica, não estando circunscrita à troca de perguntas e respostas pré-elaboradas, mas suscitando um momento de interlocução, de enunciação, de produção de linguagem, de significados sociais. É um momento em que pesquisador e pesquisado interagem enquanto indivíduos que ocupam determinados lugares sócio-históricos.

No caso da nossa pesquisa, a entrevista serve à função de registrar relatos de vida, que é uma maneira de descobrir práticas discursivas e não-discursivas em que está envolvido e por que é constituído o sujeito da pesquisa. Para Queiroz (1988, p.16), a transmissão do relato oral “tanto veicula noções adquiridas diretamente pelo narrador, que pode inclusive ser o agente daquilo que está relatando, quanto transmite noções adquiridas por outros meios que não a experiência direta, e também antigas tradições do grupo ou da coletividade”. Na verdade, pesquisamos com mulheres identidades de mulheres. Por esse motivo, a relação aqui é essencialmente entre sujeitos que produzem linguagem, melhor, produtores de e produzidos por discursos.

Como afirma Freitas (2002, p.24. Grifos da autora),

[...] nas ciências humanas, seu objeto de estudo [do pesquisador] é o homem, “ser expressivo e falante”. Diante dele, o pesquisador não pode se limitar ao ato contemplativo, pois encontra-se perante um sujeito que tem voz, e não pode apenas contemplá-lo, mas tem de falar com ele, estabelecer um diálogo com ele. Inverte-se, desta maneira, toda a situação, que passa de uma *interação sujeito-objeto* para uma *relação entre sujeitos*. De uma orientação monológica passa-se a uma perspectiva *dialógica*. Isso muda tudo em relação à pesquisa, uma vez que investigador e investigado são dois sujeitos em interação. O homem não pode ser apenas objeto de uma *explicação*, produto de uma só consciência, de um só sujeito, mas deve ser também *compreendido*, processo esse que supõe duas consciências, dois sujeitos, portanto, dialógico.

A entrevista configura-se numa prática discursiva, em que os sujeitos interagem, produzindo sentidos em torno daquilo que é narrado, assumindo determinados posicionamentos identitários, que são negociados a partir de como o outro se posiciona. Nas diversas práticas discursivas, nos mais variados contextos institucionais, há negociação de significados identitários no desenrolar da interação entre as pessoas e das posições que ocupam nesses contextos, em especial nas relações assimétricas (PINHEIRO, 2000). Nessa perspectiva, buscamos dialogar com as mulheres entrevistadas e encaramo-las como sujeitos históricos, sociais, culturais, discursivos, inseridos em relações de poder, em um contexto imediato e sócio-histórico (FREITAS, 2002).

Pensamos também que mais vozes se cruzam no empenho de explicação desse sujeito e de suas identidades. Interagimos com a nossa orientadora, com os autores lidos, com os examinadores da banca de qualificação e de defesa, com outros possíveis interlocutores. Além disso, somos comprometidos por práticas discursivas que nos antecedem (FOUCAULT, 2003) ou por vozes com que tentamos dialogar (BAKHTIN, 1997).

A interação entre pesquisador, objeto e colaboradores transforma em vivências as reflexões teórico-metodológicas com que temos contato antes de ir a campo (BUFFON, 1992), que pode ser distante ou não; no nosso caso, o campo pode ser configurado como o local escolhido pelas entrevistadas para a concessão da entrevista. Podemos dizer que essa interação é de caráter dialógico, pois existem sujeitos interagindo através do diálogo, que, para Bakhtin (1997, p.298), “é a forma mais simples e mais clássica da comunicação verbal”. Para nós que estudamos a linguagem e o seu uso em contextos imediatos e sócio-históricos, é válido pensar o vocá-

bulo *diálogo* em sentido amplo; não o compreendamos somente como conversas interpessoais. Atendamos a ressalva feita por Bakhtin (2004, p.123): “[...] pode-se compreender a palavra ‘diálogo’ num sentido amplo, isto é, não apenas como a comunicação em voz alta, de pessoas colocadas face a face, mas toda comunicação verbal, de qualquer tipo que seja”. Portanto, a entrevista enquanto prática discursiva não é marcada somente pelas vozes das pessoas presentes, entrevistador ou entrevistadora e entrevistado ou entrevistada, mas também por outras vozes, por uma rede de discursos heterogêneos.

O nosso *corpus* para análise conta com entrevistas concedidas por mulheres adultas que retomaram a sua trajetória escolar em programas de Educação de Jovens e Adultos, depois de algum tempo distantes do ambiente escolar, e que residem em Natal. Entramos em contato com algumas mulheres sobre a possibilidade de concederem-nos relatos sobre as suas vidas, a sua relação com a escolarização formal e com outras demandas da globalização, as suas identidades. Realizamos cinco entrevistas, mas apenas três foram transcritas, pois as fitas cassetes deram problemas de audição, talvez devido ao local onde foram gravadas.

É importante pensar no local onde as entrevistas foram concedidas, porque a escolha do local pode favorecer uma interação menos formal, apesar de também poder existir posicionamentos pré-definidos (PINHEIRO, 2000). Podemos perceber isso nas nossas entrevistas, quando as colaboradoras ficavam à espera da próxima pergunta, como se estivéssemos ali numa interação baseada na pergunta e na resposta automática. Talvez isso se deva aos significados atribuídos a esse tipo de atividade, associando-o à coleta de depoimento tão comum em alguns programas televisivos de massa ou a práticas discursivas de que participam em seu cotidiano, como a prestação de informações para preencher fichas de prontuário nos postos de saúde, para efetivar a matrícula em escolas, em cursos profissionais, entre outras.

Outro fator que pode ter contribuído para essa postura é o fato de termos exercido o papel de professor de duas das entrevistadas, as quais nos receberam em sua residência e conversamos em suas respectivas cozinhas, tomando café e, de vez em quando, sendo interrompidos por alguma visita ou por alguém que transitava pelo local e que, de certo modo, exigia a sua atenção. Em relação a uma delas, a presença do marido era motivo para que ela não se sentisse à vontade para conversar.

As outras mulheres que colaboraram conosco trabalham numa universidade pública do Rio Grande do Norte. Todas elas nos concederam a entrevista no próprio local de trabalho. Sob nossa sugestão, uma concordou em irmos para o último andar do prédio, onde havia menor trânsito de pessoas. Conversamos sem interrupção, a não ser quando um estudante saiu de uma sala de estudos para fumar e ela pediu um cigarro. Outra entrevistada preferiu ficar na copa onde trabalha, mesmo não tendo nenhuma obrigação naquele instante, o que atrapalhou a gravação da nossa conversa, porque a circulação de pessoas era intensa e muitas dessas faziam questão de falar com ela, chamando a sua atenção para aquele momento, o que parecia inflamá-la, fazendo-a sentir-se respeitável. Isso pode sugerir outro significado social atribuído à entrevista, como sendo essa uma prática da qual participam pessoas consideradas importantes, que têm alguma contribuição a dar, pelo menos, para aquele que a escuta. A última delas se recusou a irmos a outro local, insistiu em ficarmos num banco próximo à copa onde trabalha e no meio do corredor, demonstrava certa ansiedade e, sob a justificativa de que tinha um compromisso, encerrou a entrevista, deixando claro que poderíamos conversar noutro dia, o qual, até então, não chegou.

2.2.3 Sujeitos pesquisados

Das mulheres com quem tivemos contato, como já registramos, conseguimos transcrever somente os relatos de vida de três delas. Aqui apresentaremos alguns comentários a respeito dessas colaboradoras, a partir da retomada da trajetória escolar, que se configurou no principal critério para a escolha delas. Quanto à nomeação de cada uma delas, de início, pensamos em utilizar o vocábulo *mulher* atrelada a um número – a saber: mulher-01, mulher-02, mulher-03 –, porque mulher é uma categoria empírica no âmbito dos estudos de gênero (HEILBORN; SORJ, 1999; KOFES, 1993). Depois, no receio de que imperasse certa impessoalidade, optamos por nomeá-las com o seu primeiro nome. Porém, notamos que, desse modo, poderiam ser identificadas por alguém que trabalhasse na mesma instituição. Assim, com o compromisso de resguardar a imagem das colaboradoras e respeitar o seu direito de privacidade, resolvemos denominá-las com a letra *M* referindo-se à categoria empíri-

ca *mulher*, as letras inicial e final do primeiro nome delas e o ano em que a entrevista foi realizada.

MSA2004 nasceu em Arez (RN), onde viveu até os dez anos de idade, quando migrou para Natal (RN). Estudou muito pouco quando morava em sua cidade de origem. Depois de uma interrupção, voltou a estudar numa primeira vez, quando residia em Natal e já tinha dezesseis anos. Segundo os seus relatos, desde o início a sua trajetória escolar se mostra marcada por dificuldades de aprendizagem, mudanças de colégio, desistências e paradas: “la para outro colégio, não gostava do colégio. Pedia para voltar para aquele outro colégio. Voltava. E continuava e sempre não passava [...]. Aí, depois, saí do colégio e fiquei sem estudar. Agora, com muito tempo, foi que eu vim voltar a estudar” (MSA2004). Hoje, ela tem mais de quarenta anos, é casada e tem um filho e uma filha. Ela informa que o último retorno ocorreu há aproximadamente três anos, após o nascimento e crescimento dos filhos, porque, enquanto pequenos, a sua responsabilidade pelo cuidado e pela educação deles poderia ser um empecilho para o acesso e a freqüência à escola. Apesar de não mais exigirem cuidados concernentes à fase infantil, eles reclamam determinados posicionamentos identitários apropriados ao ambiente doméstico, quando ela está na escola, devendo identificar-se como estudante nesse contexto institucional. O fato de não conviver diariamente com o pai dos filhos obriga-a a assumir posicionamentos que, por vezes, podem ser atribuídos ao papel masculino.

MIA2004 nasceu em Cana-brava, comunidade do município de Macaíba (RN). Durante a infância, trabalhava com outros membros da família na lavoura. Iniciou a sua trajetória escolar com oito anos de idade, que foi suspensa, por mais de uma vez, devido às condições financeiras desfavoráveis à compra de material e transporte escolares. Passou a morar em Natal, trabalhando como empregada doméstica, mas retornou à sua cidade de origem, após assédio sexual do patrão, quando descobriu que ela já tinha uma filha e que era mãe solteira. Nesse regresso à casa dos pais, voltou a trabalhar na roça. Esse trabalho foi interrompido com a doença da mãe, fato que a obrigou a atuar somente no espaço privado, a fim de cuidar daquela e dos afazeres domésticos. Depois do falecimento da mãe, os cuidados foram reservados ao pai. Permaneceu na cidade de origem, junto aos familiares, até que decidiu buscar trabalho remunerado em Natal. Entretanto, a partida não aconteceu de imediato, pois ela esperou que a irmã fosse morar na casa dos pais de novo, com marido e filhos, para que pudesse morar em Natal mais uma vez. Nessa cidade, depois

de alguma experiência profissional, passou a conviver com o companheiro, que assumiu a sua ligação com a entrevistada, depois de ter ficado viúvo. De acordo com os seus relatos, a característica preponderante desse relacionamento parece ser as relações assimétricas de poder, expressadas também pelo sentimento de posse e pelos atos de violência física do companheiro em relação a MIA2004, que não possui a permissão de resolver problemas quotidianos, como, por exemplo, compras em supermercado, pagamentos bancários etc. A retomada da trajetória escolar dela resultou da permissão dele. Todavia, apesar disso, é possível percebermos estratégias de resistências ao poder exercido pela figura do homem.

MCO2005 nasceu em São Bento do Norte. Durante a infância, junto com os outros membros da família, trabalhava na lavoura. À noite, ia à escola, mas, de tão cansada, não aproveitava muitos das aulas: segundo ela, “ia só cochilar em cima dos birôs” (MCO2005). Casou, teve um filho e, após um irmão descobrir que ela era violentada pelo marido, foi levada de volta para a casa dos pais. Depois da separação conjugal, percebeu que se encontrava grávida. Mesmo assim, continuou com os pais. Enquanto trabalhava na lavoura, a mãe cuidava dos seus filhos. Com vinte e sete anos de idade, mudou-se para Natal, a fim de trabalhar na casa de um fazendeiro de sua cidade e que morava na capital do Estado. Trabalhava e mandava dinheiro para a família quinzenalmente, até que, algum tempo depois, trouxe para morar com ela os filhos e outros membros da família. Atualmente, desempenha a função de copeira numa instituição de ensino superior público, localizada no Estado do Rio Grande do Norte. Esse trabalho, ela o adquiriu mesmo com um nível de escolaridade considerado mínimo – o que não a conduz a retomada da trajetória escolar. Conforme a análise dos seus relatos de vida, notaremos posicionamentos identitários de alguém que se empenhou em conquistar certa estabilidade financeira, residência própria e, sobretudo, independência em relação a alguma figura masculina que exercesse o papel de marido, uma vez que é a provedora das necessidades do lar, não se casou mais, atua como chefe de família.

3 DISCUSSÕES TEÓRICAS

Nesta seção, apresentamos reflexões acerca das temáticas que o nosso trabalho abrange, de modo a dar-nos suporte para que analisemos excertos dos relatos de vida das mulheres que colaboraram conosco. Na primeira subseção, tentamos trazer alguns aspectos históricos e epistemológicos da Análise de Discurso francesa e acrescentamos algumas idéias de Foucault a respeito de discurso e da relação entre práticas discursivas e relações de poder. Fundamentamo-nos em autores como Pêcheux (1993; 2002), Orlandi (2003), Gregolin (2001), Henry (1993), Foucault (1988; 2003; 2004b; 2005). Nesse momento, registramos conceitos importantes para a análise, a saber: discurso, formação discursiva, interdiscurso, prática discursiva.

Na segunda subseção, abordamos gênero social. Registramos traços de uma trajetória de estudos sobre relações entre sexos, sobre mulheres e sobre gênero. Suscitando questões de ordem política e acadêmica e contribuindo para a concepção atual de gênero social, essa trajetória é concebida por nós como práticas discursivas em torno desses objetos. Buscamos no decorrer dessa explanação associar práticas discursivas e relações de poder como aspectos relevantes no processo de constituição de identidades de gênero e de um espaço acadêmico preocupado com essa temática. Apoiamo-nos em autores como Butler (2003), Grossi (1994; 1998), Scott (1992; 1994; 1995), Kofes (1993), Heilborn e Sorj (1999), entre outras pesquisadoras e outros pesquisadores nesse campo de estudo.

Na terceira subseção, dedicamo-nos a discorrer sobre identidades. De concepções que as concebiam como fixas, homogêneas e possuidoras de uma essência imutável, passamos a uma concepção de identidades como posicionamentos discursivos provisórios, como um construto em processo permanente de elaboração, algo que sofre as condições sócio-históricas que compõem os contextos institucionais, algo que é produzido a partir de práticas discursivas institucionais e relações de poder. Tentamos pensar o processo de constituição identitária no mundo contemporâneo, afetado pelo complexo de forças e processos que constituem a globalização recente. Buscando apoio nas idéias de autores como Bauman (1999; 2005), Hall (2000; 2004; 2005), Escosteguy (2001), Woodward (2000), T. Silva (2000), escrevemos a respeito de influências dos avanços tecnológicos e, conseqüentemente,

das compressões espaço-temporais sobre a produção dos sujeitos e de suas identidades no presente.

Na quarta e última subseção, tratamos da concepção de poder adotado neste trabalho. Envolvemo-nos em discorrer sobre os aspectos das relações de forças para Foucault (1995; 1979; 2003; 2004a; DELEUZE, 2005), as suas ligações com as práticas discursivas e a sua influência na constituição de sujeitos e de suas identidades, incluindo as de gênero. Nesse caso, consultamos especialmente as autoras Butler (2003), Scott (1992; 1994; 1995) e Perrot (2005).

3.1 Sobre discurso

Nesta dissertação, fazemos uso de conceitos da Análise de Discurso francesa (Doravante: AD), tributária das contribuições de Pêcheux (1993; 2002), que busca integrar campos do saber distintos – Linguística, Marxismo e Psicanálise – e que se estabelece numa década marcada por posicionamentos críticos de estudiosos franceses sobre questões não circunscritas ao meio acadêmico. Na década de 1960, percebem-se movimentos estudantis, sindicais, feministas, homossexuais..., bem como ponderações acerca de determinados conceitos – como o de leitura, interpretação, autor, leitor, sujeito – e acerca de determinadas posturas no fazer de pesquisas sociais e históricas. Nesse sentido, Maingueneau (1997, p.9-10) associa o surgimento da AD, na década citada, a uma tradição intelectual europeia de “associar fundamentalmente reflexão sobre os textos e história” e a uma prática de “‘explicação de textos’, presente sob múltiplas formas em todo o aparelho de ensino, da escola à Universidade”.

Nesse contexto, Pêcheux também se insere numa conjuntura intelectual marcada por releituras de autores considerados clássicos – Althusser relê Marx e Lacan, Freud – e por novas propostas teóricas e metodológicas referentes às ciências sociais e filosóficas – Barthes toma a leitura como escritura e Foucault propõe o seu método arqueológico para a pesquisa histórica (ORLANDI, 2003). Entre os estudiosos franceses e as suas contribuições teóricas, Althusser e a sua teoria marxista sobre a ideologia fornecem os principais subsídios para a abordagem de Pêcheux na teoria social (FAIRCLOUGH, 2001). A ambição desse autor parece pertinente ao

posicionamento crítico da época, quando ele pretende “abrir uma fissura teórica e científica no campo das ciências sociais, e, em particular, da psicologia social” (HENRY, 1993, p.14). Por esse motivo, ele busca apoio teórico em Althusser, em Lacan e em alguns aspectos do Estruturalismo.

Nessa época, sob pressupostos estruturalistas, intelectuais franceses discutem a concepção de escritura, articulando Lingüística, Marxismo e Psicanálise. Inserido nesse debate, além de criticar o fato de a Lingüística de Saussure esquivar-se da questão do sentido e priorizar a língua como sistema e não como meio para a expressão de sentido, Pêcheux (1993, p.61) também critica práticas de análises de textos realizadas naquele momento, na medida em que “[...] as questões concernentes aos usos semânticos e sintáticos colocados em evidência pelo texto ajudavam a responder às questões que diziam respeito ao sentido do texto (o que o autor ‘quis dizer’)”. Quanto a essa tentativa de apreensão de sentido, questiona-se se são considerados o leitor, a posição ocupada pelos interlocutores e o contexto de recepção do texto. Possivelmente não, porque o interesse é saber o que o autor quer dizer e não o que o leitor entende; e porque, através dos comentários de Pêcheux (1993) sobre os métodos de análise textual de então, dá a entender que, geralmente, as preocupações são muito mais gramaticais do que referentes ao processo de produção de sentidos. Percebemos certa fetichização da língua:

a ciência clássica da linguagem pretendia ser ao mesmo tempo *ciência da expressão* e *ciência dos meios desta expressão*, e o estudo gramatical e semântico era um meio a serviço de um fim, a saber, a compreensão do texto, da mesma forma que, no próprio texto, os ‘meios de expressão’ estavam a serviço do fim visado pelo produtor do texto (a saber: fazer-se compreender). (PÊCHEUX, 1993, p.61-62. Grifos do autor.).

Podemos inferir que a língua é fetichizada, porque, de acordo com o comentário de Pêcheux acima, os meios de expressão – tomados como elementos lingüísticos – são os instrumentos por que o autor se faz compreender. Parece-nos que a Lingüística se aproxima mais de uma ciência dos meios de expressão do que de uma ciência da expressão; daí, a negligência quanto ao sentido. Inserido naquela conjuntura intelectual mencionada anteriormente, Pêcheux mostra interesse pelos

significados possíveis de surgir com a leitura de textos, não só porque essa é uma lacuna deixada pelos estudos saussurianos, mas também porque a discussão em torno da escritura está em voga na França, nos anos de 1960.

Nesse período, uma crise epistemológica instala-se no interior da Lingüística em conseqüência daquele contexto sócio-histórico e acadêmico a que aludimos e, em especial, na mesma direção daquelas reflexões teóricas e metodológicas, resultante do desgaste sofrido pela Lingüística enquanto “ciência piloto” – assim é concebida pelo Estruturalismo, que transfere conceitos e métodos dessa área para outras, sem promover uma necessária reelaboração para a sua adequação e para a obtenção de êxito em seu uso. Segundo Gregolin (2001, p.11. Grifo da autora.), é diante dessa certa banalização da Lingüística que “Pêcheux vai propor a AD como uma crítica à concepção de ‘ciência piloto’, redimensionando o *corte saussureano*, perguntando-se como a ciência da linguagem poderia incorporar a investigação semântica”. Pêcheux (1993, p.66) indaga:

[...] com efeito, de que modo disciplinas como a etnologia, a crítica literária ou o estudo dos sistemas de signos próprios às civilizações ditas “de massa” podem fazer apelo à lingüística para responder a uma questão que se coloca precisamente sobre o terreno que a lingüística abandonou ao se constituir?

Com a crítica à imagem de “ciência piloto” da Lingüística, Pêcheux (1993) opõe-se às exclusões teóricas operadas por Saussure, a fim de constituir o objeto de estudo dessa área de conhecimento. Primeiro, este exclui a fala por considerá-la da parte do indivíduo e não do social. Segundo, exclui as instituições não-semiológicas do campo da Lingüística. Elegendo a língua o seu objeto de estudo, Saussure a define como algo homogêneo, da ordem do social – que se contrapõe à ordem do individual – e, por isso, inacessível à ação do indivíduo para a sua criação e modificação. Em detrimento desse posicionamento de Saussure e daqueles estudiosos que seguem as suas orientações sem qualquer reformulação, o texto permanece negligenciado, não só o texto em si, mas também aspectos que se encontram em seu redor e que convergem para a produção de sentido, a saber, noção de autor, de leitor, de sujeito etc. Em virtude disso, podemos afirmar que a AD advém de duas problematizações – uma a respeito do sujeito e outra a respeito da produção de senti-

dos em textos (GREGOLIN, 2001) – que não se excluem, mas por vezes se (con)fundem.

Apoiado em Althusser, que vem mostrar que a ideologia se manifesta em formas materiais e interpela os indivíduos em sujeitos – “os indivíduos são sempre-já sujeitos” (ALTHUSSER, 1974, p.102) –, Pêcheux acrescenta que a linguagem é uma das formas materiais da ideologia mais importantes e, destacando a natureza ideológica do signo lingüístico, ele faz uso do termo discurso. Entretanto, não podemos esquecer que Pêcheux não instaura essa visão sobre a linguagem, pois Bakhtin (2004) já indica a concretização de todo fenômeno ideológico em uma forma material: a palavra é uma dessas formas, é um dos vários signos ideológicos. Esses processos acontecem no interior das diversas instituições sociais existentes – a educação, a família, o direito, a prisão, o hospital etc. –, que funcionam como dimensões da instituição do Estado (ALTHUSSER, 1974).

É na linguagem que aspectos semióticos e ideológicos melhor se presentificam. Para Bakhtin (2004, p.36), o signo lingüístico “nada mais é do que a materialização” da comunicação social. Para esse autor (2004, p.37), “Todas as manifestações da criação ideológica – todos os signos não-verbais [e os verbais também] – banham-se no discurso e não podem ser nem totalmente isoladas nem totalmente separadas dele”.

A relação entre a materialidade lingüística e a ideologia apresenta como efeito o discurso, que é capaz de naturalizar realidades, bem como de criticar tal capacidade, que, de fato, é ficção. Assim como a linguagem pode tornar natural o processo de institucionalização de uma realidade social, em virtude de ocultar o aspecto histórico-social das suas instituições, ela também pode naturalizar o processo de produção de sentidos, divulgando uma transparência lingüística e mascarando aspectos históricos, sociais e ideológicos que influem na significação das palavras. Essa transparência, porém, inexistente; e o sentido surge quando na história a língua se inscreve enquanto sistema sintático susceptível à ambigüidade e à falha (ORLANDI, 2003). O sentido resulta dos processos discursivos por que sujeitos, textos e história são envolvidos (GREGOLIN, 2001), constitutivamente.

O envolvimento do sujeito com o texto e desses dois com a história impede que uma palavra, quando usada, seja compreendida pelo leitor somente da maneira pretendida pelo autor, ou somente na acepção dada como oficial, culta e apresentada em dicionário. Seguindo a metáfora de Pêcheux (2002, p.63), podemos inferir

que os efeitos de sentidos de uma palavra ou uma seqüência de enunciados dependem bem menos da vontade de expressão do seu produtor do que de elementos que circundam o contexto imediato e sócio-histórico da comunicação verbal:

Uma vez que foi posto fogo em uma granja, a propagação do incêndio depende da estrutura do madeiramento e das aberturas, da natureza e da disposição dos materiais e dos objetos que ela contém, da direção do vento, etc e não da vontade expressa pelo incendiário (de suas imprecações, palavras de vingança, etc).

A metáfora de Pêcheux conduz-nos à posição do incendiário acima. Quando falamos ou escrevemos, é arriscado esperarmos que só haja um efeito de sentido a partir das materialidades lingüísticas que disponibilizamos ao nosso interlocutor. É evidente que alguns cuidados são possíveis de serem tomados a fim de evitar um “incêndio” em grandes proporções. Embora não sejam suficientes, conhecimentos da estrutura e do funcionamento da língua podem orientar a produção de sentidos, mas não podem impor ao leitor um ou outro. De fato, propondo-se a não mais deixar os textos negligenciados, em acordo com analistas do discurso da França, na década de 1980, Pêcheux (2002, p.49) acredita na união “entre as práticas da ‘análise da linguagem ordinária’ (na perspectiva anti-positivista que se pode tirar da obra de Wittgenstein) e as práticas de ‘leitura’ de arranjos discursivo-textuais (oriundas de abordagens estruturais)”. Pêcheux afirma que, para trabalhar na perspectiva da AD, se fazem necessários os seguintes apontamentos: a) descrever para reconhecer o real da língua, ou seja, a descrição das materialidades discursivas; b) conceber todo enunciado como susceptível de tornar-se outro enunciado, de deslocar-se de um sentido para outro, de permitir a interpretação; c) reconhecer a inserção do discurso em redes de memória e trajetos sociais.

Devemos lembrar-nos de que o leitor de um texto é sujeito produtor de significados e é afetado pela língua e pela história. Isso implica que se façam sempre presentes em dizeres atuais, através da memória discursiva, dizeres ditos por outrem, em tempos passados. Isso torna o sujeito, concomitante e paradoxalmente, livre e submisso (ORLANDI, 2003). Foucault (2003, p.258) defende

[...] que há, em nossa sociedade e naquilo que somos, uma dimensão histórica profunda e, no interior desse espaço histórico, os acontecimentos discursivos que se produziram há séculos ou há anos são muito importantes. Somos inextricavelmente ligados aos acontecimentos discursivos. Em um certo sentido, não somos nada além do que aquilo que foi dito, há séculos, meses, semanas...

Logo, as leituras que as mulheres colaboradoras fazem de passagens das suas próprias vidas e aquelas que nós fazemos podem ser atravessadas por discursos múltiplos e distintos, favorecendo uma possível proliferação de significados que contribuam para a constituição de suas identidades. De acordo com o que foi posto por Foucault acima, as nossas colaboradoras – assim como outros sujeitos – são afetadas por práticas discursivas conflitantes, que podem ser caracterizadas tanto por tentativas de controle da mulher como por tentativas de emancipação, em direção a favorecer mudanças na constituição de identidades, em especial as de gênero.

Nesta dissertação, utilizamos da AD a noção de interdiscurso, que se associa a outras noções, como a de prática e de formação discursiva, embora todas essas se mostrem relevantes para a análise dos relatos de vida das entrevistadas. Os significados formulados por um sujeito – sobre ele, outro sujeito ou uma prática social – não são neutros nem primeiros, pois são afetados por sentidos elaborados por outros, em outras condições de produção, que são marcadas tanto por aspectos imediatos das assimetrias interacionais como por aspectos sócio-históricos. O sujeito não tem total controle sobre aquilo que é compreendido a partir do que foi dito por ele. Embora alguns autores defendam que ele não tenha controle, preferimos pensar que ele apenas não possui domínio, mas possui certo controle sobre os significados que pretende expressar, uma vez que o sujeito enuncia o seu texto a partir de um lugar social.

O discurso se insere não apenas em redes de memória e trajetos sociais (PÊCHEUX, 2002), mas também em relações de poder (FOUCAULT, 1988; 2003). No processo de produção discurso, o sujeito depende dos interlocutores envolvidos na situação comunicativa, das relações de poder estabelecidas, das condições de produção, dos enunciados associados a tais condições. Para Foucault (2003, p.254),

O discurso é uma série de elementos que operam no interior do mecanismo geral do poder. Conseqüentemente, é preciso considerar o discurso como uma série de acontecimentos, como acontecimentos políticos, através dos quais o poder é vinculado e orientado.

Tratar de discurso é, então, tratar de uma série (descontínua) de acontecimentos aos quais o exercício de poder está atrelado; desse modo, Foucault entretence poder e discurso. Este é tomado como um sistema de dispersão e de regularidades (FOUCAULT, 2005); aquele, como relações de forças que não são exercidas em um único lugar ou por um único sujeito, – o Estado, por exemplo –, mas são forças que se fazem presentes nas várias instâncias da vida quotidiana (FOUCAULT, 1979; 2003). Em conseqüência disso, compreendendo o acontecimento discursivo como acontecimento político, atribuímos à produção de significados importante papel na constituição de identidades culturais, sociais e pessoais.

Essa produção discursiva se realiza na relação entre o lingüístico e o social, quando se articulam formações ideológicas e formações discursivas. O conceito de formação discursiva é relevante à AD, porque através dele se procura estabelecer a articulação entre o discurso e a ideologia, compreendendo a produção de sentidos. As formações discursivas são regiões diferentes que recortam o interdiscurso e que refletem posições ideológicas, o modo como as posições de sujeitos e os seus lugares sociais aí são representados, ao passo que o interdiscurso se divide em diversas regiões ou formações discursivas que chegam desigualmente a diferentes locutores (ORLANDI, 2003).

Ao reconhecer que a formação discursiva, tomada de Foucault (2005), é o lugar da constituição de sentidos, aquilo que, em uma formação ideológica, determina o que pode e deve ser dito, Pêcheux denomina de interdiscurso “todo complexo dominante” das formações discursivas pela articulação no complexo das formações ideológicas. Toda formação discursiva dissimula pela transparência de sentido o que nela se institui. A noção de interdiscurso se define a partir de uma exterioridade constitutiva. A objetividade material do interdiscurso reside no fato de que algo fala sempre antes e independentemente, sob a dominação do complexo de formações ideológicas. Sempre há um discurso, ou seja, o dizível já está exterior ao sujeito, o que mostra que os efeitos de sentidos dependem do que é enunciável nas diferentes formações discursivas a que pertencem os seus sujeitos. Logo, conforme Foucault

(2003), como citamos anteriormente, se estamos *inextricavelmente* atrelados aos acontecimentos discursivos – que são, por sua vez, políticos –, pesquisar a constituição de identidades de mulheres que retomaram a sua trajetória escolar é pesquisar sujeitos que, ligados a esses acontecimentos, são atravessados por discursos, poderes, discursos de poder e – por que não dizer? – poder de discursos.

3.2 Sobre gênero

Para estudar mulheres e identidade de gênero hoje, é importante lembrarmos que uma trajetória vem sendo construída antes mesmo dos primeiros estudos especialmente preocupados com gênero e do movimento feminista, na segunda metade do século XX. De acordo com Franchetto, Cavalcanti e Heilborn (1981), devemos pensar em um movimento (social e político) feminista – também denominado de Novo Feminismo e cujas origens podem reportar às lutas ocorridas na segunda metade do século XIX, que tinham como propósito a concessão às mulheres do direito de votar – e em problemáticas (intelectuais) feministas – para as autoras (1981, p.16. Grifos das autoras), “poder-se-ia falar numa problemática feminista já a partir da clássica obra de Friedrich Engels, *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*, cuja primeira edição data de 1884”. Isso contribui para questionar a crença de que, no âmbito das ciências sociais e antropológicas, as pesquisas sobre as relações entre os sexos, sobre masculino e feminino e sobre as mulheres foram motivadas pelo feminismo (KOFES, 1993).

A trajetória a que aludimos foi iniciada com as pesquisas etnográficas realizadas por antropólogos e historiadores em suas empreitadas em sociedades distantes, observando e registrando os vários aspectos da sua vida quotidiana: a divisão das tarefas, o envolvimento entre os membros da comunidade, entre os membros da família... Monografias etnográficas têm descrito ritos a que se submetem homens e mulheres no decorrer da vida em comunidade, percebendo um tratamento discriminado conforme o sexo – o que é considerado, em culturas ditas primitivas, como *distinção social primária*, sobre a qual se organizam algumas instituições sociais (DOUGLAS apud KOFES, 1993, p.24) – e maior valorização de práticas associadas ao homem, em muitas sociedades.

O motivo dessa relevância atribuída àquilo considerado pertencente ao domínio do homem vem sendo ponderado por estudiosos de várias áreas científicas. Porém, as suas contestações insurgem a cada novo posicionamento teórico, seja este a favor do homem e contra a mulher, seja a favor da mulher e contra o homem. Posto que pesquisas etnográficas foram realizadas e registraram a existência de agrupamentos humanos cuja convivência entre os sexos transcorria com respeito mútuo, com política igualitária, alguns antropólogos insistem em afirmar que a submissão da mulher ao homem se faz indubitável entre os diversos povos.

Isso pode não passar de uma leitura um tanto etnocêntrica e androcêntrica da cultura do outro – leitura essa feita, na maioria das vezes, pelo homem europeu, branco, detentor de uma posição privilegiada em sua sociedade (GIL, 1990). Segundo Rosaldo e Lamphere (1979, p.18), imbuídos de *preconceitos ideológicos culturais*, em seus trabalhos etnográficos, antropólogos priorizaram as descrições daquilo que representava práticas e interesses dos homens, reservando às mulheres espaços e posições *relativamente invisíveis*. Porém, às vezes, um posicionamento etnocêntrico e androcêntrico também pode ser percebido mesmo em estudiosos e estudiosas feministas considerados pós-modernos (SORJ, 1992). De acordo com Flax (1991, p.242), a teoria feminista também compreende discursos com conceitos e noções *contraditórias e irreconciliáveis* a respeito das relações sociais em geral – alguns dos quais estereotipam determinadas atividades como masculinas e outras como femininas.

São questionáveis discursos totalizadores e cristalizadores quanto às relações entre os sexos e às identidades de gênero – seja numa mostra comparativa entre diferentes sociedades seja entre indivíduos de um mesmo grupo –, porque existe uma diversidade de comunidades humanas no mundo e porque a quantidade investigada pode ser considerada mínima, quando comparada ao seu total. Conforme Gil (1990, p.149. Grifos do autor.),

Ora os antropólogos estudaram até agora cerca de setecentas ou oitocentas sociedades, menos de um décimo do número global que propomos. Os dados sobre oitocentas e noventa destas sociedades estão hoje organizados num vasto ficheiro, os *Human Area Files*, no qual se encontram, para cada população, as informações sobre as relações homem-mulher, a divisão do trabalho, as relações de parentesco, os mitos. Mas existem menos de cinquenta monografias

sérias que tenham especificamente por objecto a análise das relações homem-mulher.

Não obstante ao fato de o autor supracitado questionar o alcance dessas informações em detrimento de, por muitas vezes, o olhar antropológico dos responsáveis por essas pesquisas ser etnocêntrico e androcêntrico, ansiamos que atualmente o contorno dos *Human Area Files* seja mais amplo. Gil (1990) comenta que a Antropologia abriga bastantes mulheres, o que se torna fator preponderante para modificar o viés dessa leitura, embora algumas pesquisadoras assumam a sua análise sob um ponto de vista masculino.

A história da humanidade quase sempre foi e é contada pela voz masculina, elegendo um sujeito universal, mas não representante de muitos indivíduos, como pobres, negros, mulheres, homossexuais... Essa postura teórica favorece uma visão dominadora do homem, como denunciam alguns pesquisadores (GIL, 1990; GERGEN, 1993; SOIHET, 1997; SHOTTER; LOGAN, 1993; FLAX, 1991). Algumas feministas acreditam que uma ciência realizada por mulheres apresente interpretações da realidade mais adequadas em comparação àquelas apresentadas pelos homens. Para elas, esses desenvolvem a sua análise dos acontecimentos no mundo através de perspectivas dicotômicas e excludentes – público ou privado, razão ou emoção, mente ou corpo etc. –; eles privilegiam os primeiros termos em detrimento dos segundos. Ao contrário deles, para algumas feministas, as mulheres abordam essas questões sem dissociá-las, elaborando leituras acuradas dos fenômenos sociais, pelo fato de envolverem-se bastante com atividades quotidianas da realidade, enquanto os homens se preocupam com questões administrativas e abstratas, segundo algumas delas (GERGEN, 1993).

A crítica a essa idéia de o homem ser o sexo forte, dominador e opressor – e, conseqüentemente, a de que a mulher é frágil, suscetível à submissão, dominação e opressão masculinas – foi impulsionada com a negação do sujeito universal contemplado pelos historiadores, investida pelas lutas de feministas e historiadoras, reunindo dados sobre mulheres em períodos históricos passados, argumentando a não funcionalidade das periodizações tradicionais com a consideração das mulheres enquanto sujeitos históricos também participantes dos fatos sociais, defendendo a dimensão pública da esfera privada (SCOTT, 1992). Como esses dados e aspectos

não eram abordados por aqueles – geralmente homens – que escreviam a história da humanidade, o que excluía as mulheres dela, esses esforços cuja intensidade talvez tenha sido maior na década de 1960 mostraram que a história apresentada até então era parcial, já que, ao invés de contemplar homens e mulheres, abrangia-os exclusivamente.

É necessário, contudo, ponderar que as críticas feministas dirigidas ao conhecimento científico elaborado pelos homens também podiam ser direcionadas aos seus esforços investigativos, ou seja, o conhecimento feminista também estava exposto às mesmas críticas. As mulheres que reivindicavam uma história que as contemplasse ocupavam um espaço social privilegiado, exerciam determinadas posições sociais, pertenciam a certos grupos e não a outros. Se criticavam o fato de a história ser escrita por homens brancos com posição social privilegiada, podiam ser criticadas porque quem se dispunha a produzir esse conhecimento feminista era branca com posição social privilegiada e que tinham acesso ao saber científico (FRANCHETTO; CAVALCANTI; HEILBORN, 1981). Queremos dizer que, assim como antes, quando apenas alguns homens tinham o direito de registrar a história não representando o olhar de outros sujeitos, mesmo com as reivindicações feministas, essa exclusão continuaria, pois mulheres negras, por exemplo, permaneciam sem este direito, do mesmo modo que homens negros, homens brancos pobres, mulheres brancas pobres, entre outros e outras.

As reivindicações das historiadoras correspondem a formas de discurso. As críticas feministas a uma ciência considerada androcêntrica são práticas discursivas. Existem diferentes possibilidades de discurso que não necessariamente excluem os outros – o que questiona o argumento de algumas feministas em relação à inadequação e até a invalidade da ciência tradicional produzida pelos homens. Conforme Gergen (1993, p.60),

Com efeito, os eventos reais só servem enquanto evidência se se optar por uma determinada prática discursiva. Não há nada nos eventos em si mesmos que prescreva qual a prática pela qual se deve optar. Assim, o que conta como fato, neste caso, é determinado não pelo que está ali, mas pela linha particular de discurso interpretativo com a qual a pessoa está comprometida.

Nesse sentido, a história das mulheres surge como possibilidade de discurso ou contradiscurso fundamental para desmistificar correntes historiográficas tributárias dos princípios iluministas, que se consideravam imparciais, defensoras e detentoras da verdade (SOIHET, 1997). A institucionalização da história das mulheres como disciplina acadêmica vem acompanhada do movimento feminista (SCOTT, 1992; HEILBORN; SORJ, 1999). Teoria e política encontravam-se juntas nesse processo de institucionalização, principalmente porque a história das mulheres ainda despendia muitos esforços para que a sua existência e atuação acadêmicas fossem aceitas pelos seus pares (SCOTT, 1992).

No século XX, os estudos sobre mulheres e suas condições de vida resultaram das pelejas sociais e políticas da década de 1960, como: “as revoltas estudantis de maio em Paris, a primavera de Praga na Tchecoslováquia, os black panthers, o movimento hippie e as lutas contra a guerra do Vietnam nos EUA, a luta contra a ditadura militar no Brasil” (GROSSI, 1998, p.2). Esses movimentos reivindicavam condições melhores de vida, lutavam contra relações desigualitárias de classe, raça, sexo, entre outras. Nesse cenário – em que emergem questionamentos em torno de assuntos considerados tabus em muitas sociedades ocidentais, como: a sexualidade, a virgindade, o uso de anticoncepcionais –, o feminismo surge como movimento social e político organizado, que possibilita um espaço de e para atuação e representação das mulheres.

As teorizações feministas visam a analisar as relações de gênero, direcionando o seu olhar para situações vivenciadas por mulheres em realidades diversas, dominação masculina e outros temas. Flax (1991) considera a teoria feminista como uma das três correntes de pensamento melhor representantes da contemporaneidade; as outras duas são, para ela, a psicanálise e a filosofia pós-moderna. Paradoxalmente, elas se mostram tributárias de e críticas a idéias do Iluminismo. Sob os preceitos iluministas, a diferença do outro foi ignorada e discriminada; as mulheres, por exemplo, foram excluídas do olhar de filósofos como Kant. O Iluminismo mascarou a relação entre o eu e as práticas sociais, contribuindo para a difusão da idéia de identidade como algo fixo, transcendental, imune à realidade. Porém, apesar do aparecimento de outros modos de ver o sujeito, a crença de que a razão se encontra desassociada da *existência “meramente contingente”* ainda se faz presente na teoria, na prática e nos saberes ocidentais na contemporaneidade, correndo o risco de conceber a existência de sujeito e identidade transcendentais (FLAX, 1991).

Na década de 1970, instituíram as mulheres como objeto de pesquisa. Segundo Scott (1992), o discurso que produziu a identidade coletiva das mulheres, representadas pelo movimento de mulheres nesse período, considerava-as separadas dos homens, contemplava as diferenças sociais e destacava como fator comum entre as mulheres a sua sexualidade e aspectos relacionados a ela. No final dessa década e na seguinte, com a política de identidade, a categoria mulheres foi questionada como objeto de estudo da história das mulheres, o que provocou a adoção da diferença como ponto central a ser pensado pela disciplina. Ponderou-se a idéia de que mulher(es) como a categoria representada pelo movimento feminista implicava pensar que todas as mulheres apresentavam uma mesma identidade e indagou-se se a categoria mulher ou mulheres abrangeria a diversidade de mulheres existentes nas mais diversas realidades sociais. Como afirmam Franchetto, Cavalcanti e Heilborn (1981, p.43), “a mulher, como sujeito social que se afirma, não é uma realidade homogênea e monolítica, mas vive, existe na concretude das diferenças sociais e culturais que a constituem”.

Esse momento se mostrou relevante para o desenvolvimento da disciplina e do próprio movimento feminista. Em consequência da preocupação iminente com a diferença, esse novo campo de estudos ampliou o seu foco e mulher foi o termo adotado como categoria empírica, assim como homem; por outro lado, gênero foi tomado como categoria analítica (SCOTT, 1992; 1995; HEILBORN; SORJ, 1999). Com esta última categoria, os pesquisadores buscaram contemplar questões sociais em contraste com questões físicas que envolvem machos e fêmeas – biologicamente falando –, considerando o teor relacional da categoria gênero, tanto em comunhão entre os indivíduos de sexos distintos quanto entre sistemas de gênero diferenciados, de raça, de classe, de etnia, de sexualidade, entre outros. Fazendo uso das palavras de Scott (1992, p.87),

[...] não se pode conceber mulheres, exceto se elas forem definidas em relação aos homens, nem homens, exceto quando eles forem diferenciados das mulheres. Além disso, uma vez que o gênero foi definido como relativo aos contextos social e cultural, foi possível pensar em termos de diferentes sistemas de gênero e nas relações daqueles com outras categorias como raça, classe ou etnia, assim em levar em conta a mudança.

Esse cruzamento de categorias também é sugerido por Crenshaw (2002) com o propósito de produzir uma análise interseccional de gênero, favorecendo uma análise ampla das situações de discriminação enfrentadas por mulheres e homens de vários grupos sociais. Acreditamos que essa tarefa demande investimentos mais complexos de investigação, a fim de que se consiga coletar maior quantidade de dados sobre os indivíduos e as sociedades em que eles se inserem: cotidiano, trajetórias de vida, questões históricas etc.

O posicionamento descritivo freqüentemente percebido nessas pesquisas é, no entanto, criticado por alguns estudiosos e algumas estudiosas de gênero. Para alguns, não basta descrever as relações de gênero. Não basta ir a campo e registrar aquilo observado como relacionado à vida de homens, de mulheres e de homens e mulheres. Nesses estudos descritivos, não há uma tentativa de interrogar os arranjos de gênero existentes nos grupos sociais pesquisados, a fim de buscar a possibilidade de mudá-los, ou não. Para outros e outras, a necessidade de estudos teóricos – tanto quanto de estudos descritivos – converge para a necessidade de questionar relações de poder e resistir a elas (SCOTT, 1995), aspirando a um distanciamento crítico na tentativa de interferir nas realidades investigadas (FLAX, 1991). Por este motivo, a eminência das teorizações acerca de gênero é defendida por pesquisadoras como Scott (1995), não se restringindo em análises de determinadas atividades para homens e outras para mulheres, superando a separação de esferas.

Os estudos de cunho teórico podem concorrer para análises que ampliem a atuação histórica das mulheres, inclusive na política, que “foi a trincheira de resistência à inclusão de materiais ou questões sobre as mulheres e o gênero” (SOIHET, 1997, p.104). Por isto, vemos a relevância de estudos de gênero no âmbito das esferas pública e privada, abrangendo o cotidiano. O uso do binômio dominação/subordinação – correspondendo o primeiro aos homens e o segundo às mulheres – pode impedir-nos de observar a existência de contra-poderes, de formas de resistência utilizadas por aqueles que são tomados como dominados. No caso das mulheres, por exemplo, citam-se: o poder maternal, social, sedutor, sobre outras mulheres etc.

Essa percepção de poderes que podem ser exercidos pelas mulheres resulta das contribuições oferecidas por Foucault (1979; 1995; 2004a; DELEUZE, 2005), porque esse autor concebe relações de poder como relações de forças praticadas

quotidiana e dinamicamente, atravessando e através de nossos corpos, comportamentos, discursos, instituições etc. No cerne dessas relações de forças, para o autor (2004a), a resistência é um elemento-chave, pois sem ela o indivíduo obedece e o outro não exerce poder. Diante da resistência da mulher, o homem é obrigado a re-direcionar as suas estratégias de poder. Quando ele pensa que pode dominá-la, ela resiste, exercendo também poder, um agindo sobre os comportamentos do outro, constituindo os significados identitários de ambos.

Segundo Foucault (1995, p.240), “O termo ‘poder’ designa relações entre ‘parceiros’ (entendendo-se por isto não um sistema de jogo, mas apenas – e permanecendo, por enquanto, na maior generalidade – um conjunto de ações que se induzem e se respondem umas às outras)”. Isso nos remete ao aspecto relacional da categoria gênero, da constituição de homens e mulheres, apontado por Scott (1992); além disso, Scott (1995) defende o gênero como um dos primeiros campos que promovem e sobre o qual promovem a articulação de significados de poder.

Pensar a identidade de gênero no presente não permite limitar-nos a pensar que feminino é aquilo atribuído à mulher e masculino, aquilo atribuído ao homem. É verdade que, de início, informações consideradas femininas ou masculinas foram e são elaboradas com base no comportamento de mulheres e homens, respectivamente, em determinados contextos socioculturais, ou seja, em realidades socioculturais distintas eram percebidas noções de gênero distintas, embora haja investimentos científicos totalizadores que insinuem uma essência feminina e uma masculina. De acordo com Butler (2003, p.26),

Em algumas explicações, a idéia de que o gênero é construído sugere um certo determinismo de significados do gênero, inscritos em corpos anatomicamente diferenciados, sendo esses corpos compreendidos como recipientes passivos de uma lei cultural inexorável.

Como já expusemos, nos primórdios dos estudos sobre homens e mulheres ou sobre gênero, as reflexões eram elaboradas em torno das características biológicas, melhor, a partir delas. Com o decorrer dos esforços investigativos nesse sentido, gradativamente se passou a focalizar aspectos socioculturais em torno do comportamento de homens e de mulheres, bem como dos objetos materiais relaciona-

dos aos mesmos. De fato, é importante atentarmos para isso, porque sabemos que os seres humanos – e os seus corpos – são afetados por discursos já antes do nascimento, quando ainda se encontram no ventre das mães (BUTLER apud LOURO, 2004; GROSSI, 1998).

Cientes da existência de espaços em que convivem pessoas que possuem o mesmo sexo biológico – por exemplo, um convento, um monastério, um presídio etc. –, podemos nos questionar como acontece a constituição da identidade de gênero nos indivíduos habitantes desses espaços. Se pensarmos somente que o gênero de um homem é construído quando este interage com uma mulher, então, poderíamos defender que o gênero sucumbe a esses contextos; de acordo com Segato (1997), as relações de gênero são aí exercidas, e ela tenta explicá-las através da possibilidade de permuta de significados sociais de gênero, já que este é visto não como algo concreto, observável, mas como uma estrutura de caráter abstrato, como transposições do campo cognitivo para o campo empírico, como posições relativas que podem ser representadas por corpos de homens ou de mulheres no cotidiano, não através de uma obrigatoriedade dicotômica – ou seja, aquilo considerado feminino não será somente transposto para e representado por um corpo de mulher, nem aquilo considerado masculino não será apenas transportado para e representado por um corpo de homem.

Nessa perspectiva, não acreditamos numa possível essência dos gêneros sociais e preferimos refleti-los como posicionamentos discursivos, assim como tomamos as identidades sociais de raça, sexualidade, idade... (HALL, 2004). Na época em que vivemos, feminino e masculino são adjetivos que podem ser associados aos dois sexos biológicos. Como exemplo, tomemos a travesti: biologicamente é macho, mas socialmente muitas delas exercem o papel social de mulher e comportam-se de maneira considerada feminina em nossa sociedade. Essa parece ser mais uma questão para o feminismo contemporâneo, sendo obrigado a repensar o sujeito que representa. Se teorias críticas pós-modernas discorrem sobre o surgimento de identidades múltiplas e heterogêneas, não dicotômicas, talvez as teorias e o movimento feministas devam abdicar do binarismo feminino/masculino como estruturante das relações sociais e de poder entre as pessoas (SORJ, 1992).

Scott (1995) percebe o gênero a partir de duas perspectivas, que, de fato, se complementam. Por um lado, toma gênero como constituinte das relações sociais fundamentadas nas diferenças observadas entre os sexos, entre machos e fêmeas;

por outro, concebe-o como um dos campos primários constituintes das relações de poder. Associados a gênero como elemento envolvido na constituição das relações sociais, a autora elenca quatro elementos que concorrem para a formação da identidade social de gênero, a saber: símbolos culturais, conceitos normativos, instituições e organização sociais e identidade subjetiva.

Os símbolos culturais – figuras bíblicas como Eva, Maria, Maria Madalena, Jesus, Hércules, mitos etc. – evocam representações em torno dos sexos, podendo incitar significados contraditórios ou não e dependentes das realidades socioculturais em que são acionados. Os conceitos normativos implicam em tentativas de repressar possibilidades metafóricas, melhor, as possibilidades de produção de significados em torno dos sexos. A repressão exercida sobre determinados significados de gênero é uma estratégia de legitimação de outros significados considerados como os únicos possíveis. Apesar disso, em um movimento de resistência, esses conceitos normativos são abertamente questionados, contraditos, contestados. Em relação ao terceiro elemento constituinte do gênero, a autora busca ampliar a nossa visão do processo de construção de gênero, não se limitando a pensar que as bases da organização social seriam os sistemas de parentesco e a família. Ela percebe outras instituições, a saber, escola, economia, política, educação, mercado de trabalho... Quanto à identidade subjetiva como o quarto aspecto de gênero, a autora assume a idéia de Rubin Gayle de que a sexualidade biológica dos indivíduos é transformada quando submetida a um processo de enculturação. Porém, defende que esse processo de transformação não pode limitar-se pelo medo da castração, a fim de contemplar o aspecto histórico concernente a construção das identidades de gênero dos indivíduos. Embora Scott (1995) situe esses quatro elementos na primeira perspectiva através da qual ela concebe gênero, isso não a distancia da outra, visto que a articulação de relações sociais se associa à articulação de relações de poder.

Por conseguinte, se gênero é tomado como aspecto constituinte das relações sociais e como um dos primeiros campos sobre o qual se elaboram significados de poder, Scott (1995) comenta que através do gênero o poder (político) é *concebido, legitimado e criticado*. Além disso, paradoxalmente ele alude aos significados de gênero e os institui, favorecendo a manutenção do binarismo feminino/masculino. Segundo Scott (1995, p.92), “a oposição binária e o processo social das relações de gênero tornam-se parte do próprio significado de poder; pôr em questão ou alterar qualquer de seus aspectos ameaça o sistema inteiro”. Percebemos aqui uma rela-

ção de constitutividade entre gênero e poder, mas também nos parece que as estruturas desse sistema estão fixadas, sem possíveis alterações, e que as estruturas de gênero se inscrevem, dicotômica e distintamente, em anatomias de homens e de mulheres – algo que Segato (1997) nos mostra o contrário.

Scott (1995) indaga como a mudança sucede e adianta a sua resposta, sugerindo o aparecimento de múltiplos focos de mudança – preferimos usar a expressão focos de resistência – e apontando a emergência de novos símbolos culturais – o que também pode ser visto como uma estratégia de resistência. Escolhemos essa expressão porque se configura num elemento-chave das relações de forças, como Foucault (2004a) aponta e como já citamos antes. Talvez uma dessas estratégias seja promovida pela desconstrução discursiva ou pela análise pós-estruturalista (SCOTT, 1992; 1994), pelo questionamento de significados sociais que circulam livremente em torno dos sexos nas sociedades e culturas humanas. Não é que tudo seja discurso ou que tudo seja texto, como critica Flax (1991) a postura de feministas francesas. Todas as práticas sociais – incluindo as relações interpessoais e, mesmo, os estudos de gênero – têm uma dimensão discursiva, sendo atravessadas e constituídas por discursos de cultura e por relações de poder (HALL, 2005).

3.3 Sobre identidade(s)

Antes de iniciarmos qualquer discussão acerca de identidades, é relevante atentarmos para o fato de que as idéias aqui expostas ainda se encontram em construção e, por isso, não podem ser tomadas como conclusivas. Na verdade, estão abertas a questionamentos, a contestações. “O próprio conceito com o qual estamos lidando, ‘identidade’, é demasiadamente complexo, muito pouco desenvolvido e muito pouco compreendido na ciência social contemporânea para ser definitivamente posto à prova”, nas palavras de Hall (2004, p.8). Assim como outros fenômenos sociais, a constituição identitária sempre se encontra em processo de formulação cultural, social e pessoal e, por conseguinte, teórica, sendo submetida a reelaborações, a reconfigurações que repercutem as mudanças ocorridas e que vem ocorrendo nas sociedades, principalmente nos tempos atuais, em que a globalização desestabiliza referências culturais tidas como estáveis e essenciais para a manuten-

ção da ordem social instituída em sociedades modernas – a saber, exemplos de categorias (re)postas pela ótica dicotomizante da modernidade e repensadas sob a ótica da pós-modernidade¹: público/privado, popular/culto, primitivo/civilizado, moderno/pós-moderno etc.

A dificuldade em abordar identidades reflete, por vezes, na adoção dos termos lexicais registrados na fala e na escrita daqueles que se envolvem com esse objeto de investigação, a saber, constituir, constituição, construir, construção, produzir, produção (HALL, 2000; 2004; MOITA LOPES, 2002; SILVA, T., 2000; WOODWARD, 2000), assumir, assunção, (re)afirmar, (re)afirmação (autores que defendem políticas identitárias), performance, ficção (BUTLER, 2003). A escolha lexical possibilita determinados efeitos de sentidos não apenas sobre o tema abordado, como também sobre o posicionamento teórico-metodológico do pesquisador, resvalando para outras categorias e noções. Ou seja, adotar uma concepção de identidade é, implícita ou explicitamente, adotar determinada concepção de sujeito. Desse modo, é pertinente mencionar possíveis compreensões de sujeito e, por sua vez, de identidade.

Baseamo-nos no discernimento já estabelecido por Hall (2000), abrangendo três visões de sujeito e identidade: iluminista, sociológica e pós-moderna. A concepção iluminista é uma forma, individualista e essencialista, de conceber o ser humano, entendendo que a sua essência constitui a sua identidade:

um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação, cujo “centro” consistia num núcleo interior, que emergia pela primeira vez quando o sujeito nascia e com ele se desenvolvia, ainda que permanecendo essencialmente o mesmo – contínuo ou “idêntico” a ele – ao longo da existência do indivíduo. (HALL, 2004, p.10-11).

Essa noção de sujeito surge a partir da perspectiva do homem branco ocidental. Esse pode ser o principal fator para compreendermos por que aqueles que se mos-

¹ Em concordância com Canclini (1989 apud ESCOSTEGUY, 2001, p.175), vemos a pós-modernidade como uma maneira de problematização de questões dicotômicas (re)postas pela modernidade; algumas delas ainda com um lastro iluminista. Não concebemos a pós-modernidade como um período histórico sucessor à modernidade.

travam e se mostram diferentes desses eram e são vítimas de atitudes etnocêntricas – o que apontam as críticas feministas a teorias consideradas androcêntricas.

A concepção sociológica vê o sujeito sob um enfoque interacional, embora defenda a existência de uma essência interior. Conforme Hall (2004, p.11),

A noção de sujeito sociológico refletia a crescente complexidade do mundo moderno e a consciência de que este núcleo interior do sujeito não era autônomo e auto-suficiente, mas era formado na relação com “outras pessoas importantes para ele”, que mediavam para o sujeito os valores, sentidos e símbolos – a cultura – dos mundos que ele/ela habitava. [...]. De acordo com essa visão, que se tornou a concepção sociológica clássica da questão, a identidade é formada na “interação” entre o eu e a sociedade. O sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que é o “eu real”, mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais “exteriores” e as identidades que esses mundos oferecem.

Hall (2004, p.12) afirma que, nessa interação entre o eu e esses mundos ou essas identidades, ocorre a internalização dos significados culturais por ambos, o que os torna ainda mais estáveis, uma vez que o sujeito é *suturado* à estrutura social. O autor utiliza os adjetivos *unificados* e *predizíveis* para caracterizar o sujeito sociológico e o mundo cultural habitado por este. Se, através do conhecimento de determinado lugar, prevê-se qual a identidade do indivíduo que lá vive, podemos pensar, então, que aqueles que vivem em ambientes hostis, obrigatoriamente, são hostis? Concluimos que, segundo essa concepção, novamente a diferença não é aceita.

A concepção pós-moderna percebe o sujeito e a sua identidade não de forma essencialista, unificada e estável. Na verdade, concebe-os submetidos a um processo de fragmentação, descentramento e deslocamento de fenômenos e estruturas das sociedades modernas, tidos como centrais e necessários para a manutenção da ordem social instituída. O sujeito pós-moderno passa a ser

composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não-resolvidas. Correspondentemente, as identidades, que compunham as paisagens sociais “lá fora” e que asseguravam nossa conformidade subjetiva com as “necessidades” objetivas da cultura, estão entrando em colapso, como resultado de mudanças estruturais e institucionais. O próprio processo de identifica-

ção, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático. (HALL, 2004, p.12).

Não vemos a identidade separada do discurso. Vemo-la como produto também do discurso, porque é também na produção de significados através da linguagem que a nossa realidade é construída, as suas instituições legitimadas, bem como os objetos materiais e os sentimentos. Concebemos discurso como algo que não se limita às estruturas lingüísticas, como algo que se insere num permanente processo de criação de sentidos e significados, que age sobre as pessoas, sobre os seus comportamentos, sobre os seus corpos. Logo, identidade aqui também é vista como prática, como algo que se insere em um processo de elaboração constante. Além disso, também corresponde a posicionamentos discursivos (HALL, 2000; 2004). Tomamos identidade como uma produção sócio-discursiva. Sendo o discurso uma prática (FOUCAULT, 2005), através dele as pessoas agem no mundo e sobre o mundo, representando-se e representando aqueles com quem interagem, produzindo significados sociais.

Cada instituição social exige certos posicionamentos identitários por parte dos indivíduos que vivem em seu interior ou que transitam por ele. Nós nos posicionamos e somos posicionados de determinado modo, dependendo do contexto – imediato e histórico – em que atuamos (WOODWARD, 2000). Mas, num mesmo espaço social, também podemos exercer e adotar diferentes identidades. Podemos afirmar que uma mesma pessoa pode posicionar-se como homem, professor, branco, empregado de uma escola privada etc. Algum desses posicionamentos identitários deve prevalecer dependendo do contexto institucional, embora possa parecer contraditório a outro posicionamento discursivo tomado por essa pessoa em momentos anteriores, no mesmo ou em diferente contexto institucional.

De acordo com Hall (2000, p.109),

É precisamente porque as identidades são construídas dentro e não fora do discurso que nós precisamos compreendê-las como produzidas em locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas específicas, por estratégias e iniciativas específicas.

Isso justifica a concepção de identidade de gênero a partir de um dado contexto sociocultural, e não a partir de um *a priori* que toma aspectos biológicos como suficientes para argumentar diferenças nos comportamentos, nos hábitos, nas características... de homens e mulheres. É importante lembrar, como aponta Butler (2003), que o biológico também passa por um processo de produção de significados socioculturais: para pensarmos que o pênis é a genitália do homem, só é possível porque discursos de cultura imputaram a esse objeto determinados sentidos e significados. Não é que tudo seja cultura ou que tudo seja discurso, mas as diversas práticas sociais têm a sua dimensão discursiva, a sua dimensão cultural, abrangendo, conseqüentemente, aqueles objetos que possam estar inseridos nelas (HALL, 2005). O que queremos dizer é que uma das condições para que esses objetos – no caso, o pênis e a vagina – existam é a cultura, o discurso, ou os discursos de cultura. Como afirma Butler (2003, p.27), “[...] o ‘corpo’ é em si mesmo uma construção [...]”.

“Os seres humanos são seres interpretativos, instituidores de sentido” (HALL, 2005, p.1) – o que permite compreender que homens e mulheres são efeitos do discurso ou dos discursos culturais, efeitos da linguagem, são portadores e produtores de significados. Assim, as identidades emergem no discurso, como efeitos dele (HALL, 2000; 2005). Porém, é importante atentarmos para o fato de que, antes de perceber as suas identidades sociais, homens e mulheres “só se tornam inteligíveis ao adquirir seu gênero em conformidade com padrões reconhecíveis de inteligibilidade do gênero” (BUTLER, 2003, p.37). Sendo afetadas e envolvidas por uma heterogeneidade de práticas discursivas e relações de forças, as mulheres entrevistadas são concebidas como sujeitos de identidades em trânsito, que são exercidas, acionadas, negociadas, apreendidas. Como vemos nos seus relatos, ora parecem possuir identidades homogêneas, ora parecem performatizar identidades, como se envolvessem em um exercício de resistência àquelas forças que insistem em sujeitá-las a um modelo de ser, de agir, de viver.

As sociedades complexas, capitalistas e industrializadas passam por inúmeras modificações de ordem cultural, social, política, econômica e histórica. Nelas, as informações surgem cada vez mais rápidas, porque atualmente as possibilidades de comunicação se diversificam bastante em decorrência dos avanços tecnológicos. Com a constante introdução de novas tecnologias no contexto da vida diária, doméstica e do trabalho, o ser humano é obrigado a aprender, é obrigado a transfor-

mar informações em conhecimentos, a aprender e apreender cada vez mais informações e conhecimentos, a adaptar-se a alterações em sua situação profissional – como novos empregos ou desempregos –, bem como a adequar-se a novo conteúdo ou novos conteúdos em seu mesmo emprego, em sua casa, em sua cotidianidade.

Num mundo globalizado, o fluxo de informações, as possibilidades de acesso a essas, as reconfigurações do espaço e do tempo marcam a vida de grupos sociais, coletivamente, e de seus membros, individualmente. Referindo-nos a um mundo globalizado, estamos tratando de modernidade, alta modernidade, modernidade tardia (GIDDENS; PIERSON, 2000; GIDDENS, 1991; 2002), pós-modernidade (HALL, 2000; 2004). Uma das características marcantes desse período contemporâneo é a compressão espaço-temporal (GIDDENS; PIERSON, 2000). Um evento sucedido em lugar distante daquele em que nós possamos estar pode influenciar a nossa vida de forma intensa. Exemplifiquemos com os recentes ataques terroristas ocorridos na Europa, que têm estimulado um crescente sentimento nacionalista em países como França e Inglaterra, afetando identidades coletivas e pessoais. Muitos brasileiros que trabalhavam naqueles países, depois de visitar familiares e amigos no Brasil, foram impedidos de retornar ao país onde moravam e onde já haviam estruturado uma vida, estabelecido laços de afetividade com outras pessoas, adquirido bens materiais. Problemas registrados em animais de criação no interior do Brasil podem ocasionar, além de desempregos devido à não exportação desse produto comercial para outros países, alterações nos hábitos alimentares de cidadãos que nem conhecem o nosso país. Com esses exemplos, percebemos que relacionada à compressão espaço-temporal está a “diluição” das fronteiras geográficas, outra característica da contemporaneidade (BAUMAN, 1999).

As compressões espaço-temporais também podem ser exemplificadas com a *internet* e com as ações realizadas através dela. Um exemplo é o de um estudante universitário que necessita enviar o seu trabalho acadêmico para a participação em um congresso científico. Caso as regras do evento permitam, ele pode fazer isso através do seu *e-mail*. Sem considerar possíveis problemas com o envio do seu texto, percebemos a compressão das escalas espaciais e temporais, consequência da globalização, e ainda observamos novas práticas sociais de linguagem. Assim, as reconfigurações do espaço e do tempo não apenas contribuem para reconfigurações das fronteiras entre as nações, mas também promovem alterações das fronteiras

simbólicas das identidades culturais, sociais e subjetivas dos sujeitos (GIDDENS, 2002; HALL, 2004).

Nesse contexto, a industrialização, o capitalismo e a tecnologia da informação participam da reconfiguração do local, que não mais se restringe ao contexto imediato, mas, sim, repercute processos amplos (GIDDENS; PIERSON, 2000), afetando a interação entre grupos, sujeitos e identidades sociais, que se sentem incitados a uma movimentação constante. Num mundo em que aqueles que são considerados globalizados impõem os sentidos da vida, à idéia de local, no sentido de estar fixado, é atribuído um valor inferior, porque o localizado tem fragilizada a sua capacidade de negociação de significados sociais (BAUMAN, 1999). Associadas a essa resignificação da localidade estão as compressões espaço-temporais e a mobilidade espacial, que recebe influência do e que provoca influência no *capital sem amarras locais*. Bauman (1999) considera a mobilidade espacial *fator mais poderoso* de constituição de hierarquias de ordem cultural, social, política e econômica, visto que aqueles que possuem recursos financeiros para investirem em determinados lugares não se sentem presos a esses; qualquer possível problema surgido é concebido como incentivo para a sua orientação para outro lugar e, assim, quem não pode locomover-se, porque está fixado no local, é quem arca com as conseqüências ali deixadas.

Além da questão de ordem capitalista, há o avanço tecnológico – especialmente a velocidade imprimida no transporte das informações e das mensagens eletrônicas (BAUMAN, 1999) – que também contribui para a compressão espaço-temporal, a fragmentação das fronteiras geográficas e a mobilidade espacial. À medida que os canais e suportes usados para a circulação de informações se diversificam notavelmente, novos sentidos e novos valores são atribuídos a práticas consideradas simples. Atualmente, com as tecnologias da informática, a linguagem ganha ainda mais preponderância na interação entre os indivíduos, quando muitos privilegiam o contato virtual, em detrimento do contato face a face. Logo, pensar em mulheres que utilizam tais tecnologias – com pouca freqüência ou quase nenhuma –, mas que buscam participação no contexto social, através da sua inserção na escola, se faz relevante, à medida que se pensa a possibilidade de mudança nas relações de gênero, que, por sua vez, são relações de poder entre homens e mulheres e/ou entre indivíduos que exercem identidades de gênero diferentes independente da sua morfologia sexual (BUTLER, 2003; SEGATO, 1997), pensando aqui poder como re-

lações de forças não estáticas, que são exercidas por interlocutores envolvidos em uma assimetria interacional, em que a resistência é uma ação-chave (FOUCAULT, 1995; 2004a). Assim, não vemos aqui mulheres como portadoras de uma essência feminina, mas como sujeitos que ocupam determinadas posições de sujeito, que assumem posicionamentos discursivos (identitários) provisórios, envolvidos em relações de forças travadas em situações de interação.

Diante desse cenário, a escolaridade é uma exigência discursiva e não-discursiva imposta a todos, que se sentem obrigados a atualizar-se intelectual e profissionalmente, uma vez que surge o medo de serem ultrapassados pela avalanche de informações, pelos avanços tecnológicos. Entretanto, essa exigência pesa mais sobre homens e mulheres que apresentam escolaridade defasada, principalmente quando se refere à conquista de um espaço profissional. Nesse sentido, nota-se a grande quantidade de pessoas que retomam a sua trajetória escolar em nível fundamental, ou seja, de 1ª a 8ª série, ou em modalidades de ensino equivalentes a esse nível. Segundo o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP, 2005b), em 2005 a matrícula em cursos presenciais de Educação de Jovens e Adultos corresponde a 4.621.233 alunos; em 2004, 4.577.268 pessoas matricularam-se em cursos presenciais de Educação de Jovens e Adultos; dessas, 705.385 têm acima de trinta e nove anos de idade, das quais 591.200 cursam as séries do Ensino Fundamental (INEP, 2005a).

Pensar em acesso à informação implica pensar em relações de forças, em posicionamentos discursivos que apontem para um exercício de poder, porque, estando o sujeito inserido em práticas de produção e de significação, ele se insere também em relações de poder (FOUCAULT, 1995). Não nos referimos a perspectivas que polarizam detentores e não detentores de poder, sendo: leitores e não leitores, alfabetizados e analfabetos, letrados e iletrados... Enfim, seguindo esses investimentos de dicotomização, terminaremos por classificar as pessoas em dois grupos distintos – dominantes e dominados – cuja lógica é a repressão. Nessa perspectiva, a noção de poder é afetada por uma conotação de negatividade. Isso conduz à idéia de que os dominados devem destruir o poder, que é exercido pelos dominantes, para que possam conquistar outras condições de vida, de trabalho etc. Em outras palavras, isso induz ao pensamento de que o poder pode deixar de existir, melhor, de que é imprescindível a sua eliminação, para que a igualdade entre todos seja instituída, não existindo diferenças. Porém, concordamos com Foucault (1979, p.146):

“[...] a impressão de que o poder vacila é falsa, porque ele pode recuar, se deslocar, investir em outros lugares... e a batalha continua”.

Reportamo-nos aqui a relações de forças que se presentificam *microfisicamente* nas várias instâncias do cotidiano e que são exercidas por todos, independente de sexo, gênero, classe, etnia, sexualidade, idade. Tratamos de forças que estão em relação a outras forças (DELEUZE, 2005), que se desenvolvem e se expõem no corpo e através do próprio corpo humano (FOUCAULT, 1979), construindo regimes de verdade em torno dele e regulando, através do estímulo, da incitação etc., as suas ações. Podemos pensar isso nas relações entre homens e mulheres e na elaboração de identidades de gênero contemporâneas, principalmente agora, na modernidade recente, quando surgem os *metrossexuais* e *übersexuais*, que buscam aproximar-se de objetos materiais que antes eram anunciados como pertencentes ao universo das mulheres, como marcas de sua feminilidade. Assistimos, então, a uma reelaboração discursiva e não-discursiva da masculinidade, quando homens usam maquiagem e não são julgados efeminados ou feminilizados.

Desse modo, apesar de certas críticas, cada vez mais pesquisadores e pesquisadoras argumentam a favor de uma análise pós-estruturalista e têm-se preocupado com a significação no âmbito dos estudos sobre as relações de gênero e a constituição de identidades sociais e culturais. Segundo Scott (1992), uma análise desse tipo direciona a sua atenção à significação, investigando práticas e contextos em que são produzidos os significados de diferença, incluindo os de gênero, de raça, de classe, de etnia, de sexualidade, entre outros possíveis. Uma das justificativas para a importância dada à produção de significados sociais é a de que as práticas discursivas são práticas de exercício de poder (FOUCAULT, 1995) – o que, por sua vez, justifica a realização dos estudos identitários num contexto em que à informatização é atribuído um papel tão importante. Nesse sentido, Hall (2005, p.5) afirma não se surpreender “que as lutas pelo poder sejam, crescentemente, simbólicas e discursivas, ao invés de tomar, simplesmente, uma forma física e compulsiva [...]”.

A relevância adquirida pela informação em sociedades modernas não permite que essa seja concebida com a função de conferir forma ao *conhecimento amorfo* do ser humano, mas com a função de cobrir, para Mey (2001, p.55), “toda ou grande parte da necessidade que as pessoas modernas têm de segurança e confiança nelas mesmas e no mundo que as cerca”; alertando para que a única causa das mudanças sucedidas hoje não seja a informatização, Giddens (2000) afirma que, embo-

ra esta esteja associada à articulação e ao funcionamento da economia global, forças capitalistas e industrialistas também interferem no processo. A informação passa a ser, metaforicamente, uma rede que entretece os indivíduos, buscando assegurar *a suave operação do estado moderno* e sustentar a ordem social estabelecida. Em outros momentos, as estruturas e os fenômenos desse contexto social mantinham a estabilidade dos sujeitos, cujas identidades eram dadas como homogêneas, únicas e fixas; daí, uma necessidade de segurança e confiança. Para Bauman (2005), a identidade passa a ser pensada quando o pertencimento se mostra em crise, quando as pessoas têm de refletir sobre quem são, num momento de instabilidade das verdades que ocultam a permanente inconclusão da identidade – o que obriga os indivíduos a (re)inventarem as suas identidades ou inventarem outras.

Os efeitos da globalização imprimem novas significações a práticas já conhecidas pela humanidade, como: o contato entre os seres humanos, o ato de ler e de escrever, a participação na vida quotidiana etc. Em decorrência dessas novas significações, os grupos sociais têm as suas identidades deslocadas, descentralizadas e fragmentadas, gerando um novo sujeito social. Esses sentimentos de segurança e confiança estão sendo abalados, no dizer de autores que discorrem sobre as alterações culturais resultantes de complexos processos e forças de mudança, percebidos pelas sociedades humanas há algum tempo. De acordo com Hall (2004, p.9), no final do século XX, as sociedades começaram a sofrer transformações estruturais e institucionais que vêm suscitando o colapso das “paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade”, deslocando os sujeitos duplamente: “tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos”.

A informação também possui grande importância nesse deslocamento dos sujeitos e, conseqüentemente, nessa fragmentação identitária, à medida que os meios de comunicação são tomados como canais de constituição e divulgação de identidades sociais e uma vez que essa informação tanto é atravessada por discursos como promove a movimentação, a proliferação deles. Nessa perspectiva, Hall (2005, p.2) afirma que

[...] a mídia é, ao mesmo tempo, uma parte crítica na infra-estrutura material das sociedades modernas, e, também, um dos principais meios de circulação das idéias e imagens vigentes nestas sociedades. Hoje, a mídia sustenta os circuitos globais de trocas econômicas

dos quais depende todo o movimento mundial de informação, conhecimento, capital, investimento, produção de bens, comércio de matéria prima e marketing de produtos e idéias.

Muitas das mudanças a que o ser humano vem-se submetendo penetram o interior do seu lar e são protagonizadas pela mídia, principalmente pelos meios de comunicação de massa, os quais atuam como aparelhos poderosos no processo de constituição e produção de identidades sociais, visto que debatem, expõem e disponibilizam os modos de ser e estar quotidianos da e na nossa sociedade. Hoje, nos canais de televisão brasileiros, está-se tornando comum assistir-se a programas em que um grupo de pessoas – artistas, apresentadores de TV etc. – discute o fim do namoro entre o jogador e a modelo-apresentadora, o comportamento da noiva famosa que expulsa alguém da sua festa, o desempenho sexual de um casal qualquer... Em tempos passados, questões como essas eram tratadas na restrição do lar, do espaço doméstico; atualmente, com freqüência cidadãos buscam o auxílio de programas televisivos para resolverem os seus problemas mais íntimos, como uma questão de dúvida em relação à paternidade de uma criança. Casos assim nos permitem argumentar que o sujeito contemporâneo é produzido em ambientes em que os discursos mesclam o privado e o público, transformando o pessoal em político, de forma que a nossa intimidade ultrapassa as fronteiras dos cômodos da nossa residência. Para pesquisadores da mídia, esses espaços em que privado e público se encontram são os meios de comunicação e as novas tecnologias de informação (CANCLINI, 2005; ESCOSTEGUY, 2001; FISCHER, 2000).

Contudo, embora hoje a mídia ocupe, de modo predominante, esse espaço para o qual convergem questões antes circunscritas ou a esfera pública ou a privada, supomos que esse também possa ser outros múltiplos e complexos ambientes; dependendo do contexto e dos indivíduos envolvidos, a sala de aula, a pracinha do bairro, as praças de alimentação dos *shoppings centers*, o barzinho, o transporte coletivo... Pensemos no caso de mulheres adultas que regressam à escola, depois de muito tempo sem estudar: a sala de aula pode constituir-se num espaço de fuga da opressão sofrida no ambiente doméstico através da figura do marido, uma vez que no colégio elas interagem com outras pessoas, riem, esquecem um pouco dos problemas, ou, ao contrário, lembram-se deles e sentem-se livres para refleti-los, para questioná-los. Pensemos em indivíduos marginalizados socialmente – homos-

sexuais, travestis, negros, dependentes químicos etc. – que se reúnem periodicamente, visando tanto à organização de luta política quanto à socialização de obstáculos enfrentados no dia-a-dia e que concorrem para dificultar o exercício da sua cidadania. Assim, nesses espaços – a sala de aula e o local de reuniões – convergem os anseios desses homens e mulheres por discutirem os seus conflitos que repercutem em suas identidades pessoais e coletivas.

A esses espaços aqui exemplificados, no entanto, não sucumbe a poderosa influência da mídia, dos meios de comunicação – é importante frisar –, visto que a iniciativa de organização política de homossexuais ou de negros pode mostrar fortes alentos após acontecimentos de discriminação que tenham recebido uma maior atenção por programas televisivos, por exemplo. Sabemos, por conseguinte, que essa atenção pode ser o resultado da própria luta, mas esse resultado pode sensibilizar alguém a respeitar esses cidadãos ou, até mesmo, a engajar-se na reivindicação dos seus direitos.

Talvez essa maior influência do discurso midiático se deva ao surgimento do tecido societal produzido pela sociedade tecnológica. Mey (2001, p.56), associando a internet e o discurso construído em torno do valor e da função da informação, remete à criação de *um tecido societal interpenetrado por todo tipo de informação* que se configura em uma sociedade paralela. Porém, essa sociedade tecnológica não se encontra paralela, mostrando-se vinculada à sociedade não-tecnológica, principalmente se aceitarmos que essa sociedade tecnológica não consta apenas de internet, mas dos meios de comunicação em geral. Fios desse *tecido universal fabricado a nossa volta pela moderna tecnologia computacional* fazem-se presentes na estrutura de tecidos sociais locais fabricados e fabricando-se pelas tecnologias, pelos fenômenos da globalização e da industrialização e pelos códigos do tradicional e do moderno, do passado e do presente, do privado e do público. Isto é afirmar que esses códigos dicotômicos – aparentemente excludentes – entram em processo de negociação para a construção da realidade atual – tanto global quanto local –, possivelmente lançando as bases para a realidade futura. Logo, essa negociação interfere no cotidiano não só do coletivo como dos indivíduos, intervindo na construção de identidades.

Essa capacidade de negociação parece ser um dos mais fortes efeitos da globalização sobre o processo de constituição de identidades, em detrimento das compressões espaço-temporais ocorridas numa escala global. O encontro de mun-

dos culturais complexos e diferentes viabiliza o processo permanente de constituição identitária de grupos e indivíduos, de acordo com a noção de que o sujeito contemporâneo se constitui com múltiplas identidades, que se inserem em relações de forças conflitantes e até contraditórias (HALL, 2004). Segundo Bauman (2005), na modernidade líquida, identidades coesas não são tão queridas pelos sujeitos, porque sugerem uma incapacidade para escolher outros modos de ser e estar num mundo em que parecemos flutuar numa onda de oportunidades mutáveis e efêmeras.

Em circunstâncias comuns em sociedades ocidentais e ditas modernas, com o processo de negociação de sentidos, evidenciam-se as ressignificações de determinadas práticas sociais, muitas delas em virtude de cada vez mais o tempo e o espaço tornarem-se categorias simbólicas. E esses novos sentidos atribuídos a atos como o de ler e o de escrever favorecem alterações no coletivo e no individual, reorganizando identidades sociais. Nessa perspectiva, com base em estudos já realizados (ALMEIDA, 2003; SANTOS, G., 2003), observamos que, geralmente, as origens de alunos de programas de Educação de Jovens e Adultos remetem a comunidades onde o uso da escrita se mostra parco e onde, embora ele demonstre pouco ou nenhum conhecimento da escrita, não sofre tantas dificuldades de interação com os concidadãos, de participação nas práticas sociais, conforme enfrenta, ao engajar-se no cotidiano de uma cidade bem maior do que a sua de origem, afetada pelo ritmo acelerado do fluxo de informação, pela globalização e industrialização. Diante dessa mudança de cenário, sob a justificativa de busca de oportunidades melhores, inserindo-se e deslocando-se em contextos urbanos diversos, constantemente as suas identidades coletivas e pessoais estão sendo questionadas, com o propósito de serem reconstituídas sob a influência de aspectos culturais, sociais, políticos, econômicos e históricos (HALL, 2004). Assim, de acordo com Canclini (2005, p.11), “a globalização não é um simples processo de homogeneização, mas de reordenamento das diferenças e desigualdades, sem suprimi-las [...]”.

3.4 Sobre relações de poder

Investigar o processo de constituição discursiva de identidades não apenas persuade o investigador a envolver-se em relações de poder, como também a pen-

sar o seu objeto de estudo envolvido e afetado por essas relações. Tratamos o processo de constituição identitária como uma prática produtora de discursos em torno de sujeitos, que, por sua vez, assumem diferentes posicionamentos de acordo com as formações discursivas em que inserem e com os contextos institucionais de que participam (HALL, 2000; 2005; WOODWARD, 2000). Além disso, estando o sujeito inserido em práticas de produção e de significação, ele se insere também em relações de poder (FOUCAULT, 1995). Em nosso estudo, enfocamos relações de poder, porque essas e as práticas discursivas envolvem e constituem as mulheres que colaboraram conosco, assim como fazem como quaisquer sujeitos. Não aspiramos ao desvelamento de qual poder influi nas práticas discursivas de que elas participam, mas tentamos problematizar os efeitos de poder que circulam entre essas práticas e a partir delas. Pesquisar acontecimentos discursivos e relações de poder é pesquisar também a produção de sujeitos e de suas várias identidades – a étnica, a racial, a de gênero, a de geração, a de classe etc.

Poder aqui não é concebido como algo que se possui e que se utiliza para demonstrar a sua autoridade e até autoritarismo sobre os outros. Caso concordássemos com essa idéia, a noção de poder estaria associada à repressão, como se os efeitos de poder fossem somente negativos. De fato, essa concepção é encontrada em muitos estudos preocupados com relações entre sexos, com condições de vida de mulheres e com questões de gênero. Adotando-a, estamos entendendo a mulher como um ser frágil, submisso, incapaz de tomar decisões sobre a sua própria vida. Todavia, não é assim que a enxergamos e queremos enxergá-la. Resistimos a esses discursos, embora sejamos conscientes da violência, da dependência financeira, da dependência psicológica de que muitas são vítimas, geralmente em relação a homens presentes em suas vidas.

É numa perspectiva foucaultiana que tomamos o poder. Nessa concepção, ele apresenta três aspectos relevantes: não tem a repressão como ponto central; é, sobretudo, exercido, em detrimento de ser possuído; é praticado por todos, tanto dominantes quanto dominados (FOUCAULT, 1995; DELEUZE, 2005). Para Foucault (1979; 1995), poder corresponde à relação de forças: forças que se confrontam com outras forças, poderes que interagem com outros poderes, revelando-se nas lutas quotidianas, *microfisicamente* nas várias instâncias da vida humana, além de encontrar-se ao alcance de todos os envolvidos, de todos os interlocutores, – indepen-

dente de sexo, gênero, classe, etnia, raça, sexualidade, idade –, sem que um se anule face à força exercida pelo outro.

O poder tem como função afetar e como matéria ser afetado. Isso não implica pensar em exercícios de poder qualificados como ativos e outros como passivos. Se a prática de poder é considerada como um afeto e se exercê-lo é afetar outras forças, devemos referir-nos a afetos ativos e a afetos reativos. Conseqüentemente, podemos pensar que, assim como as práticas não-discursivas são irreduzíveis às discursivas, as forças que são afetadas também não se reduzem àquelas que as afetam (DELEUZE, 2005). Do mesmo modo, sabendo que as relações de poder estão ao alcance de dominantes e dominados, nenhum interlocutor se subjuga completamente às forças que lhe atacam, porque ele possui a capacidade de resistir, fazendo com que o outro também seja confrontado pelo seu exercício de poder.

Em seus estudos, Foucault (1995) apreende como ponto de partida as estratégias de resistência acionadas contra os efeitos do exercício de poder e, assim, pensa os modos de objetivação dos sujeitos. Justificando o seu envolvimento com essa questão, ele (1995, p.232) afirma:

É verdade que me envolvi bastante com a questão do poder. Pareceu-me que, enquanto o sujeito humano é colocado em relações de produção e de significação, é igualmente colocado em relações de poder muito complexas. Ora, pareceu-me que a história e a teoria econômica forneciam um bom instrumento para as relações de produção e que a lingüística e a semiótica ofereciam instrumentos para estudar as relações de significação; porém, para as relações de poder, não temos instrumentos de trabalho. O único recurso que temos são os modos de pensar o poder com base nos modelos legais, isto é: o que legitima o poder? Ou então, modos de pensar o poder de acordo com um modelo institucional, isto é: o que é o Estado? Era, portanto, necessário estender as dimensões de uma definição de poder se quiséssemos usá-la ao estudar a objetivação do sujeito.

É nessa dilatação das dimensões do poder que Foucault fornece subsídios teóricos e metodológicos para que os estudos sobre mulheres e gênero fossem re-dimensionados, a ponto de investirem na desconstrução de significados imputados a partir de uma marca corporal, de um signo, do sexo biológico. Tomando poder como força exercida em relação a outras forças, ele oportuniza a visibilidade das mulheres não mais enquanto sujeitos inertes às atitudes dos homens. Muitas foram as tentati-

vas de alterar essa visão que recaía sobre as mulheres. Na subseção 3.2, quando discorreremos a respeito de gênero e registramos rapidamente o percurso desse campo, vimos que a crítica feminista à prática de historiadores e outros cientistas contribuiu para uma desconstrução dos significados sociais atribuídos a mulheres e homens, concorrendo para a reelaboração de modelos de papéis e identidades de gênero e de sexualidade, que nos são apresentados como se fossem portadores de uma lógica inexorável e como se fossem situados fora dos domínios da cultura e do poder.

Nesse sentido, Foucault traz subsídios à crítica feminista através de uma noção de poder que tem como elemento central a resistência, que expõe o corpo como alvo e veículo do biopoder, que se apresenta como uma rede de forças em exercício no cotidiano. As suas contribuições concorrem para desconstruir os regimes de verdade elaborados em torno de determinados objetos presentes nas várias instâncias da vida quotidiana, persuadindo-nos a perceber que “Não há objetos naturais, não há sexo fundado na natureza” (PERROT, 2005, p.501). Também não há gênero instituído na natureza. Inspirados em Foucault (1969; 1995; DELEUZE, 2005), podemos afirmar que eles são efeitos de práticas discursivas e de exercícios de poder.

Aqueles modelos são constituídos a partir de regimes de verdade que implicam efeitos de poder sobre corpos e vidas de indivíduos comuns. No entanto, essas práticas discursivas, originárias de uma matriz heterossexista e falocêntrica (BUTLER, 2003), não são imunes à alteração. Essa matriz parece afetar, de modo unívoco, todos os sujeitos a partir da aparente coerência do gênero e do binarismo atribuído ao sexo e ao gênero. Essa univocidade, coerência e estrutura, conforme Butler (2003, p.59), “são sempre consideradas como ficções reguladoras que consolidam e naturalizam regimes de poder convergentes de opressão masculina e heterossexista”. Se a resistência é imprescindível para o exercício de poder, os sujeitos podem resistir, questionando essas identidades que lhes são impostas, tornando identidades claras em opacas, incertas.

Na contemporaneidade, cada vez mais vêm surgindo práticas de dizer e de ver que cooperam para dar visibilidade a sujeitos que expõem as suas marcas corporais como marcas de poder, seja porque afetados seja porque afetam, no sentido de resistir. Com efeito, podemos citar a travesti, a *drag queen*, o metrossexual... Mas, os próprios homens e mulheres que se fizeram objetos construídos por aqueles regimes de verdade e de poder instituídos pela matriz da heterossexualidade e do

falocentrismo podem mostrar-se dispostos a questionar tais maneiras de exercer a sua masculinidade e a sua feminilidade (BUTLER, 2003; LOURO, 2004).

Tratamos de forças que estão em relação a outras forças (DELEUZE, 2005), que se desenvolvem e se expõem no corpo e através do próprio corpo humano, construindo regimes de verdade em torno dele e regulando as suas ações, através do estímulo, da incitação etc. – o que descarta a idéia de que o poder é, exclusivamente, repressor. Concebê-lo a partir da repressão é tê-lo sob uma perspectiva jurídica, como *uma lei que diz não*, como o ato realizado por alguém que tinha como propósito impedir outrem de fazer algo, como as ações adotadas pelo Estado a fim de coibir os indivíduos de abalarem a ordem social estabelecida. Na verdade, o poder é, sobremaneira, uma rede de forças produtivas, que investe sobre todo o corpo social. Para Foucault (1979, p.8),

O que faz com que o poder se mantenha e que seja aceito é simplesmente que ele não pesa só como uma força que diz não, mas que de fato ele permeia, produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discurso. Deve-se considerá-lo como uma rede produtiva que atravessa todo o corpo social muito mais do que uma instância negativa que tem por função reprimir.

Nessa citação, quando afirma “o poder não pesa só como uma força que diz não”, Foucault não nega o seu aspecto proibitivo, mas, sobretudo, alerta para as suas possibilidades produtoras, expandindo o horizonte de exercício de poder; ou, melhor dizendo, já que as relações de poder já eram presentes nas diversas esferas da vida cotidiana, essa noção expandiu o horizonte de estudos de poder. Podemos vivenciar relações de poder na família, na escola, na religião, na produção científica, na mídia... e não apenas na instituição do Estado. Podemos sentir os seus efeitos positivos muito mais do que os negativos – isso, principalmente num momento históricos em que as práticas discursivas na mídia contribuem bastante para a reformulação, o deslocamento e a fragmentação das paisagens culturais, influenciando na produção dos sujeitos na contemporaneidade e na ressignificação das identidades desses sujeitos, em termos de gênero, raça, etnia, sexualidade, classe, geração etc.

Quanto aos aspectos positivos e negativos dos efeitos de poder, é importante lembrarmos que, no âmbito dos estudos de gênero, muitos trabalhos abordam a vi-

olência contra as mulheres. Contudo, embora não esquecendo a existência da repressão, não podemos confundir poder com violência, embora essa possa resultar daquele. A diferença entre eles é que a atitude violenta tem como alvo corpos, objetos, pessoas, seres diversos, destruindo, deformando, alterando a sua morfologia, enquanto que o poder almeja atingir ações, forças, induzindo, estimulando, motivando, limitando etc.

Foucault (1995) elenca três tipos de lutas antiautoritárias: contra os mecanismos de dominação, contra os de exploração e contra os de sujeição. Elas são modos de exercício de poder, de resistir a ele, ou, melhor dizendo, de exercício de poder a partir da resistência. Em relatos de vida, esses mecanismos podem ser percebidos agindo sobre os sujeitos, como acontece no caso das mulheres entrevistadas. Neles, também notamos estratégias acionadas por elas para resistirem àqueles mecanismos.

4 ANÁLISE DE DADOS

A nossa pesquisa conta com a colaboração de mulheres adultas que retomaram a sua trajetória escolar em programas de Educação de Jovens e Adultos, depois de algum tempo distantes do ambiente escolar, e que residem em Natal. O *corpus* a ser analisado é composto por relatos de vida concedidos por três mulheres que nos permitiram gravar as conversas. Coletamos os dados através de entrevistas semidirigidas realizadas entre agosto de 2004 e junho de 2005. Das três colaboradoras, duas concederam a entrevista em suas respectivas residências; uma, no local de trabalho, como informamos de modo detalhado na subseção 2.2.2, quando discorreremos sobre a coleta e o acesso aos dados.

Com o intuito de responder às questões propostas nesta pesquisa, a partir do referencial teórico apresentado, fazemos uso das noções de discurso, identidade, gênero, relações de poder, prática discursiva, interdiscurso, formação discursiva, e analisamos os relatos das entrevistadas, que, como explicamos na subseção 2.2.3, estão sendo nomeadas de MSA2004, MIA2004, MCO2005. No decorrer da análise, remetemo-nos a trechos das entrevistas que apontam para a constituição discursiva de identidades das mulheres colaboradoras a partir de práticas discursivas e de relações de poder que as envolvam e constituam no cotidiano de suas vidas e possíveis de serem identificadas em seus relatos.

Esforçamo-nos para compreender a constituição de identidades, em especial a de gênero, a partir de práticas discursivas e relações de forças vivenciadas na cena familiar, posicionamentos identitários assumidos a partir de práticas discursivas em contextos urbanos globalizados, posições assimétricas de poder na esfera doméstica, posições assimétricas de poder na esfera extradoméstica e novos posicionamentos identitários que sinalizam para uma reformulação da identidade de gênero dessas mulheres. Adiante, estamos analisando os relatos de vida das colaboradoras, no desejo de interagir com elas e com as suas vidas, dando atenção e importância merecidas, com a finalidade de desconstruir significados e construir significados, que incidem sobre as suas e nossas vidas.

4.1 MSA2004

MSA2004 mora em Natal (RN), desde que saiu de Arez (RN), cidade onde nasceu e onde viveu até os dez anos de idade, num ambiente em que as demandas não eram iguais àquelas que se lhe apresentaram na cidade nova. Diante das mudanças sucedidas em sua vida, atualmente ela se encontra inserida em contextos urbanos globalizados, que compreendem inúmeras situações construídas no dia-a-dia citadino, tanto de práticas de leitura e de escrita bastante diversificadas quanto de exigências em torno do nível de escolaridade dos cidadãos, além de outras. A entrevistada demonstra dificuldades em algumas das novas práticas discursivas que a envolvem e até mesmo em algumas que não são exclusivas do contexto urbano, como a escrita de cartas para manter a comunicação com pessoas que não estejam próximas a ela, como observamos no seguinte trecho:

Nunca escrevi [carta]. É mais fácil as pessoas escreverem para mim. [...]. No final de ano, chega cartão para mim, só faço ler e pronto. Respondo, não. Agora, do telefone eu ligo. Tem umas primas minhas que moram no Rio, sempre mandam cartão para mim, e eu telefono. [...]. Não gosto [de responder cartas]. Eu não gosto de ir comprar no correio. [...]. Pode ser mais barato [enviar cartas], mas eu não gosto. E é porque eu não tenho nem telefone. Compro um cartão, vou ali e gasto todinho. Tenho um celular ali, mas eu não ligo, porque é a cartão... Aí, eu compro o cartão do orelhão, eu acho melhor. Vou ali para o orelhão, ligo para outro Estado, para o interior, para a casa do meu irmão, para a minha irmã que mora aqui. O telefone está muito caro e vai aumentar, né? [...]. Acho que é porque eu não sei escrever muito. Aí, eu fico com medo [de escrever cartas]. (MSA2004).

A recusa de MSA2004 em escrever cartas é verificada com a repetição da estrutura *não gosto* na fala da entrevistada, que, mesmo consciente do maior custo da ligação telefônica, prefere esta àquela – “Respondo, não. Agora, do telefone eu ligo” e “[...] sempre mandam cartão para mim, e eu telefono” – e que, por fim, busca justificar essa recusa com o seu medo de escrever. Os avanços tecnológicos influenciam a interação interpessoal e, de certo modo, os posicionamentos identitários assumidos pelos interlocutores nas práticas discursivas de que participam.

Além das influências supracitadas, há uma ligação estreita entre os avanços tecnológicos e a mobilidade espacial, fator tão evidente na contemporaneidade como constitutivo de hierarquias sociais, políticas, econômicas e culturais. Bauman (1999) cita os meios de transporte e o transporte de informação como fatores técnicos de mobilidade, atingindo as escalas espaciais e temporais e agilizando as compressões espaço-temporais. Entre os veículos e canais de transporte de informação, encontramos o papiro, o bilhete, a carta simples, o telefone convencional... e, como instrumentos mais difundidos em tempos de globalização, o telefone celular em suas variadas versões – com câmera, com acesso a Internet etc. –, a Internet e as suas possibilidades – *e-mail*, envio de torpedo para celular, *MSN messenger*, *orkut*, *blog*, *chat*, o uso da *webcam* etc. –, entre tantos exemplos. A seu modo, cada um deles viabiliza o acesso à informação e o contato interpessoal, gastando pouco ou mais tempo. Dependendo da distância em que se encontram os interlocutores, o contato através da carta pode levar dias; independente dessa distância, através do *e-mail*, a informação chega e o contato ocorre numa rapidez quase instantânea. Isso não significa que o instrumento considerado demorado não seja utilizado mais em detrimento do outro considerado ágil. Como informa a entrevistada, as suas primas usam cartas como meio de comunicação, mas ela prefere o telefone, recurso que promove a sua mobilidade espacial sem que saia das proximidades de sua casa: “Vou ali para o orelhão, ligo para outro Estado, para o interior, para a casa do meu irmão, para a minha irmã que mora aqui”.

No caso de não ter o telefone como opção para manter contato com os seus parentes, talvez MSA2004 se comunicasse através de cartas. Porém, quando expõe as suas dificuldades quanto ao uso do código escrito e, por esse motivo, o seu medo de redigir cartas, ela indica não querer identificar-se como alguém pouco ou não escolarizado, identidade desvalorizada em sociedades grafocêntricas, capitalistas e industrializadas, como a nossa. A não ocupação dessa posição de sujeito é possível, quando ela opta pelo uso de um meio de comunicação que dispensa conhecimento mais detalhado do código escrito. Pelo menos, a utilização do telefone isenta-a da identidade de um indivíduo não alfabetizado ou iletrado.

Nos dias atuais, o complexo de processos e forças que compreendem a globalização não nos permite a assunção de uma identidade fixa (HALL, 2004). Somos persuadidos a investir em identidades variadas, como performances adequadas a contextos institucionais determinados (SILVA, T., 2000), como posicionamentos dis-

cursivos provisórios (HALL, 2000; 2004). Além de outros fatores, essa heterogeneidade identitária sucede também por meio da tecnologia que nos faz acessível, como exemplo os aparelhos eletrônicos e outras invenções para facilitar as atividades cotidianas, das corriqueiras às inesperadas. Desse modo, os objetos de consumo são instrumentos cujo uso e aquisição convergem para o processo de elaboração de significados em torno de si ou, de outro modo, o processo de construção identitária (BAUMAN, 2005).

No caso de MSA2004, é importante observar que o ato de comprar um cartão para usar o telefone público – “Compro um cartão, vou ali e gasto todinho” – satisfaz a sua necessidade, sem o constrangimento de expor não apenas as suas dificuldades de escrita, mas também identidades desvalorizadas socialmente. Parece revelar discursos de resistência ante a sua limitação de escolaridade, e passa a exercer relações de poder diante de seus familiares ou amigos, pois a sua condição financeira lhe permite adquirir o cartão e acessar meios de comunicação, conseqüentemente favorecendo a sua inserção social. O cartão telefônico é aqui o objeto adquirido e consumido, cumprindo o seu papel de facilitador da mobilidade de MSA2004 ou não facilitador de sua fixação; o telefone é o promotor da mobilidade.

A entrevistada reforça essa isenção, quando comenta acerca de sua inserção em acontecimentos que envolvem interlocutores que assumem identidades prestigiadas na nossa sociedade, como um médico e uma diretora, conforme analisamos posteriormente. Ela não se priva de participar em práticas discursivas que implicam interação e relações de poder com indivíduos que ocupam posições de sujeito consideradas valorizadas em determinados contextos institucionais, conforme os discursos de cultura que circulam em nossa sociedade, a saber, o médico, a diretora da escola etc.

Vou com os meninos pro médico, vou pra clínica, que os meninos têm plano de saúde. Eu sempre falo com as pessoas. Tudo é eu aqui. Tudo. Vou pra reunião dos meninos, falo com a diretora e tudo lá no colégio. (MSA2004).

Fazer compras eu faço. Eu nunca gosto de ir para supermercado, mas eu faço. [...]. Eu só não vou assim, fazer pagamento no banco, mas, se for preciso, eu vou. Mas nunca precisou. Porque aqui em

casa sou eu que moro aqui, bem dizer. Ele [o marido] não vem aqui. Tem vez que ele viaja. Passa a semana sem vir, só no final de semana. Aí, tudo é eu, né, pra resolver as minhas coisas. [...]. (MSA2004).

E eu sempre estou no colégio, sempre eu estou no colégio dos meninos, falando com os professores, como é que vai o menino. Tem que conversar com o professor. E ele não está nem aí. O pai não vai nem lá. [...]. Eu é que vou direto. Na semana, dois dias na semana, falar com o professor alguma coisa, assim, do aluno, como é que está o aluno nas matérias. (MSA2004).

O conhecimento do código escrito mostra-se relevante, mas não imprescindível, para a inserção e participação dos indivíduos em situações sociais. Ela fala com diferentes pessoas, diretora, médico, professor, sem necessitar provar se sabe escrever ou ler. Essa colaboradora desempenha papéis sociais, interagindo socialmente com outros sujeitos sociais, apresentando traços identificatórios que os integram a determinados grupos sociais. Conseqüentemente, essa mulher possui identidades ou uma identidade transitória, móvel, cambiante, provisória, processo de construção heterogêneo e permanente.

De acordo com o contexto de interação social em que se encontra, o sujeito pode priorizar determinado posicionamento discursivo, assumindo uma posição de sujeito que emerge das relações de forças travadas naquele momento. Isso fica explícito nos trechos supracitados, bem como em outros em que ela narra a sua atuação em sala de aula, na escola, sinalizando que ali se atua não só em uma possível busca do conhecimento sistematizado, mas também em processo de interação com outros sujeitos, que podem assumir ou não identidades parecidas com as dela, como de estudante, de mãe, de mulher, de dona de casa etc. (BRITTO, 2003; ALMEIDA, 2003; SANTOS, 2003).

Em

Eu gosto de ir pro colégio, porque tem os amigos, as amigas, a gente brinca, a gente conversa, um diz uma coisa, a gente ri. Eu acho legal. Entendeu? Mas, pra eu ir pra aprender, eu não gosto, porque... Eu quero aprender, mas não entra nada na minha cabeça. (MSA2004).

a escola parece ser menos o local de aprendizagem de conhecimentos do que de encontro de amigos. Porém, a preocupação em aprender também aparece:

[...] Estudei, nada de passar. Sempre estudando, nada de passar, nada de passar. Aí, saí. Estudei bem uns três anos na quarta série, e nada, nada, nada. Parece que tinha um negócio ali me aperreando, e eu nunca que passava. (MSA2004).

Este trecho aponta a insistência da entrevistada em tentar aprender: “Estudei [...]. Sempre estudando [...]”. Diante da dificuldade em ser aprovada para a série seguinte – “Estudei bem uns três anos na quarta série, e nada [...]” –, ela poderia assumir como *sua* a responsabilidade por permanecer na mesma série, mas atribui ou divide essa responsabilidade com outrem – “Parece que tinha um negócio ali me aperreando, e eu nunca que passava” –, resistindo, assim, a um discurso que culpabiliza o sujeito adulto, pouco escolarizado, estudante de Educação de Jovens e Adultos, por aquilo que consideram o *seu* fracasso escolar.

Reclamações quanto à aprendizagem se mostram na fala de MSA2004. Ela constrói um discurso em torno do seu desempenho discente a partir das suas dificuldades em assimilar o conteúdo escolar e a estas está associada a sua identidade de estudante. Somam-se a isto as dificuldades impostas pela escola: organização seriada. MSA2004 argumenta que não entra nada na cabeça dela, acha que não deveria cursar a série em que se encontra, mas que, se tivesse reiniciado a sua trajetória escolar da primeira série do Ensino Fundamental, teria conseguido aprender, ou seja, não demonstraria as dificuldades que possui no momento. Porém, quando questionada por que não retoma as primeiras séries, ela responde: “Eu tenho vontade de começar de novo, mas só que o colégio não aceita. Eu lá tenho mais idade, mais vou lá começar mais nada. Eu já estou já velha já, vou começar do primeiro ano de novo?”. Inicialmente, ela se isenta da decisão do recomeço, atribuindo à escola a responsabilidade pela sua atual situação escolar, mas, exercendo uma resistência ao poder da instituição, assume que ela mesma não pretende voltar às primeiras séries, pois está “já estou já velha já”.

Percebemos neste trecho da fala de MSA2004 um atravessamento discursivo que remete a um pré-construído em torno da pessoa idosa, como sendo aquele sujeito que não aprende mais. Esse discurso se presentifica na fala desta mulher e chega a acionar outros já-ditos em torno desse sujeito – a pessoa considerada velha, termo usado pela entrevistada –, a saber: o idoso não tem mais necessidade de ir à escola, de procurar trabalho – discurso acionado pela próxima entrevistada, como veremos –, está no fim da vida e, por isso, deve apenas esperar a morte. Se tomarmos a idade de MSA2004, que é 41 anos no momento da entrevista, o que não a classifica como idosa, podemos inferir que a sua fala é atravessada por um discurso que circula em sociedades modernas capitalistas: a partir dos quarenta anos de idade, indivíduos não se mostram mais capazes de aprender e de produzir como indivíduos com idade menor, considerados jovens. Isso é possível por causa da memória discursiva, que torna disponíveis esses interdiscursos (PÊCHEUX, 1997; ORLANDI, 2003).

Percebemos que a identidade de MSA2004 emerge numa cadeia de significantes, em relações de poder. Vemos que ela constitui a sua identidade de estudante quando, face às suas responsabilidades maternas, pode comparecer ao ambiente escolar e admitir as responsabilidades de uma estudante:

Eu ia começar a estudar com o menino, mas não estudei, porque era novinho. O colégio longe, distante. Com a menina, eu vou fazer a matrícula aqui no colégio, porque é pertinho. Já levo ela, né? Porque ela não pode ficar em casa, só. Ela não fica de jeito nenhum. Eu já levo ela por isso. Por isso, eu comecei a estudar agora, por causa do menino. Eu tinha menino pequenininho, novinho. Aí não dava. (MSA2004).

Porém, num mesmo espaço social, podemos posicionar-nos de diferentes maneiras, podemos assumir distintas posições de sujeito. Woodward (2000, p.30) cita a casa como um espaço onde assumimos identidades familiares (pai, mãe, filho, filha etc.) e também adotamos posicionamentos suscitados pelos discursos veiculados pela mídia, através de telenovelas, propagandas, jornais... Nesse sentido, quanto a entrevistada, percebemos que, mesmo estando em ambiente educacional

e buscando exercer atitudes concernentes à posição de aluna, a sua função materna permanece acionada, uma vez que

[...], em tempo de prova, [a filha] fica ali, aperreando a gente [...]. Está na hora de prova, trabalho, criança ali perto atrapalha, né? Mas, dá um jeitinho. (MSA2004).

Como sabemos que o sentido emerge em determinada formação discursiva (PÊCHEUX, 1997), interpretamos que, apesar de expressar a sua consciência de que criança pode desconcentrar em certos momentos em que o adulto se encontra na escola, MSA2004 permite que a sua identidade de mãe permaneça em exercício, quando afirma que “dá um jeitinho”. Isso revela que ela se posiciona numa formação discursiva que favorece que o seu dizer indique esse sentido e que a sua identidade seja discursivamente constituída como de uma mulher adulta, estudante, mas que, sobretudo, é mãe de uma menina que não pode ser deixada em casa, sozinha.

Analisemos o excerto abaixo:

[...]. Queria aprender pra depois eu arranjar um trabalho. É só isso. [...]. Voltar a estudar, eu não quero mais, não. Eu vou terminar, mas, depois, não vou voltar mais, não. Assim, até a oitava, eu quero terminar. Mas, depois, não quero voltar mais, não. Já tenho dificuldade de aprender, vou continuar perdendo meu tempo? Quer dizer: eu acho bom ir pro colégio, mas sem aprender... Eu queria aprender pra arranjar um trabalho. Só arranja trabalho, sabendo lê, né? Tem que estudar, né? (MSA2004).

Esse enunciado remete à exigência discursiva de escolaridade para a conquista e manutenção de emprego, de sua presença no mercado de trabalho. Além de ter nível de escolaridade exigido pela profissão, para a entrevistada, conhecimentos de leitura mostram-se mais importantes: “Só arranja trabalho, sabendo lê, né?”. O uso do adjunto adverbial só reforça a idéia de MSA2004 de que, para conseguir trabalho, deve saber ler. Sem o conhecimento do código escrito, para ela, o indivíduo está excluído de oportunidades profissionais: “Tem de aprender a ler e a escrever, ler, fazer alguma coisa, arranjar um trabalho”. Desta exclusão, ela pode

considerar-se vítima, uma vez que assume: “Eu não gosto de ler” e “[...] eu não sei escrever muito”.

4.2 MIA2004 e MCO2005

Em alguns estudos etnográficos apontados por Gil (1990) e Rosaldo (1979), pesquisadores argumentaram que as obrigações com a reprodução da espécie e com a educação das crianças impediam a mulher de transitar livremente do espaço privado para o público, circunscrevendo a sua mobilidade social predominantemente ao ambiente doméstico. Comentando a construção da personalidade de gênero, Rosaldo (1979) discorre que o relacionamento entre mãe e filhos e filhas, estes quando ainda crianças, implica em conseqüências em suas vidas adultas. Desde criança, a menina é orientada para ajudar a mãe, aprendendo e desenvolvendo tarefas domésticas, construindo laços de respeito e de obediência com as mulheres adultas da família e com os homens também, principalmente o pai. Já o menino, não sendo orientado para as mesmas tarefas desenvolvidas pela mãe e pela irmã, teria de aprender as atividades exercidas pelo pai e por outros homens, mas não pode, porque essas são realizadas no espaço extradoméstico. Logo, estando a mãe ocupada com os afazeres domésticos e o pai distante, o menino tem a oportunidade de constituir grupos ou associações com outros meninos. A partir daí, eles iniciam a sua mobilidade pelo espaço público (ROSALDO, 1979). Observamos, por conseguinte, que a partir dessa fase meninos e meninas já são apresentados a um modelo de divisão sexual do trabalho, que lhes é justificado como naturalizado.

Conforme os relatos das nossas entrevistadas, essa divisão de trabalho que surge na infância se mostra não apenas complexa, porque, de início, homens e mulheres parecem desempenhar as mesmas tarefas, bem como configura um motivo forte para promover ou não a mobilidade dos indivíduos entre os múltiplos espaços sociais que a vida cotidiana lhes oferece, incluindo o ambiente escolar:

A minha infância, eu tinha a idade de oito anos, meu pai botou eu pra trabalhar no roçado, apanhar algodão, limpar de enxada, não tive

oportunidade de estudar. De noite, a gente ia pra aula; no lugar de a gente estudar, a gente ia cochilar, não fazia nada, enfadado. Eles tinham comer pra gente comer; às vezes, nem tinha. A gente não teve oportunidade de estudar. (MCO2005).

[...] a gente ia plantar, ia colher. Na época, saía de casa de manhã, chegava em casa à noitinha. Isso era de segunda a sábado. Era a vida da gente. Aí, final de semana, pronto, a gente ficava em casa, era ajudar a minha mãe dentro de casa, era lavar roupa, carregar água, era carregando água daqueles poços, que lá no interior a gente chama o quê? Cacimbão, né, aquele poço que fazem? Era a vida da gente [...]. (MIA2004).

A partir dos relatos acima, percebemos as dificuldades enfrentadas já durante a infância para inserir-se na educação formal. No período em que deveriam estar estudando, estavam trabalhando: “saía de casa de manhã, chegava em casa à noitinha. Isso era de segunda a sábado. Era a vida da gente” (MIA2004). Quando deveriam descansar, depois de trabalho árduo durante o dia, tentavam fazer-se presentes em sala de aula, mas era difícil: “De noite, a gente ia pra aula; no lugar da gente estudar, a gente ia cochilar, não fazia nada, enfadado” (MCO2005). Ir à escola, às vezes, pode ser a oportunidade de alimentar-se: “Eles tinham comer pra gente comer; às vezes, nem tinha” (MCO2005).

De início, a divisão das atividades realizadas parece não usar como critérios qualidades atribuídas aos sexos a partir do que se considera próprio da sua anatomia, como força física ou fragilidade: “carregando água daqueles poços” (MIA2004), “trabalhar no roçado, apanhar algodão, limpar de enxada” (MCO2005). Isso pode fazer-nos pensar numa possível igualdade hierárquica entre os sexos nos contextos socioculturais em que viviam as entrevistadas quando ainda crianças, mas veremos que não. Talvez devido às condições socioeconômicas das suas famílias, as mulheres atuassem ao lado dos homens, responsabilizando-se por ações que exigiam força física – característica geralmente atribuída a eles ou a indivíduos que assumem posições de masculinidade –:

Se [o homem] carregava água, a gente carregava também de galão.
Se apanhava algodão, a gente apanhava também. Se limpava de

enxada, a gente limpava de enxada também. Se plantava, a gente plantava também. Naquela época, tudo era igual. (MCO2005).

MCO2005 afirma: “Naquela época, tudo era igual”. De acordo com Segato (1997), não existem sociedades igualitárias, mas, sim, graus de opressão ou de sofrimento das mulheres ou dos sujeitos que assumem posicionamentos identitários considerados femininos. Para a autora (1997, p.237), “O poder revela-se, às vezes, com infinita sutileza”. As palavras dela lembram aquilo que Foucault (1979; 2004a) propõe em relação à noção de poder – como tentamos expor no decorrer deste trabalho. Talvez possamos perceber as relações assimétricas de poder, através da repetição do advérbio *também* no relato de MCO2005 – “carregava *também* de galão. [...] a gente apanhava *também*. [...] a gente limpava de enxada *também*. [...] a gente plantava *também*” –, sugerindo a persistência e a resistência das mulheres em demonstrarem a sua capacidade de efetuar as mesmas tarefas que os homens.

Contudo, no espaço doméstico, tarefas como lavagem de roupa e cozinha são de responsabilidade da mãe, compondo o seu papel de gênero e influenciando na construção de significados sociais pelos seus filhos, em torno da figura da mulher e daquilo que pode ser considerado feminino. Quando sondamos sobre a realização das tarefas no interior da casa, verificamos que a circulação dos papéis sociais de gênero parece não ocorrer:

[...] essa misturada toda [de homens e mulheres trabalhando juntos] era mais no roçado. Em casa, mamãe lavava roupa e fazia o comer [...]. (MCO2005).

Nos tempos modernos, não obstante ao fato de muitas mulheres se envolverem com essas responsabilidades, considerável parcela delas atua na esfera pública, exercendo funções antes atribuídas aos homens. Segato (1997, p.238) chama isso de mudança na *dimensão funcional do gênero*, quando se refere ao fato de que “a mulher acedeu e até substituiu o homem em papéis que implicam o exercício do poder”. Entretanto, a autora aponta que essa circulação de papéis sociais de gênero não tem implicado numa efetiva alteração de ações afetivas no contexto familiar, por exemplo. Podemos perceber isso em situações em que mulheres, embora traba-

lhando fora de casa, distantes ou não da família, atuando ativamente no orçamento do lar, são levadas a abdicar de suas conquistas para assumirem algum papel no contexto doméstico, como cuidar das crianças ou de um parente doente. Dificilmente esse retorno é realizado por filhos que se encontram distantes do convívio familiar, seja por motivo de trabalho seja de estudo.

Isso pode ser observado no trecho seguinte, em que MIA2004 relata a suspensão da sua trajetória escolar – que já tinha sido interrompida antes – após a conclusão da quarta série do Ensino Fundamental, porque o pai não tinha condições de financiar os gastos com material escolar, transporte até outra localidade, visto que onde moravam não havia nível de ensino mais elevado que aquele:

[...] eu voltei, fiz até a quarta série. Quando eu terminei a quarta série, [a professora] disse: “Pronto, vocês que passaram, agora, vão ter que estudar em Macaíba”. Já vem mais dificuldade, porque já tinha que comprar todo o material, também farda e pagar um transporte. Aí, meu pai disse: “Pois dessa vez você vai parar de vez. Não tem, não tem como”. Aí, pronto, foi aquela volta de novo pra lavoura, também foi o tempo que a minha mãe teve o problema lá que fica sem andar. [...]. A minha mãe teve trombose. Aí, pronto, a minha irmã veio, arranjou trabalho, veio trabalhar aqui em Natal e eu foi quem fiquei em casa, cuidando da minha mãe e das coisas de casa. Fiquei com ela, e ficou só meu irmão e meu pai na lavoura. E eu fiquei com ela, até ela morrer. Passou anos, minha mãe passou. Eu acho que uma faixa de cinco a seis anos. Ela, paralítica, não fazia nada, nada, nada. Tudo era mais eu que fazia. Até comida era eu que dava na boca dela, banho, tudo, tudo, tudo, tudo. Pronto, aí foi o tempo, aí depois que ela faleceu com... eu acho que, com uns dois ou três anos depois, eu disse: “Olhe, eu vou morar em Natal. Eu vou morar em Natal, vou começar a arranjar um trabalho”. Porque lá não tinha, um interior bem pequenininho não tinha. Todo mundo pobre. É só um povoadozinho. Não tinha como ninguém empregar ninguém. Só em Natal mesmo. “Eu vou arranjar uma casa de família, e vou pra me manter”. Aí, nisso, a minha irmã parou de trabalhar, arranjou um rapaz, foi viver a vida dela e eu ainda fiquei com o meu pai. Aí, ela disse: “Se você quiser, você vai e eu volto pra casa. Fico com papai, e você vai trabalhar”. Aí, nisso, eu vim, vim, trabalhei numa casa no conjunto Pirangi. Passei uma faixa de um ano. (MIA2004).

Percebemos aqui a dimensão funcional do gênero – a entrevistada “volta de novo pra lavoura” –, uma vez que, quando se necessitou de mão-de-obra na lavoura, a mulher foi utilizada como tal, ao lado do homem. Contudo, não notamos a circulação de afetos entre os papéis de gênero, porque, quando surgiu um problema

que exigia cuidados com o ser humano, como banhar e alimentar – “[...] a minha mãe teve o problema lá que fica sem andar. [...]. A minha mãe teve trombose” –, o homem permaneceu onde estava, desempenhando a mesma função – “ficou só meu irmão e meu pai na lavoura” –, e MIA2004, a mulher, ficou “em casa, cuidando da minha mãe e das coisas de casa”. Essa situação vivenciada pela entrevistada reforça o que Rosaldo (1979) comenta sobre as relações estabelecidas entre mãe, pai, filhos e filhas durante a infância, que pode refletir em outros momentos de suas histórias de vida. Além disso, pensar nesse relacionamento – quem interage com quem – implica pensar nos espaços reservados a esse ou àquele gênero. O enunciado “Fiquei com ela [a mãe], e ficou só meu irmão e meu pai na lavoura” demonstra que aos homens ou àqueles que assumam identidade de gênero masculina é reservado o espaço público, extradoméstico – no caso, a lavoura – e que às mulheres ou àqueles indivíduos que assumam identidade de gênero feminina é reservado o espaço privado, doméstico – a casa.

Como Rosaldo (1979) citou, através da ligação com mãe, a filha constrói laços de respeito e obediência, o que, no caso de MIA2004, pode ser representado com o enunciado “E eu fiquei com ela, até ela morrer”. O verbo *ficar* não implica apenas fazer companhia, mas cuidar, banhar, alimentar, assegurar as funções vitais daquele de quem se cuida – “Ela [a mãe], paralítica, não fazia nada, nada, nada. Tudo era mais eu que fazia. Até comida era eu que dava na boca dela, banho, tudo, tudo, tudo, tudo” (MIA2004).

Contudo, a morte da mãe não provocou o desvanecimento dos laços de respeito e obediência, continuando a afetar a sua mobilidade espacial (BAUMAN, 2005). Embora expressasse a sua vontade de sair daquele povoado e de mudar-se para Natal, em busca de emprego, – “[...] eu acho que, com uns dois ou três anos depois [do falecimento da mãe], eu disse: ‘Olhe, eu vou morar em Natal. Eu vou morar em Natal, vou começar a arranjar um trabalho’” –, o respeito e a obediência ensinados pela mãe eram estendidos não apenas às mulheres adultas da convivência da criança, mas também aos homens, em especial ao pai. Com a ausência materna, MIA2004 estendeu ao pai os cuidados antes reservados àquela, – “[...] eu ainda fiquei com o meu pai” –, o que a impediu de procurar trabalho e sobrevivência em outro lugar, predominantemente limitando a sua mobilidade ao espaço privado.

Na década de 1970, os estudos sobre mulheres preocupavam-se majoritariamente com as condições de vida enfrentadas pelas mulheres, denunciando a sua

opressão, subordinação e exploração por parte dos homens (HEILBORN; SORJ, 1999; GROSSI, 1998). De acordo com Foucault (2004a), sem resistência não há relações de poder; há apenas obediência, o que implica pensar em poder não como Foucault sugere, mas como algo que alguém detém e exerce sobre outro. Notamos a última concepção de poder presente em alguns estudos sobre mulheres e sobre gênero, apresentando a relação entre os sexos como polarizada, estática, naturalizada, inexorável. Por um lado, o homem é tomado como o detentor do poder, que é concretizado nas várias formas de violência exercidas sobre a mulher – agressão física, assassinato, estupro, assédio sexual, violência contra mulheres negras, indígenas e de outras etnias, entre outros (GROSSI, 1994). Por outro, a mulher é tomada como aquela que não exerce poder e apenas sofre as ações do homem, sem resistir, em consequência da sua essência feminina, de fragilidade, passividade e submissão – discurso que, embora já desconstruído por pesquisas como a de Mead (apud ROSALDO, 1979) e outros antropólogos e antropólogas e por estudos contemporâneos preocupados com as noções de sujeito, identidades, subjetividades, relações de poder (BAUMAN, 2005; BUTLER, 2003; FOUCAULT, 1979; 2004a; HALL, 2000; 2004; entre outros), vez ou outra, atravessa histórias de vida recentes, como a de MCO2005 e a de MIA2004:

[...] do jeito que eu estou aqui, apanhava do jeito que eu estava aqui, sentadinha, que naquela época a mulher tinha medo do homem. Agora, que não existe mais isso, as mulheres querem ser mais que os homens e estão trabalhando pra isto, não é? [...]. Estudando, se formando, se casa, ninguém é de ninguém: você vive a sua vida; eu vivo a minha, né? [...]. Aí, por diante, é a mulher subindo e a mulher subindo e a mulher subindo. E os homens lá embaixo. [...]. (MCO2005).

[...] ele falava, eu me calava, ficava calada mesmo. E, mesmo assim, é o tipo da coisa: se falasse, ele vinha pra cima de mim; se eu não falasse, também vinha. Aí, pronto, eu apanhava de qualquer maneira. E, agora, ele já fez ameaças, faz muito tempo que ele fez ameaças, mas, aí, eu enfrentei: “Vai fazer novamente? Faça. Você quer fazer? Você faça, mas você vai se arrepender”. E, antes, eu não falava isso. Eu acho que tudo isso tem a ver com a minha volta à escola. Eu acho... eu tenho mais, mais... estou mais instruída, estou mais aberta. Eu acho. E ele mesmo, em algumas vezes, tem falado. Muito antes de eu fazer, de eu falar com ele, ele dizia: “Olhe, depois que voltou pra escola, você está muito atrevida. Você não era assim”.

Ele mesmo achou que eu mudei, ele acha que eu mudei, e eu também acho, eu acho que hoje eu sou mais eu. (MIA2004).

A idéia de que o homem pode bater na mulher parece ser compartilhada por algumas vítimas. Com o enunciado “[...] naquela época a mulher tinha medo do homem”, MCO2005 justifica a situação vivenciada por ela na época do seu casamento, condição de quem apanha “sentadinha”, sem reagir. MIA2004 afirma calar-se, porque “apanhava de qualquer maneira”, desautorizando uma possível reação – “ficava calada mesmo”. Para alguns, isso pode ser exercício de poder; para outros, apenas prática de violência. Numa perspectiva foucaultiana, não podemos confundir poder e violência, cujas naturezas são distintas. A violência age sobre os corpos dos indivíduos; o poder, sobre as ações destes. Enquanto que o indivíduo não quer receber uma ação violenta, o poder “age de modo que aquele que se submete à sua ação o receba, aceite e tome como natural, necessário” (VEIGA-NETO, 2003, p.143).

Foucault (1995) defende que as relações de poder funcionam através do consentimento, que, por sua vez, depende dos discursos e das práticas discursivas que constituem essas relações, das instituições para o controle e a repressão de discursos, gestos, comportamentos humanos, já que o poder se materializa através do controle exercido sobre as ações dos indivíduos, sobre os seus corpos. Foucault (1979) afirmou a materialização corporal do poder, o que não implica que, para ser exercido, tenha de deixar marcas no corpo do outro. MIA2004 e MCO2005 tiveram os seus corpos marcados por atitudes violentas. No entanto, elas não ficaram sem reagir. Elas reagiram, resistiram, geriram novas vidas para si. Naquele momento, silenciaram, choraram, como estratégia para subverterem aquelas condições de vida posteriormente. Hoje, elas usam estratégias de resistência discursivas, inserindo-se num grupo que vem subindo, subindo... e que, mesmo sob ameaças verbais e quase físicas, enfrentam.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Imprimir um sentimento de conclusão a um trabalho acadêmico é uma experiência conflituosa. Concluir algo nos parece não ter mais nada para fazer em relação a ele. Quando não há, é um alívio. Quando há, quando se possui a certeza de que ainda há muito a ser realizado, a necessidade de uma finalização é temerosa. Para aqueles que comparam a elaboração de um texto com o ato de parir, nessa etapa, teme-se que o filho seja abandonado, sem a oportunidade de amadurecer. É assim que nos sentimos face à exigência da academia e de fatores externos.

Sabemos que atividades de pesquisa e de elaboração de escrita científica correspondem a atividades de produções de sentidos, a práticas discursivas, que são múltiplas, heterogêneas, participativas de interlocuções que envolvem outras práticas, outras vozes, como atitudes responsivas ativas (BAKHTIN, 1997), como afetos ativos e afetos reativos (DELEUZE, 2005). Pensando assim, evidencia-se-nos que a conclusão da nossa pesquisa é ilusória, apesar de ser necessária para a apresentação e estruturação textual de uma etapa da nossa vida acadêmica. Ilusória, porque temos a consciência de que muitos sentidos podem e devem ser elaborados em torno dos relatos de vida das mulheres que são sujeitos do nosso estudo.

No decorrer do nosso curso de mestrado, estamos envolvidos e atingidos por uma multiplicidade de enunciados e de forças. Permitimo-nos ser afetados por eles, almejando ao amadurecimento de nossas identidades pessoais e coletivas, aspirando à imposição da necessidade diaspórica aos nossos modos de ser e estar na contemporaneidade, nos diversos contextos institucionais, em especial o da academia, o do espaço universitário. Desafiemo-nos a enfrentar as novas demandas que se nos apresentam através da leitura de autores fascinantes, de idéias complexas, através da necessidade de responder à pergunta “Qual é o seu objeto?”. Aventuramo-nos a oferecer respostas, quando as temos, ou a buscá-las, quando não as possuímos – situação mais constante.

Essa busca nos conduz a indagações constantes, a movimentos de descentralização, fragmentação e desconstrução discursiva em torno dos anseios de pesquisador incipiente. Reformulamos a proposta inicial apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem. E isso só se fez possível devido ao apoio e às orientações experientes dos nossos interlocutores; em especial, da pro-

fessora Marluce Pereira da Silva, parceira nesta e em outras práticas discursivas. Essa investigação se concretizou porque dialogamos, mudamos, desafiamo-nos, lemos, escrevemos, (re)lemos, (re)escrevemos. Essas reformulações foram e são relevantes para a nossa constituição identitária, proporcionando posicionamentos, paradoxalmente, decisivos e transitórios. Elas nos certificam que nos encontramos em movimento. Assim, temos consciência de que a diáspora nos proporciona um equilíbrio diaspórico.

Aqui retomamos questões e objetivos de pesquisa propostos neste estudo. Que práticas discursivas e relações de poder envolvem e constituem as mulheres colaboradoras? Que posicionamentos identitários elas assumem em meio a práticas discursivas e relações de poder que as compreendem e que são identificadas em seus relatos? Que marcas lingüísticas caracterizam no discurso das entrevistadas formas de resistência na constituição identitária? Como expusemos na “Introdução”, com esses questionamentos, pretendemos: investigar a constituição discursiva de identidades; apontar práticas discursivas e relações de poder que envolvem mulheres e que convergem para a constituição de suas identidades; explorar na materialidade lingüística efeitos de sentidos que emanam das práticas discursivas e relações de poder que envolvem as colaboradoras na constituição de identidades em espaços privados e públicos. Arriscamos sugerir respostas – talvez seja melhor dizer que buscamos produzir sentidos – e até lançar alguma pergunta que possa integrar os nossos interesses em outro momento de atuação acadêmica ou os interesses de outros sujeitos preocupados com e afetados por questões ligadas à vida.

É sabido que, em sociedades globalizadas, novas demandas quanto ao uso da tecnologia da escrita são impostas aos indivíduos. A exigência discursiva e não-discursiva de escolaridade é cada vez mais evidenciada pelos índices de matrícula em turmas de Educação de Jovens e Adultos (INEP, 2005a; 2005b), mostrando a vontade daqueles que desejam aprender com a retomada da trajetória escolar (BRITTO, 2003), mas também sinalizam para a lacuna existente no sistema educacional brasileiro. Pensamos que o reingresso escolar desses adultos pode contribuir para a reelaboração de significados sociais em torno de si, dos outros e da realidade em que se inserem. Acreditando que as interlocuções experimentadas na escola possam influenciar o processo de constituição identitária, escolhemos como sujeitos mulheres adultas que retomaram a sua trajetória escolar, a fim de perceber os posi-

cionamentos que elas assumem a partir de práticas discursivas e relações de poder vivenciadas em seu cotidiano e que conseguimos identificar em seus relatos.

De acordo com a análise de dados, observamos a participação das mulheres entrevistadas em diversos acontecimentos discursivos, exercitando forças, resistindo a forças. MSA2004, MIA2004 e MCO2005 demonstram-nos que, mesmo inserida em contextos urbanos globalizados, o baixo nível de escolaridade e o tímido conhecimento da tecnologia da escrita não as impedem de interagir com pessoas que ocupam posições de prestígio na sociedade, como médicos, diretora, professores etc. Podemos pensá-las ainda a partir de discursos de controle da mulher, já que, para voltar a estudar, MIA2004 pediu permissão ao marido. Da materialidade lingüística de MSA2004 podem emanar efeitos de sentidos que a constituam como uma pessoa submissa, que sofre a distância do marido, que pouco se envolve nos assuntos familiares. Em um trecho de sua entrevista, MCO2005 expõe a concepção de esposa e de marido: “[...] a obrigação da mulher é o marido botar a feira e ela guardar tudinho, ajeitar tudinho na geladeira [...]”. Para ela, o homem deve ser o provedor do lar; a mulher, responsável pelos afazeres domésticos e por cuidar dos filhos e do marido. Por conseguinte, essa é uma das marcas lingüísticas que sugerem efeitos de sentidos que tomam a mulher numa tentativa de controle, exercendo efeitos de poder sobre os seus corpos, sobre as suas vidas.

Entretanto, podemos pensá-las a partir de discursos de mudança de suas condições de vida, de seus modos de ser e de habitar a contemporaneidade. Elas exercem poder quotidianamente. Mesmo sendo afetadas pelas práticas de poder do outro, resistem e afetam aqueles que pensam ter domínio sobre elas, que, agindo assim, concorrem para a elaboração de novos significados sociais em torno de si, para a modificação dos modelos de identidades e papéis de gênero impostos por uma matriz heterossexista e falocêntrica (BUTLER, 2003; LOURO, 2004).

Essa percepção resulta das teorizações de Foucault (1979; 1995; 2004a; entre outros). Praticadas quotidiana e dinamicamente, atravessando e através de nossos corpos, comportamentos, discursos, instituições etc. No bojo dessas relações de forças, para Foucault (2004a), a resistência é o elemento-chave. Observamos que MSA2004, MIA2004 e MCO2005 acionam estratégias de resistência às forças com que outros sujeitos tentam afetar-lhes. Diante da sua não nulidade, o homem é obrigado a redirecionar as suas estratégias de poder. Quando ele pensa que pode dominá-la, ela age, resiste, atua, constituindo os significados identitários de ambos.

Conforme Deleuze (2005, p.98), “Quando o diagrama de poder abandona o modelo de soberania para fornecer um modelo disciplinar, quando ele se torna ‘biopoder’, ‘biopolítica’ das populações, responsabilidade e a gestão da vida, é a vida que surge como novo objeto do poder”.

É nessa nova modalidade de poder, que toma a vida como objeto, que podemos perceber as nossas colaboradoras como inseridas em contextos institucionais heterogêneos, dentro de contextos mais amplos compreendidos no complexo de forças e processos que constituem a globalização. Essas mulheres são sujeitos com identidades em trânsito, quando envolvidas em práticas discursivas e relações de poder quotidianas: por um lado, reforçam significados atribuídos à mulher e ao feminino, compreendidos como integrantes de uma prática tradicional que tende a tomar a mulher como um sujeito submisso ao poder exercido pelo homem e aprisionado ao espaço privado; por outro, resistem a esses significados e aos seus efeitos de poder, promovendo movimentos de mudança na constituição de suas identidades, em especial as de gênero, e favorecendo uma maior mobilidade espacial entre o privado e o público.

Infelizmente, acontecimentos discursivos que investem no aprisionamento do sujeito às possibilidades preestabelecidas, – que determinam como devemos ser homens ou mulheres a partir do aparelho sexual externo de cada um (LOURO, 2004) –, não são práticas discursivas esquecidas em nossas memórias. Ressurgem no dia-a-dia de todos nós, mas, em especial, daqueles sujeitos cujas marcas corporais põem à prova as identidades monolíticas que nos são impostas. Pensar a identidade de gênero hoje não nos permite pensar que feminino é só aquilo atribuído à mulher e masculino, aquilo atribuído ao homem. Atualmente, em início do século XXI, inúmeros sujeitos ainda se encontram silenciados pela História. São muitos os registros que escamoteiam a existência de indivíduos que insistem em questionar a norma, pondo-se em movimento constante entre lugares, espaços, identidades. São várias as práticas discursivas que insistem em enquadrar as mulheres entrevistadas por nós em modos de ser, estar e habitar em seus corpos.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Maria Lúcia Silva. Sujeitos não-alfabetizados: sujeitos de direitos, necessidades e desejos. In: SOARES, Leôncio (Org.). *Aprendendo com a diferença: estudos e pesquisas em educação de jovens e adultos*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- ALTHUSSER, Louis. *Ideologia e Aparelhos Ideológicos do Estado*. Tradução de Joaquim José de Moura Ramos. Portugal: Presença; Brasil: Martins Fontes, 1974.
- BAKHTIN, Mikhail. (VOLOCHÍNOV). [1929]. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 11.ed. São Paulo: Hucitec, 2004.
- _____. Os gêneros do discurso. In: _____ [1979]. *Estética da criação verbal*. Tradução de Maria Ermantina Galvão G. Pereira. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997. (Coleção Ensino Superior).
- BAUMAN, Zygmunt. *Globalização: as conseqüências humanas*. Tradução de Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- _____. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Tradução de Carlos Alberto Me-deiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- BRANDÃO, Helena Hathsue Nagamine. *Introdução à análise do discurso*. 2.ed. Campinas (SP): Editora da UNICAMP, 2004.
- BRITTO, Luiz Percival Leme. *Contra o consenso: cultura escrita, educação e participação*. Campinas (SP): Mercado de Letras, 2003. (Coleção Idéias sobre Linguagem).
- BUFFON, Roseli. Encontrando uma tribo masculina de camadas médias: a subjetividade na construção do objeto de pesquisa. In: GROSSI, Miriam Pillar (Org.). *Trabalho de campo & subjetividade*. Florianópolis (SC): Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, 1992.
- BUTLER, Judith P. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CANCLINI, Néstor García. [1995]. *Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*. Tradução de Maurício Santana Dias. 4.ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005.

CELANI, Maria Antonieta Alba. Afinal, o que é Lingüística Aplicada? In: PASCHOAL, Mara Sofia Zanotto; CELANI, Maria Antonieta Alba (Orgs.). *Lingüística aplicada: Üda aplicação da lingüística à lingüística transdisciplinar*. São Paulo: EDUC, 1992.

COMBESSIE, Jean-Claude. *O método em sociologia: o que é, como se faz*. Tradução de Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Loyola, 2004.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v.10, n.1, p.171-188, jan./jun. 2002.

DELEUZE, Gilles. [1989]. *Foucault*. Tradução de Claudia Sant'Anna Martins. São Paulo: Brasiliense, 2005.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina D. Identidades culturais: uma discussão em andamento. In: _____. *Cartografias dos estudos culturais: Uma versão latino-americana*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. (Coleção Estudos Culturais, 8)..

FAIRCLOUGH, Norman. [1992]. Abordagens da análise de discurso. Tradução de Izabel Magalhães. In: _____. *Discurso e mudança social*. Tradução de Izabel Magalhães (Coord.). Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Mídia e produção do sujeito: o privado em praça pública. In: FONSECA, Tânia Mara Galli; FRANCISCO, Deise Juliana (Orgs.). *Formas de ser e habitar a contemporaneidade*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2000.

FLAX, Jane. Pós-modernismo e relações de gênero na teoria feminista. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque (Org.). *Pós-modernismo e política*. Rio de Janeiro: Rocco, 1991.

FOUCAULT, Michel. [1972]. O Sujeito e o Poder. In: DREYFUS, Hubert; RABINOW, Paul. *Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Tradução de Vera Porto Carrero. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

_____. [1976]. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

_____. *Microfísica do poder*. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979. (Biblioteca de filosofia e história das ciências: v. n. 7).

_____. [1978]. Diálogo sobre o poder. In: _____. *Estratégia, poder-saber*. Organização e seleção de textos por Manoel Barros da Motta. Tradução de Vera Lúcia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003. (Ditos e escritos; IV).

_____. [1982]. *Sexo, poder e a política da identidade*. Tradução de Wanderson Flor do Nascimento. Entrevista a B. Gallagher e A. Wilson, em Toronto, em junho de 1982. Disponível no site <http://www.unb.br/fe/tef/filoesco/foucault/sexpodident.html>. Acesso em 9 de julho de 2004a.

_____. [1971]. *A ordem do discurso*. 11.ed. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2004b.

_____. [1969]. *A arqueologia do saber*. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 7.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

FRANCHETTO, Bruna; CAVALCANTI, Maria Laura V. C.; HEILBORN, Maria Luiza. Antropologia e Feminismo. In: _____ (Orgs). *Perspectivas antropológicas da mulher*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

FREITAS, Maria Teresa de Assunção. A abordagem sócio-histórica como orientadora da pesquisa qualitativa. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, v.1, n.116, p.21-39, jul. 2002.

GERGEN, Kenneth J. A crítica feminista da ciência e o desafio da epistemologia social. In: GERGEN, Mary McCanney (Ed.). *O pensamento feminista e a estrutura do conhecimento*. Tradução de Ângela Melim. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; Edunb, 1993.

GIDDENS, Anthony; PIERSON, Christopher. *Conversas com Anthony Giddens: o sentido da modernidade*. Tradução de Luiz Alberto Monjardim. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.

GIDDENS, Anthony. *Modernidade e identidade*. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

_____. *As conseqüências da modernidade*. Tradução de Raul Fiker. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

GIL, Fernando. Homem/Mulher. In: Enciclopédia Einaudi. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1990. (Parentesco; v.20).

GREGOLIN, Maria do Rosário Valencise. Análise do discurso: os sentidos e suas movências. In: GREGOLIN, Maria do Rosário Valencise et al. (Org.). *Análise do discurso: entornos do sentido*. Araraquara (SP): UNESP, FCL, Laboratório Editorial; São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, 2001. (Série Trilhas Lingüísticas, 2).

GROSSI, Miriam Pillar. *Identidade de gênero e sexualidade*. Ilha de Santa Catarina: Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, 1998. (Antropologia em Primeira Mão, 24).

_____. Novas/velhas violências contra a mulher no Brasil. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, ano 2, número especial, p.473-483, jul./dez. 1994.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 9.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

_____. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis (RJ): Vozes, 2000.

_____. [1997]. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. Tradução de Ricardo Uebel, Maria Isabel Bujes e Marisa Vorraber Costa. Disponível em http://www.educacaoonline.pro.br/art_a_centralidade_da_cultura.asp?f_id_artigo=450. Acesso em 17 de novembro de 2005.

HEILBORN, Maria Luiza; SORJ, Bila. Estudos de gênero no Brasil. In: MICELI, Sérgio (Org.). *O que ler na Ciência Social brasileira (1970-1995)*. São Paulo: Sumaré; ANPOCS; Brasília (DF): Capes, 1999.

HENRY, Paul. Os fundamentos teóricos da “Análise automática do discurso” de Michel Pêcheux. In: GADET, Françoise; HAK, Tony (orgs.). *Por uma análise automáti-*

ca do discurso: uma introdução a obra de Michel Pêcheux. Tradução de Bethânia S. Mariani et al. Campinas (SP): Editora da UNICAMP, 1993. (Coleção Repertórios).

HOFFNAGEL, Judith Chambliss. Linguagem e a construção da identidade de gênero. In: BARROS, Kazue Saito Monteiro de (Org.). *Produção Textual: interação, processamento, variação*. Natal (RN): EDUFRN, 1999.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (INEP). *Sinopse Estatística da Educação Básica 2004*. Disponível em: http://www.inep.gov.br/basica/censo/Escolar/Sinopse/sinopse_estatistica_2004/Parte-1.pdf. Acesso em: 20 de dezembro de 2005a.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (INEP). *Resultados Preliminares do Censo Escolar 2005*. Disponível em: <http://www.inep.gov.br/basica/censo/Escolar/resultados.htm>. Acesso em: 20 de dezembro de 2005b.

KLEIMAN, Ângela B. A construção de identidades em sala de aula: um enfoque interacional. In: SIGNORINI, Inês (Org.). *Língua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado*. Campinas (SP): Mercado de Letras; São Paulo: Fapesp, 1998. (Coleção Letramento, Educação e Sociedade).

KOFES, Suely. Categorias analítica e empírica: gênero e mulher: disjunções, conjunções e mediações. *Cadernos Pagu*, Campinas, n.1, p.19-30, jan./jun. 1993.

LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MACHADO, Roberto. Por uma genealogia do poder. In: FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979. (Biblioteca de filosofia e história das ciências: v. n. 7).

MAGALHÃES, Maria Izabel. Práticas discursivas de letramento: a construção da identidade em relatos de mulheres. In: KLEIMAN, Angela B. (org.). *Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita*. Campinas (SP): Mercado de Letras, 1995. (Coleção Letramento, Educação e Sociedade).

_____. Interdiscursividade e identidade de gênero. In: MAGALHÃES, Izabel; LEAL, Maria Cristina D. (Orgs.). *Discurso, gênero e educação*. Brasília: Plano Editora; Oficina Editorial do Instituto de Letras da UnB, 2003.

MAINGUENEAU, Dominique. [1987]. *Novas tendências em análise do discurso*. Tradução de Freda Indursky. 3.ed. Campinas (SP): Pontes; Editora da UNICAMP, 1997.

MEY, Jacob L. *As vozes da sociedade: seminários de pragmática*. Tradução de Ana Cristina de Aguiar. Campinas (SP): Mercado de Letras, 2001.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. *Identidades fragmentadas: a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula*. Campinas (SP): Mercado de Letras, 2002. (Coleção Letramento, Educação e Sociedade).

_____. Contemporaneidade e construção de conhecimento na área de estudos linguísticos. *Scripta*, Belo Horizonte, v.7, n.14, p.159-171, 1º sem. 2004.

NOGUEIRA, Vera Lúcia. Educação de Jovens e Adultos e Gênero: um diálogo imprescindível à elaboração de políticas educacionais destinadas às mulheres das camadas populares. In: SOARES, Leôncio (Org.). *Aprendendo com a diferença: estudos e pesquisas em educação de jovens e adultos*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

OLIVEIRA, Maria Bernadete Fernandes de. Revisitando a formação de professores de língua materna: teoria, prática e construção de identidades. *Revista Linguagem em (Dis)curso*, Tubarão (SC), v.6, n.1, jan./abr. 2006. Disponível em <http://www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/0601/06.htm>. Acesso em 23 de junho de 2006.

ORLANDI, Eni Puccinelli. [1999]. *Análise do discurso: princípios e procedimentos*. 5.ed. Campinas (SP): Pontes, 2003.

PÊCHEUX, Michel. [1969]. Análise automática do discurso. In: GADET, Françoise; HAK, Tony (Orgs.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução a obra de Michel Pêcheux*. Tradução de Bethânia S. Mariani et al. Campinas (SP): Editora da UNICAMP, 1993. (Coleção Repertórios).

_____. [1983]. *O Discurso: estrutura ou acontecimento*. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi. 3.ed. Campinas (SP): Pontes, 2002.

PERROT, Michelle. [1998]. *As mulheres ou os silêncios da história*. Tradução de Viviane Ribeiro. Bauru (SP): EDUSC, 2005.

PINHEIRO, Odette de Godoy. Entrevista: uma prática discursiva. In: SPINK, Mary Jane P. (Org.). *Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas*. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2000.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Relatos Oraís: do “indizível” ao “dizível”. In: SIMSON, Olga de Moraes Von (Org.). *Experimentos com histórias de vida: Itália-Brasil*. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 1988.

ROSALDO, Michelle Zimbalist; LAMPHERE, Louise. Introdução. In: _____ (Orgs.). *A mulher, a cultura e a sociedade*. Tradução de Cila Ankier e Rachel Gorenstein. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. (Coleção O Mundo, Hoje; v.31).

ROSALDO, Michelle Zimbalist. A mulher, a cultura e a sociedade: uma revisão teórica. In: _____; LAMPHERE, Louise (Orgs.). *A mulher, a cultura e a sociedade*. Tradução de Cila Ankier e Rachel Gorenstein. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. (Coleção O Mundo, Hoje; v.31).

SANTOS, Geovania Lúcia dos. Quando adultos voltam para a escola: o delicado equilíbrio para obter êxito na tentativa de elevação da escolaridade. In: SOARES, Leôncio (Org.). *Aprendendo com a diferença: estudos e pesquisas em educação de jovens e adultos*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

SCOTT, Joan. História das mulheres. In: BURKE, Peter (Org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora UNESP, 1992.

_____. Prefácio a “Gender and Politics of History”. *Cadernos Pagu*, Campinas (SP), n.3, p.11-27, 1994.

_____. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v.20, n.2, p.71-99, jul./dez. 1995.

SEGATO, Rita Laura. Os percursos do gênero na antropologia e para além dela. *Revista Sociedade e Estado*, Brasília, v.XII, n.2, p.235-262, jul./dez. 1997.

SHOTTER, John; LOGAN, Josephine. A penetração do patriarcado: sobre a descoberta de uma voz diferente. In: GERGEN, Mary McCanney (Ed.). *O pensamento feminista e a estrutura do conhecimento*. Tradução de Ângela Melim. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; Edunb, 1993.

SIGNORINI, Inês. Os estudos sobre identidade e língua(gem) em Lingüística Aplicada. In: BARROS, Kazue Saito Monteiro de (Org.). *Produção Textual: interação, processamento, variação*. Natal (RN): EDUFRN, 1999.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: _____ (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis (RJ): Vozes, 2000.

SOIHET, Rachel. História, mulheres, gênero: contribuições para um debate. In: AGUIAR, Neuma (org.). *Gênero e ciências humanas: desafio às ciências desde a perspectiva das mulheres*. Rio de Janeiro: Record; Rosa dos Tempos, 1997. (Coleção Gênero, v.5).

SORJ, Bila. O feminismo na encruzilhada da modernidade e pós-modernidade. In: COSTA, Albertina de Oliveira; BRUSCHINI, Cristina. *Uma questão de gênero*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992.

VEIGA-NETO, Alfredo. *Foucault & a educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis (RJ): Vozes, 2000.

ANEXOS

ANEXO 1: entrevista de MSA2004

Pesquisador: a entrevista é sobre a questão da identidade da pessoa. Identidade pode envolver n coisas: comportamento... o que você achar que mostra quem você é. Mas, neste caso, como eu estou estudando os alunos da educação de jovens e adultos, que, na maioria das vezes, são alunos trabalhadores, que passaram um tempo sem estudar, que voltaram a estudar. Então, saber como isso pode estar... qual é a função desse retornar a escola para esses alunos. Aí, eu gostaria que você começasse se apresentando, dizendo quem você é, qual a sua idade, como é a sua vida, a questão dos filhos, o que você achar que deve dizer em relação a você.

MSA2004: eu comecei a estudar com dezesseis anos. Foi difícil pra mim, porque eu morava aqui. Aí, comecei a estudar; aí, depois, parei. Estudava, sempre não passava nos estudos. Saía. Tinha dificuldade em aprender. Ia para outro colégio, não gostava do colégio. Pedia para voltar para aquele outro colégio. Voltava. E continuava e sempre não passava, sendo numa série mesmo, só, mas não passava, ficava naquela série. Aí, depois, saí do colégio e fiquei sem estudar. Agora, com muito tempo, foi que eu vim voltar a estudar.

Pesquisador: com muito tempo, quando depois?

MSA2004: ah, eu não me lembro o tempo.

Pesquisador: com quantos anos você voltou?

MSA2004: com quantos anos? Comecei a estudar agora, depois que eu tive os dois meninos... Faz uns três anos... Eu nem me lembro mais quantos anos faz.

Pesquisador: quantos anos você tem?

MSA2004: eu tenho quarenta e um anos. Acho que faz uns três anos atrás, que voltei a estudar. E eu sei que eu gosto de estudar, mas eu nem gosto muito, porque eu tenho dificuldade nos estudos. Sempre dá vontade de sair. Sempre eu digo “eu vou sair do colégio. Não vou estudar mais”, porque eu tenho dificuldade de aprender.

Pesquisador: mas, você acha que essa dificuldade se deve a quê?

MSA2004: a mim mesma, assim... Sei lá. Numa entra nada na minha cabeça. Presto atenção às coisas, mas não entra. Entendeu?

Pesquisador: e quando você era criança, você estudou onde? Você é de onde?

MSA2004: sou do interior, de Areis. Eu estudei lá, mas estudei muito pouco lá. Com dez anos, eu vim pra cá. Fiquei aqui. Aí, com dezesseis anos, eu comecei a estudar. No interior é difícil as coisas naquele tempo. Agora, não. Mas, eu estudei muito pouco no interior.

Pesquisador: como é que seus pais queriam que você estudasse?

MSA2004: não. Eles nem ligaram. Eu ia para o colégio, porque eu ia de ir mesmo. Eles nunca ligaram de eu estudar. Nunca disseram assim: “Vá pro colégio. Você tem de estudar”. Como agora, os pais deixam os meninos ir para o colégio, e tem de ir mesmo. Naquele tempo, não. Não estavam nem aí. Eu também nem ligava.

Pesquisador: depois, quando você, já depois de grande, voltou a estudar, eles disseram alguma coisa?

MSA2004: quem?

Pesquisador: os seus pais.

MSA2004: não. Nunca falaram nada.

Pesquisador: não? Nem apoiando?

MSA2004: não. Nunca.

Pesquisador: e seu esposo?

MSA2004: sempre ele... Como eu falei, “Olhe, eu vou estudar, porque eu não trabalho, não faço nada”. “Ótimo. Boa idéia”. Ele achou bom. Até hoje, ele não diz nada. Ele chega aqui, em casa. Na hora em que ele chega, tem vezes que eu digo assim: “Ah, eu não vou para o colégio, não, você chegou...”. Ele diz: “Não, pode ir. Nem se preocupe. Quando você chegar, eu janto”. Mas, meus pais nunca... Os meninos também. Eles dão a maior força. Esse daqui todo dia pergunta: “Vai pra aula hoje?”. “Vou”.

Pesquisador: agora, você não se apresentou. Diga o seu nome completo, onde você nasceu, o nome dos meninos, a idade...

MSA2004: meu nome é MSA2004 Lucas de Melo, 23 de outubro de 1962. O nome dos meninos: Pancrácio Saraiva Maia Júnior Filho, 4 de fevereiro; Saionara Priscila Lucas Saraiva, 23 de setembro de 1995. Pronto.

Pesquisador: o que te levou a interromper os estudos? Foi a questão de sentir dificuldades, como você tinha dito?

MSA2004: é, eu sinto muita dificuldade em aprender. Muito mesmo. Assim, você já foi meu professor, acho que deve saber que... Acho que você já percebeu que eu tenho dificuldade de aprender.

Pesquisador: MSA2004, eu gostaria que você dissesse o que te incentivava a continuar estudando e o que é que dificulta você continuar estudando. Fique à vontade.

MSA2004: ah, porque eu vou para o colégio. Eu gosto de ir para o colégio, porque tem os amigos, as amigas, a gente brinca, a gente conversa, um diz uma coisa, a gente ri. Eu acho legal. Entendeu? Mas, para eu ir para aprender, eu não gosto, porque... Eu quero aprender, mas não entra nada na minha cabeça. Parece o professor fazendo mil coisas aquilo ali, mas parece que eu não sei nem o que é ali, que ele está dizendo, porque não entra. Eu quero aprender, mas não dá, não dá de jeito nenhum. Tem vezes que eu presto atenção bem direitinho, mas não entra.

Pesquisador: você acha que é por causa de que isso?

MSA2004: acho que por causa de mim mesma, de algum problema que eu não posso... Sei lá. Um problema de mim mesma. Tem gente que diz assim: "Ah, eu vou lá pro colégio. Eu não tenho mais cabeça para aprender. Vou nada". Tem vez que eu acho a pessoa tão inteligente, assim, amiga minha. "Mulher, vá estudar". "Não, mulher, vou não. Tenho paciência, não. Não entra nada na minha cabeça". Eu já vou assim, mas não aprendo. Quero aprender, mas não dá.

Pesquisador: tem alguma coisa que, na escola ou fora da escola, além dessa questão da aprendizagem, que dificulta você continuar estudando?

MSA2004: não. Eu acho assim, os estudos muito fortes para mim. Eu quando comecei a estudar ali, era para eu ter começado logo. Porque faz muito tempo que eu estudei. Era para ter começado na primeira, no primeiro nível. Porque eu já comecei a fazer a quinta, a quarta série. Aí, eu me arrependi. Era para ter matriculado logo no primeiro, para eu aprender mais, porque fazia muito tempo que eu estudei.

Pesquisador: mas, quem foi que te colocou na quarta série? Foi você?

MSA2004: não. Eu mesma que fui. Eu fui mesma. Peguei o meu histórico no colégio onde eu tinha estudado. Aí, fui, me matriculei na quarta série. Ia fazer quarta... aí, terceira e quarta. Não é assim, né? Terceira e quarta, quinta e sexta, sétima e oitava? Aí, eu me matriculei na terceira e quarta. Agora, eu queria, eu pedi para eu começar, mas o rapaz disse que não dava, porque eu já estava com o histórico ali. Agora, eu se não tivesse ido pegar o histórico, aí eu tinha começado logo do começo, mas eu estava com o histórico na mão. Eu tenho vontade de começar de novo, mas só que o colégio não aceita. Eu lá tenho mais idade, mas vou lá começar mais nada. Eu já estou já velha já, vou começar do primeiro ano de novo?

Pesquisador: novíssima. Quarenta e um anos.

MSA2004: não. Deus me livre!

Pesquisador: o que você acha que na escola poderia ter para você continuar estudando ou para melhorar o seu rendimento?

MSA2004: os estudos, mesmo, né? Assim, um estudo mais fraco para aquelas pessoas mais fracas. Deveria ter aquele estudo para as pessoas que sabem mais e para aquela turma, aquelas pessoas que sabem menos. Como o meu caso, né? Porque tem tanta gente ali fraquinha, que passa dois, três anos que não passava pela mesma série. E, quando passa, não sabe de nada. Eu acho que muito forte duas séries num ano só. Eu acho demais. Eu acho muito...

Pesquisador: então, por que você não foi para uma escola que tivesse uma série em cada ano?

MSA2004: porque... não tem, Cássio, de noite. Difícil, né. E aqui é pertinho de casa. É isso aí que eu acho pesado para mim também, viu, Cássio? É isso aí: dois anos num ano só. Como é? Duas séries num ano só. Muito pesado...

Pesquisador: o que foi que pesou para você escolher a escola aqui próximo?

MSA2004: porque é pertinho de casa. Essa escola é ótima, pertinho. De repente, a gente está ali. Aí, outro colégio longe, a gente sai de casa tarde, chega atrasada. Ali, não. Pertinho.

Pesquisador: você gosta das aulas?

MSA2004: gosto, eu gosto. Eu gosto das aulas. Eu não gosto mais, porque a aula de matemática, né? O professor não é bem, não explica direito, mas das outras aulas eu gosto. Sempre a gente tem... O ano passado, a gente teve aula com o professor de matemática que era do mesmo jeito. Mas Régis disse que vai ver isso aí. Pronto, a professora de português, lóle, tem vez que ela vem dar aula à gente, tem vez que ela dá aula de matemática, tem gente que acha ótima a aula de matemática dela, porque ela explica bem direitinho mesmo, do jeito que ela acha que é para explicar para gente. Já o professor não. Bota aquilo e acabou-se, pronto. Aquelas coisas dele. Não tem paciência.

Pesquisador: quanta de português, como é que ela é?

MSA2004: ela é brincalhona.

Pesquisador: ela ensina direitinho?

MSA2004: ensina.

O pesquisador pede permissão para pôr a cadeira mais próxima da entrevistada. Ela permite e oferece bolo.

Pesquisador: antes de você voltar a estudar aí, antes de começar a assistir às aulas, você pensava o quê? Assim, você tinha medo...? Ou qual a sua expectativa? O que você esperava das aulas? Você acha que passou quanto tempo, cinco anos, dois anos, dez anos, sem estudar, daquela vez que parou de estudar para voltar?

MSA2004: dez anos? Ai, eu nem me lembro. Não lembro mesmo. Passei muitos anos. Mas, eu não lembro, não. Eu ia começar a estudar com o menino, mas não estudei, porque era novinho. O colégio longe, distante. Com a menina, eu vou fazer a matrícula aqui no colégio, porque é pertinho. Já levo ela, né? Porque ela não pode ficar em casa, só. Ela não fica de jeito nenhum. Eu já levo ela por isso. Por isso, eu comecei a estudar agora, por causa do menino. Eu tinha menino pequenininho, novinho. Aí não dava.

Pesquisador: mas, aí, você sente dificuldade em levar a filha para a sala? Algum problema na escola com relação a isso?

MSA2004: não. Só, assim, em tempo de prova, fica ali, aperreando a gente, aquelas coisas, mas isso daí passa.

Pesquisador: é. Na hora, você não se concentra.

MSA2004: é. Está na hora de prova, trabalho, criança ali perto atrapalha, né? Mas, dá um jeitinho. Ela fica pra lá. E pronto.

Pesquisador: então, quando você voltou a estudar, era somente para se ocupar ou tinha outro objetivo, questão de trabalho?

MSA2004: queria estudar, lógico. Queria aprender para depois eu arranjar um trabalho. É só isso. Queria aprender, lógico. Queria aprender.

Pesquisador: e qual a relação que você encontra entre a escola e o trabalho?

MSA2004: voltar a estudar, eu não quero mais, não. Eu vou terminar, mas, depois, não vou voltar mais, não.

Pesquisador: mas, terminar até que série?

MSA2004: assim, até a oitava, eu quero terminar. Mas, depois, não quero voltar mais, não. Já tenho dificuldade de aprender, vou continuar perdendo meu tempo? Quer dizer: eu acho bom ir para o colégio, mas sem aprender...

Pesquisador: o que você esperava encontrar na escola? O que você esperava aprender? O que você queria da escola?

MSA2004: eu queria aprender, para arranjar um trabalho. Só arranja trabalho, sabendo lê, né? Tem que estudar, né?

Pesquisador: você sabe ler?

MSA2004: mais ou menos.

Pesquisador: e escrever?

MSA2004: eu sei mais lê um pouquinho do que escrever. Logo, eu tenho medo de escrever. Sempre minhas professoras dizem isso: do jeito que a gente fala a gente escreve. Mas, eu sempre tive medo de escrever para errar, faltar letra, as palavras. Eu sempre tive esse medo. Agora, ler, não. Eu leio bem direitinho. Eu não tenho medo, não. Agora, escrever, eu tenho.

Pesquisador: e, quando você voltou para a escola, que você queria aprender a ler e a escrever, você disse. Então, a escola não te ajudou a aprender?

MSA2004: eu estudei em colégio bom, é o Auxiliadora. Eu aprendi a ler alguma coisa. Aprendi no colégio Auxiliadora, estudando à noite, sempre assim: primeiro, segundo, terceiro... Não tinha esse negócio, não, de supletivo, não. E eu não terminei lá, mesmo, porque eu... não quis, saía, não aprendia. Porque tem o tempo da gente ficar naquele colégio. Chega um período que o colégio não aceita mais, porque não passava de ano.

Pesquisador: e você não passou de ano?

MSA2004: não. Eu passei dois anos na quarta série. Dois anos. Eu saí. Aí, fui estudar lá no Sebastião Fernandes, depois do quartel. Passei lá metade do ano. Aí, eu não gostei do colégio, muito bagunceiro, horrível. Saí de lá. Pedi para voltar para o colégio. Aí, voltei, me aceitaram novamente lá. Estudei, nada de passar. Sempre estudando, nada de passar, nada de passar. Aí, saí. Estudei bem uns três anos a quarta série, e nada, nada, nada. Parece que tinha um negócio ali me aperreando, e eu nunca que passava.

Pesquisador: qual uma das ocasiões mais difíceis, para você, que você enfrenta em sala de aula? Uma coisa que possa acontecer em sala de aula, que você acha uma situação chata?

MSA2004: nada. Não sinto nada, não.

Pesquisador: ou que você sinta dificuldade em sala de aula.

MSA2004: a dificuldade que eu digo é em aprender. Eu não aprendo mesmo. Mais nada.

Pesquisador: o professor lhe dá a assistência que você gostaria que tivesse?

MSA2004: dá. Pergunta tudinho, direitinho. A gente faz pergunta tudinho. Mas só que eles ficam, mas... Ah, eu. Os outros lá eu não sei; a minha parte... Eu presto atenção direitinho, mas... principalmente matemática.

Pesquisador: você acha que os homens, eles reagem de forma diferente na escola, em relação às mulheres? Assim, eles se desenvolvem de forma diferente em relação às mulheres? Assim, eles se envolvem mais com os estudos?

MSA2004: é, tem uns. Tem uns que se desenvolvem mais.

Pesquisador: por que você acha isso?

MSA2004: acho que a inteligência deles.

Pesquisador: mas, isso tem a ver com o fato de ser homem?

MSA2004: não. Acho que não, que tem umas meninas bem inteligentes também. Tem umas mais...

Pesquisador: mas com relação à participação na aula, o que é que você percebe? Quem você acha que se envolve mais?

MSA2004: os homens.

Pesquisador: por que você acha isso?

MSA2004: porque acho. Eles são bem inteligentes, respondem o dever. O professor faz pergunta, eles respondem. Chama para o quadro. Eles não fazem questão de ir ao quadro. Ele chama um: "Ah, eu não vou, não. Eu não sei". Aí, tem outro: "Eu vou professor". Aí, vai.

Pesquisador: as mulheres não fazem isso?

MSA2004: não.

Pesquisador: por que você acha que as mulheres não fazem isso?

MSA2004: acho que é porque não sabem, né?

Pesquisador: por que não sabem?

MSA2004: não sabem assim, o dever, aquele negócio. Porque ele está chamando para fazer aquele negócio no quadro. Não sabem.

Pesquisador: será que todas não sabem?

MSA2004: não.

Pesquisador: e quem sabe, por que não vai?

MSA2004: quem sabe, eu acho que não quer se levantar com vergonha. Sei lá. Eu penso assim. Agora, eu não vou, porque eu não sei mesmo. Eu digo logo: “Professor, eu não vou, porque eu não sei”.

Pesquisador: aí, se você soubesse?

MSA2004: aí, eu ia. Tranquilo. [risos]. Eu ia mesmo. Eu vou fazer o negócio errado, que eu não sei? Ia não. Agora, mandar eu ler lá, onde eu estou, eu leio. Agora, levantar para ler para todo mundo, eu não vou, não.

Pesquisador: mas, se você fosse fazer, será que seria errado? Será que só tem um jeito de fazer?

MSA2004: não. A gente aprende é indo ao quadro, né? Sempre os professores dizem. E é verdade: a gente indo para o quadro é que aprende mais, né, Cássio?

Pesquisador: pode ser. [A fala do pesquisador ficou confusa com a interrupção da MSA2004].

MSA2004: eu gostava de ir para o quadro. Eu gostava. Antigamente, quando o professor me chamava para eu ir para o quadro, eu gostava de ir, mas... Porque eu sabia de alguma coisa... [MSA2004 pára e avisa ao filho que alguém o está chamando]. Eu sabia de alguma coisa, mas... Botava um deverzinho mais fácil, quando eu estudava com dona Salete. Salete? Célia. Virgem, eu gostava demais de ir para o quadro. Era a primeira que mostrava o dever a ela, porque era bem facilzinho. [risos].

Pesquisador: e como era a aula da Célia, de que você gostava?

MSA2004: eu achava fácil, na quarta série.

Pesquisador: por quê?

MSA2004: por causa dos deveres.

Pesquisador: e qual o tipo de dever?

MSA2004: ah, era matemática, português, tudo. Eu achava fácil. Até que, quando eu cheguei na quinta, menina, muito difícil.

Pesquisador: o que você achou de diferente de uma para a outra?

MSA2004: os deveres, muito difíceis.

Pesquisador: mais você não lembra como é que eram esses deveres? O que é que tornava esse dever mais difícil?

MSA2004: as matérias difíceis para a gente responder. Em matemática, as contas; português... Tem umas coisas de português que eu sei, que caíam na quarta série, mas tem umas mais difíceis. Eu sempre tive dificuldade em português e matemática.

Pesquisador: você falou que ia à escola para aprender e escrever, não foi? Você acha que, se você aprendesse a ler e a escrever...? Para você, o que é que é ler e escrever?

MSA2004: aprender, né? Tem de aprender a ler e a escrever, ler, fazer alguma coisa, arranjar um trabalho.

Pesquisador: você lê em casa?

MSA2004: ah, não. É muito difícil. A gente pegou um livro. Eu lembrei muito de você.

Pesquisador: por quê?

MSA2004: um livro que a gente pegou lá na biblioteca, para fazer um... de português. Menina, eu não sei nem cadê o livro. Aqueles livrinhos, para a gente ler e falar. Você fez isso com a gente. Muita gente não leu na sala. Eu não sei nem quando é o dia do trabalho que a gente vai fazer com lole, a professora de português. Muitos meninos já leram, mas muitos nem... Eu não li nada ainda. Parece que é no dia vinte, esse trabalho que é para a gente ler e dizer lá o que... Sei lá como é mais. Nem sei mais direito. E falar sobre o livro. Pronto é isso. Eu nem li nada. Eu não gosto de ler. Tem vez que eu sento ali, leio um pouquinho assim, mas não gosto muito, não.

Pesquisador: lê um pouquinho o quê?

MSA2004: eu leio assim, um livro. Eu gosto muito de ler gramática, um livro de gramática que tem ali. Esses negócios de igreja, esses hinozinhos, aquelas historinhas dos meninos, eu gosto de sentar, aí leio. Jornal, quando eu tenho jornal aqui, aí eu gosto de ler. Mas, pouquinho, é difícil. Quando tenho um tempinho.

Pesquisador: mas o que você gosta de ler no jornal?

MSA2004: eu gosto de ler aqueles negócios que acontecem no mundo, aqueles coisas que acontecem assim, que a gente vê.

Pesquisador: quando foi a última vez em que você leu um jornal?

MSA2004: eu sei?

Pesquisador: o que a escola faz para incentivar essa leitura?

MSA2004: [não foi possível decodificar a resposta de MSA2004.].

Pesquisador: e escrever? O que você escreve muito em casa?

MSA2004: escrevo nada. Só escrevo no colégio, mesmo.

Pesquisador: nem bilhete?

MSA2004: não. Eu não escrevi a sua carta. Está ali guardada. Está guardada ainda. E quando você saiu da escola, você disse: "Eu estou esperando as cartas". Não foi?

Pesquisador: eu ainda vou escrever também.

MSA2004: eu não gosto, não.

Pesquisador: sua família é do interior. Como você faz para entrar em contato?

MSA2004: telefone.

Pesquisador: nunca nem uma carta.

MSA2004: não. Nunca escrevi. É mais fácil as pessoas escreverem para mim.

Pesquisador: e você responde?

MSA2004: não. No final de ano, chega cartão para mim, só faço ler e pronto. Respondo, não. Agora, do telefone eu ligo. Tem umas primas minhas que moram no Rio, sempre mandam cartão para mim, e eu telefono.

Pesquisador: por que você não responde?

MSA2004: eu não. Não gosto. Eu não gosto de ir comprar no correio.

Pesquisador: não é mais barato mandar pelo correio?

MSA2004: eu sei. Pode ser mais barato, mas eu não gosto. E é porque eu não tenho nem telefone. Compro um cartão, vou ali e gasto todinho. Tenho um celular ali, mas eu não ligo, porque é a cartão... Aí, eu compro o cartão do orelhão, eu acho melhor. Vou ali para o orelhão, ligo para outro Estado, para o interior, para a casa do meu irmão, para a minha irmã que mora aqui. O telefone está muito caro e vai aumentar, né?

Pesquisador: seria melhor escrever carta?

MSA2004: eh, escrever carta? Acho que é porque eu não sei escrever muito. Aí, eu fico com medo.

Pesquisador: você acha que o fato de voltado a estudar depois de muito tempo mudou alguma coisa em você? Você acha que teve algum ponto positivo? O que você vê de positivo nisso?

MSA2004: ah, eu não vi nada, que não aprendo mesmo. Não aprendi nada. Não aprendo, mesmo, Cássio. Eu penso assim, em continuar e aprender alguma coisa, mas não aprendi...

Pesquisador: será que você não aprendeu na escola? E o ponto positivo, só poderia estar nesse aprender? O que é que você aprendeu na escola?

MSA2004: ah, muita coisa, a ler, a escrever, a falar...

Pesquisador: e você não sabe falar, não?

MSA2004: não. Eu não sei falar. Eu falo errado. Todo mundo fala errado, né? Os médicos, que são os médicos, falam errado.

Pesquisador: e o que falar errado, para você?

MSA2004: falar errado as palavras.

Pesquisador: como foi a sua infância? Foi todinha em Areis?

MSA2004: não. Com dez anos, vim pra cá, fiquei morando com meu primo lá em Candelária. Depois, fui para Areis de novo, fiquei morando na casa dos meus pais; depois, fui morar numa casa, com umas pessoas. Depois, com dezesseis anos, eu vim pra cá. Aí, eu comecei a trabalhar em casa de família. Muito tempo na casa das pessoas, na faixa de cinco anos; aí, passava mais cinco; sempre era assim. Aí, depois, saí. Depois, arranjei um namorado, que é o pai dos meninos. Pronto, até hoje. São mais de vinte anos.

Pesquisador: e por esses locais por onde você passou?

MSA2004: eu estudei muito aqui. Agora, só que eu não aprendia, ficava estudando. Eu comecei a estudar com dezesseis anos, estudava, estudei, estudei, mas só que não aprendia. Não aprendia nada.

Pesquisador: seus pais sabem ler e escrever?

MSA2004: sabem nada.

Pesquisador: qual o contato que você tinha com a escrita e com a leitura lá em Areis?

MSA2004: eu nem me lembro mais do tempo em que eu comecei a estudar lá. Eu nem lembro mais. Assim, eu não sei por quanto tempo eu estudei...

Pesquisador: ninguém contava histórias?

MSA2004: eu não me lembro, não. Eu acho que comecei a estudar lá, pequenininha, assim, sete anos, oito anos; eu não me lembro. Eu só me lembro do tempo em que eu vim pra' cá, com dez anos, quando comecei a estudar, antes de voltar para lá. Mas, antes disso, eu não me lembro, não. Meu pai nem sabe ler, nem minha mãe: aquele povo de antigamente, ignorante, bronco, que não botava os filhos para o colégio, tanto fazia os filhos irem para o colégio, como não. Aí, depois que eu vim pra' cá... Eu, com dezesseis anos, eu não tinha nem registro. Com dezesseis anos... Com dezesseis anos, quando eu vim pra' cá, que eu queria estudar, foi que fui tirar meu registro no interior, lá. Acho que eu estudava lá sem registro. Sei lá como é. Sei que aqui, com dezesseis anos eu queria estudar, eu tinha de ter o registro, né?! Aí, eu fui para lá, para tirar o registro. O meu registro foi tirado com dezesseis anos.

Pesquisador: você tirou sozinha?

MSA2004: não. Eu fui para lá, para tirar com a minha mãe. Ela, quem tirou. Eu morava aqui, foi ela quem tirou. Eu morava com os meus primos...

Pesquisador: você sabe que o uso da escrita numa cidade como Natal, por exemplo, que é bem maior do que Areis, é bem diferente; a exigência é maior. Você sente alguma dificuldade? Por exemplo, lá em Areis, no seu tempo de criança, não tinha aquelas máquinas automáticas para sacar o dinheiro. Você sabe utilizar tudo isso?

MSA2004: naquelas máquinas, que a gente vai ao banco, naquelas máquinas eletrônicas, eu não sei mexer naquelas máquinas. Pancrácio já me ensinou, me ensina demais e eu não aprendo. Já fui com uma amiga minha, ela já me ensinou bastante e eu não aprendo. Eu vou naquele cartão, tirar o dinheiro dos meninos, da bolsa que eles têm, eu vou na casa lotérica. Quando precisa ao banco, eu vou com o pai deles. Aí, ele me ensina, mas eu não sei mexer. Mas eu acho que é porque eu não presto, não ligo. Para mim tanto faz aquilo que ele está me dizendo ali. Se eu prestasse atenção, eu aprendia.

Pesquisador: mas, por que você não presta atenção?

MSA2004: não sei. Porque eu acho que tem gente mais, mais, assim, que não sabe de nada, e sabe, né?! Porque é fácil, não é, não? Eu acho difícil. Agora, ele me ensina, e eu nunca aprendo. Mas eu resolvo as minhas coisas. Eu resolvo, assim.

Pesquisador: e sente alguma dificuldade?

MSA2004: não. Vou com os meninos para o médico, vou para a clínica, que os meninos têm plano de saúde. Eu sempre falo com as pessoas. Tudo é eu aqui. Tudo. Vou para a reunião dos meninos, falo com a diretora e tudo lá no colégio.

Pesquisador: e quando precisa escrever algo nesses cantos?

MSA2004: escrevo. Se eu preencher uma coisa, eu preencho. Agora, o que eu não sei... Pronto, preencher currículo, eu não sabia preencher aqueles currículos, eu já sei. Eu tinha medo de escrever e errar. Mas uma colega minha me ensinou bem direitinho, e eu aprendi. Quando ela preencheu para mim, ela me ensinou bem direitinho. Mas eu nunca... porque com os documentos a gente preenche, mas só que eu tinha medo. Eu com os documentos tinha medo de preencher, de escrever.

Pesquisador: e hoje ainda sente medo?

MSA2004: não.

Pesquisador: os meninos, como eles vão na escola? Eles sentem dificuldade?

MSA2004: não, acho que o menino; ele sente a mesma dificuldade de aprender, como eu. Mas a menina, não. A menina é medonha, mesmo, puxou ao pai. O pai é bem inteligente, o pai dela. Agora, ele, eu acho que é do mesmo jeito assim... Ele é, mas a menina não. A

menina é danada, desenrolada, desenrola tudo. Sabe ler que só, eu acho que ela sabe mais do que eu.

Pesquisador: ela faz que série?

MSA2004: a terceira, terceira série.

Pesquisador: tem quantos anos?

MSA2004: oito.

Pesquisador: e ele?

MSA2004: tem treze.

Pesquisador: faz que série?

MSA2004: ele faz a sétima.

Pesquisador: está na faixa, né?

MSA2004: é, está... Sempre ele passa.

Pesquisador: e o pai deles faz o quê?

MSA2004: de que, de trabalho? Ele era funcionário público, mas passou para a prefeitura. Aí, ele trabalha na saúde, ele trabalha para aquele negócio da zonoo..., canil, de cachorro, trabalha lá mesmo, de motorista. Ele trabalhava naquele carro da fumaça, fumacê, mas o veneno prejudicava ele, aí, ele saiu.

Pesquisador: por que você acha que ele, o seu filho, não tem tanta facilidade para aprender quanto FILHA?

MSA2004: FILHO, não sei. Eu acho que FILHO é tão assim, lento. Eu acho FILHA mais medonha nos estudos. Eu acho Saionara muito medonha nos estudos. Ela vai para o colégio; ele tanto faz. Ela estuda; para ele, tanto faz estudar como não. As notas dele são todas baixas; as notas dele das provas. Eu fico o tempo todinho falando. Eu cobro demais, mas não está nem aí. Ele não está nem aí, nem liga. Ele disse que ia passar a tarde toda estudando, mas, olhe aqui, olhe. Daqui a pouco, ele vai sair. Qual a hora que ele vai estudar? E amanhã ele tem um teste. É difícil, mas ele não liga, não. Agora, a menina não faz prova. A menina não faz prova, não, porque nesse colégio aí ela não faz prova, aí, no Laura Maia [nome da escola].

Pesquisador: mas ela estuda sempre? Em casa?

MSA2004: estuda em casa. Vai para a aula de reforço. E ele tem aula de reforço também.

Pesquisador: e por que aula de reforço?

MSA2004: eu pago para... porque eu não sei ensinar a ela. Ela gosta d'a pessoa ensinar a ela. Tem muito dever. Eu já coloquei na aula de reforço, porque a menina vem ensinar dever da quarta série. Dever da quarta série ela sabe; ela está na terceira. E a professora disse que ali é assim: primeiro ciclo, segundo ciclo. Aí faz primeira e terceira; aí faz terceira e quarta; aí já pula para a quinta. Ela já pode ir para a UnP nesse ano. Ela não vai porque ela é nova, tem oito anos. Mas ela já está bem inteligente, ela já pode ir para a UnP. Bem interessada, mesmo. Mas só que eu não quero que ela vá. E a professora disse que ela é nova, só tem oito anos. os alunos que fazem com ela a terceira série e já têm nove, dez anos, não podem fazer a quarta, já vai para a quinta na UnP. Ela disse que Saionara já tinha condições de ir para a UnP, porque ela sabe... ela sabe ler tudo. Mas só que ela é nova, tem oito anos. Aí ela não vai. E eu não quero, não. Eu quero que ela fique mais um ano aqui, porque na UnP o estudo é muito puxado. Esse daí eu não sei como é que ele passa todo ano, porque as provas dele é uma negação. E, se não passar, sai do colégio. É uma bolsa que eles têm.

Pesquisador: você acha que a escola tem ajudado a você a desenrolar, como diz você, tantas coisas no dia-a-dia? Antes de entrar na escola, você já era assim, já resolvia tudo?

MSA2004: não. Muitas coisas eu aprendi depois que comecei a estudar aí, porque eu passei muitos anos sem estudar também, muitos anos, mesmo. O menino faz treze anos; treze anos que o menino tem. A menina tem oito. Muitos anos, né, Cássio? Eu estudei muito antes de ter o menino. Não tinha nem o menino ainda. Muitos anos, acho que faz mais de... treze anos, mesmo. E eu aprendi alguma coisa, lógico que aprendi. [O quê, por exemplo?] Assim, mais alguma coisa assim: a escrever um pouquinho, a ler, a resolver as coisas.

Pesquisador: eu estou perguntando isso, porque você disse que é bem desenrolada, que tudo aqui só é com você.

MSA2004: é. Tudo é eu.

Pesquisador: sempre foi só com você?

MSA2004: não, não. Fazer compras eu faço. Eu nunca gostei de ir para supermercado, mas eu faço. Porque as compras daqui é ele quem faz. Mas eu vou com ele [o marido]. Ele vai só. Se for preciso, eu vou só. Eu só não vou assim, fazer pagamento no banco, mas, se for preciso, eu vou. Mas nunca precisou. Porque aqui em casa sou eu que moro aqui, bem dizer. Ele não vem aqui. Tem vez que ele viaja. Passa a semana sem vir, só no final de semana. Aí, tudo é eu, né, para resolver as minhas coisas. Quando ele está em casa assim, de folga, de férias, ele vai resolver as coisas. Segunda-feira ele viajou de tarde. Já empurrei ele para resolver uns exames com a menina, lá perto do quartel. Ele queria que eu fosse. “Não, vá você, porque tudo aqui é eu. Tem de ir você, também”. Porque esses homens são assim: tudo empurram para a mulher. Reunião do colégio... Sábado era festinha dos pais. A menina chorou porque queria que ele fosse, mas ele não quis ir, fui eu quem foi. Está vendo, empurram sempre a mulher para resolver as coisas.

Pesquisador: por que você acha que isso acontece?

MSA2004: eu sei lá. Porque eu acho que... Sei não. Costume, né? Costume! Porque eu já lutei, assim, de sair com os meninos, ir resolver as coisas, e ele não liga. Porque sempre tinha pai, tinha mãe, o casal, a mulher e o marido, tinha filho sozinho e o pai nem a mãe nem aparecem. E eu sempre estou no colégio, sempre eu estou no colégio dos meninos, falando com os professores, como é que vai o menino. Tem que conversar com o professor. E ele não está nem aí. O pai não vai nem lá. Nunca foi a UnP o pai dele. Nunca. Eu é que vou direto. Na semana, dois dias na semana, falar com o professor alguma coisa, assim, do aluno, como é que está o aluno nas matérias. Sempre eu estou lá. Médico, eu sempre vou para o médico, com os meninos. [...]. Ele diz assim: “Só vive em médico, em médico”. Mas eu gosto. Não é, não?! [risos].

Pesquisador: por que você gosta?

MSA2004: porque eu gosto de saber das doenças. A gente vai e aparece uma ruma de doença. Já hoje eu fui com... mostrar o exame da menina. Já hoje. Ele deu um jeito na coluna; aí levei ele para um médico.

Pesquisador: desde quando você está nessa batalha, resolvendo tudo só?

MSA2004: ah, faz tempo. Isso daí faz muito tempo, desde a idade em que esse menino nasceu.

Pesquisador: como você conheceu o pai dos meninos?

MSA2004: ah, conheci no trabalho, trabalhando. É porque ele é casado, o pai dos meninos. Agora, ele é separado já. Ele é solteiro. Mas só quando eu o conheci, ele já era casado, mas não era separado. Aí, ele agora é divorciado; é solteiro. Aí eu sempre fui só, sempre fiz minhas coisas só. Muitos anos.

Pesquisador: já que ele se divorciou, ele não vem morar com vocês?

MSA2004: não, é porque ele viaja. Ele fica aqui, é porque ele viaja, ele trabalha fora. Ele é motorista, ele viaja. Agora, ele tem a família dele, mas ele já é separado da mulher dele. Muitos anos, quando eu o conheci, ele já era separado. Agora, ele é divorciado, mesmo. Ele tem filho já casado. Ele tem neto. Ele tem três filhos já casado. Tem um rapaz, que é Cássio, e tem duas mulheres – todas as duas são casadas. [...]. Fez cinquenta anos já.

Pesquisador: quais as experiências de trabalho que você teve aqui em Natal, depois que você veio de Areis?

MSA2004: aí, eu trabalhei muito na cozinha. Eu gosto muito de cozinha. Em casa de família. Trabalhei muito em casa de família e sempre é na cozinha. Babá, tomei muito conta de criança também. Eu gosto de fazer tudo. Só não gosto muito da arrumação. Mas, cozinha, tomar conta de criança, eu tomei muito. Mas, agora mesmo, eu gosto mais da cozinha. Se tiver uma ruma de trabalho, eu escolho a cozinha. Eu gosto.

Pesquisador: nenhum trabalho exigiu leitura? Ou exigiu?

MSA2004: não. Nenhum. Porque eu sei qualquer receita assim e faço as comidas. Sempre quando as pessoas dizem “MSA2004, eu quero isso”, vou-lhe dar a receita. Pronto. Dando a receita, eu faço.

Pesquisador: por escrito? Você entende?

MSA2004: sim. Entendo. Escrevendo aquilo ali, eu faço tudo. Um livro, assim, de receitas... Eu faço as minhas receitas. Eu quero fazer um negócio, eu vou e faço. Tem vezes que... faço, já sei de cabeça, eu vou e faço. Quando eu estou esquecida, eu vou, olho e faço. Como eu lhe disse, eu sei mais ler um pouquinho do que escrever. Escrever eu sei, é porque eu... falta... eu tenho medo de faltar letra, de ficar errado.

Pesquisador: por que essa facilidade em pegar receitas?

MSA2004: eu já gosto de receita, tenho uma ruma de caderno ali, de receita. Eu já gosto.

Pesquisador: alguém te incentivou a gostar de cozinhar? Quem te ensinou a cozinhar?

MSA2004: mesmo, assim mesmo, onde eu trabalhava. Eu aprendia mesmo onde eu trabalhava. As pessoas me ensinavam, mesmo. Trabalhei mesmo. Nunca fiz... Eu fiz só um curso de salgados e doces. Um curso de salgados e doces. Tenho as apostilas e tudo. Aí passei nos dois cursos: salgados e doces.

Pesquisador: nunca mais fez nem um curso?

MSA2004: não. Eu fiz um curso... [interrupção da fita].

ANEXO 2: entrevista de MIA2004

Entrevistador: Da questão da identidade, como eu tinha dito, que não é algo muito fácil de se estudar, mas o que é que eu estou pretendendo estudar: a identidade das pessoas, a construção da identidade das pessoas que passaram algum tempo sem estudar e que depois voltaram a estudar, certo, e como essa volta aos estudos pode influenciar a sua vida, mais aí inicialmente eu gostaria que você contasse a sua vida: onde você nasceu, como você veio para aqui, o que você já havia me começado a falar,... certo? Aí você começa a contar a sua história de vida.

MIA2004: como? Onde eu nasci?

Entrevistador: Sim, como você tinha me contado no Sábado, como você saiu de lá, como era sua vida escolar lá, não é? A sua vida com os seus pais, se tinha oportunidade de estudar, o que você achar importante...

MIA2004: posso começar dizendo meu nome!

Entrevistador: pode. Fique a vontade, do jeito que você quiser!

MIA2004: Meu nome, MIA2004; nasci em Cana-brava, município de Macaíba, então eu fui pra escola e iniciei no primeiro ano, lá, do primeiro até a Quarta série, então eu acho que já na... na Segunda série, da Segunda pra terceira eu já parei, meus pais já não teve condições, eu vi mesmo que não tinha condições, para comprar ... nada, nem um caderno, nem um lápis eee tudo tudo para se ir para a escola, a farda o tênis, tudo. Então...

Entrevistador: quantos anos você tinha quando começou?

MIA2004: quando eu comecei...

Entrevistador: Na primeira série, lá?

MIA2004: Eu acho que eu já tinha já uma faixa de uns oito anos, já de uns oito anos, já era bem grandinha, já, então aí daí eu fui mas, eu não tive muita dificuldade, eu acho que eu aprendi rápido a fazer meu nome, sabe, a professora era muito boa, então eu fiquei com ela, né, ... não, foram duas professoras, foi da do da primeira e Segunda série uma professora, daí eu estudei com a outra, eéééé a primeira era o nome dela, lalnice a outra, Marieta, aí fiz com ela atééé, iniciei, quando iniciei a terceira série, aí pronto chegou um tempo que eu vi mesmo que não tinha condições, meu pai disse, " Não tem condições, não", aí parei, fiquei sem estudar e com... o que que a gente foi fazer, ajudar ele na lavoura, todo santo dia saía, era eu, a minha outra irmã, muitas vezes ia a minha mãe também, meu irmão, pronto aí pronto, a gente ia plantar, ia colher, na na época, saia de casa de manhã, chegava em casa a noitinha, isso era de Segunda a Sábado, era a vida da gente, aí final de semana pronto, agente ficava em casa, era ajudar a minha mãe dentro de casa, era lavar roupa, carregar água, era carregando água daqueles poço, que, lá no interior a gente chama o quê? cacim-bão, né, aquele poço que fazem, era a vida da gente, aí pronto, depois, aí chegou um tio meu, que até ele faleceu, faz uns quatro anos que ele faleceu, quando morava aqui, as filhas dele já estudava, vivia muito bem aqui em Natal, aí chegou lá e perguntou, a minha irmã essa, não se fala, que ela já tinha já uns três filhos, aí ela também disse que não queria mais voltar a estudar, parou de vez, aí ela perguntou se eu queria continuar...

Entrevistador: Você tinha quantos anos?

MIA2004: Quantos anos eu tinha na época?

Entrevistador: Sim.

MIA2004: eu acho que eu já tinha, uuuns doze por aí...

Entrevistador: Quando seu tio apareceu...

MIA2004: aí, ela perguntou: "Você quer voltar a estudar?". Eu disse: "Eu quero". Aí, perguntou: "Por que você não está?". "Porque papai não tem condição de comprar nenhum caderno" [respondeu a entrevistada.]. "Está bom. Você vai lá no grupo". Na época, só tinha mesmo esse grupo. Hoje já tem o ginásio, mas na época só tinha o grupo, com duas salas de aula: uma ensinava para o Estado; e a outra, o município. E esse grupo ainda existe lá, próximo da minha casa. Então, eu fui, fui lá e perguntei se tinha condições de voltar. Aí, ele disse que "Tem. Você tem condição de voltar". Aí, eu fiz a matrícula, ela foi na outra semana. No outro final de semana, ela esteve numa semana lá. No outro final de semana, chegou

com a minha farda completa, o material todo. Livros eles lá davam, sabe? É como aqui hoje: a gente tinha a facilidade de ter os livros. Aí, eu voltei, fiz até a quarta série. Quando eu terminei a quarta série, disse: “Pronto, vocês que passaram, agora, vão ter que estudar em Macaíba”. Já vem mais dificuldade, porque já tinha que comprar todo o material, também farda e pagar um transporte. Aí, meu pai disse: “Pois dessa vez você vai parar de vez. Não tem, não tem como”. Aí, pronto, foi aquela volta de novo pra lavoura, também foi o tempo que a minha mãe teve o problema lá que fica sem andar. Como é que é? Trombose. A minha mãe teve trombose. Aí, pronto, a minha irmã veio, arranhou trabalho, veio trabalhar aqui em Natal e eu foi quem fiquei em casa, cuidando da minha mãe e das coisas de casa. Fiquei com ela, e ficou só meu irmão e meu pai na lavoura. E eu fiquei com ela, até ela morrer. Passou anos, minha mãe passou. Eu acho que uma faixa de cinco a seis anos. Ela, paralítica, não fazia nada, nada, nada. Tudo era mais eu que fazia. Até comida era eu que dava na boca dela, banho, tudo, tudo, tudo, tudo. Pronto, aí foi o tempo, aí depois que ela faleceu com... eu acho que, com uns dois ou três anos depois, eu disse: “Olhe, eu vou morar em Natal. Eu vou morar em Natal, vou começar a arranjar um trabalho”. Porque lá não tinha, um interior bem pequenininho não tinha. Todo mundo pobre. É só um povoadozinho. Não tinha como ninguém empregar ninguém. Só em Natal mesmo. “Eu vou arranjar uma casa de família, e vou pra me manter”. Aí, nisso, a minha irmã parou de trabalhar, arranhou um rapaz, foi viver a vida dela e eu ainda fiquei com o meu pai. Aí, ela disse: “Se você quiser, você vai e eu volto pra casa. Fico com papai, e você vai trabalhar”. Aí, nisso, eu vim, vim, trabalhei numa casa no conjunto Pirangi. Passei uma faixa de um ano.

Entrevistador: Como é que você conseguiu?

MIA2004: Eu consegui através dessa minha prima, essa que me ajudou a voltar para escola, aí passei uma faixa de um ano lá aí depois eu saí de lá e voltei para o interior aí então eu conheci Guga lá mesmo né conheci ele...

Entrevistador: Por quê você voltou para o interior? Por Quê só passou um ano lá?

MIA2004: Não porque não tava dando mais certo, problemas dodododo casal brigava muito, o casal brigava muito, ela tinha muito ciúmes dele e depois ele começava mesmo era dar em cima de mim eu já tinha tido a minha filha, né tive essa menina, não criei ela, foi criada por uma família aqui em Parnamirim, mais aí ele sabia, né pois eu sou jogo aberto, não gosto de esconder nada, nada da minha vida aí eu cheguei e falei para ele que eu já tinha, jé era mãe, mas nunca nunca fui casada, tive a menina mas não convivi com o pai dela, ele simplesmente me abandonou e eu não tava com essa menina, eu não criei ela, aí pronto o rapaiz o homem escutou e começou a dar em cima de mim eu dizia, não vai dar certo, aí voltei para o interior, aí depois foi quando eu conheci o Belarmino, só que na época que eu conheci ele aí ainda tava com dificuldade, né, eu meu pai ainda tava com dificuldade, eun voltei pra lavoura novamente na fazenda aonda Belarmino foi ser Gerente aí comecei a colher lá milho, a plantar feijão, a colher também feijão aí tinha também a queles currais, aquelas vacarias, daí o que que eles pediam para a gente fazer, apanhar aqueles estrumes, né a gente apanhava aquilo da vaca e botava numa carroça de de de trator a gente passava o dia todinho fazendo isso, o sol o sol a pino era uma faixa de umas dez mulheres só mulher. De homem só tinha o rapaz que dirigia o trator. A gente passava o dia todinho ali. Tinha aquela hora que era para o almoço; depois era até às cinco da tarde.

Entrevistador: Por quê só era mulher?

MIA2004: porque os homens também já tavam nanana limpeza lá da lavoura, aonde aonde plantava a mandioca, aí quando começava a crescer aí lá vinha o mato aí tinha que limpar com aquelas enxadas lá, limpando tinha também o feijão, o milho e agente achou melhor pra não ir também pra enxada achou melhor fazer esse serviço aí, aí mas era horrível, era horrível horrível, aí pronto agente passava o dia todinho, era de Segunda a Sexta, fazendo isso aí, Sábado e Domingo era pra tá em casa, pra lavar roupa, pra limpar a casa

Entrevistador: Aí você conheceu o Belarmino nessa época, quando ele estava sendo...

MIA2004: Pronto, nessa época eu conheci o Belarmino, foi pra lá ser gerente da fazenda, daí ele começou né, me viu, gostou de mim, aí disse “ eu vou tirar essa menina dessa vida”, só que na época a minha prima morava lá, ela engravidou aí chegou o mês dela ganha o bebê dela aí ele disse, “olhe” falou com a minha prima, “essa essa menina é sua prima, ela

disse “é”, “então eu vou fazer o seguinte, já que você está com a barriga muito grande, você fica em casa e ela vai cuidar”, porque nessas fazendas tem a questão da casa grande, a casa dos patrões (aparece um barulho de ônibus e a conversa é cortada)

Continuação> foi a maior besteira que eu fiz na minha vida, se tivesse pensado como eu penso hoje, talvez, bom só dependia de mim, do meu interesse, sabe, eu acho que eu já tinha feito até uma faculdade, porque só na casa delas eu passei o que, nove anos e seis meses, mas não fui na besteira, me iludi demais com Belarmino, tudo bem que hoje eu to com ele, né , tenho uma vida tranqüila, já passei por maus bocados mas hoje eu to bem tranqüila, graças a deus, to bem já tenho meu filho tenho minha casa, é simples, né mais é minha, é o que importa, né? Mas se eu tivesse pensado como hoje eu tinha terminado meus estudos e tinha quem sabe, tentado até uma faculdade né, que era bem mais jovem, tinha bem mais cabeça, pronto então voltei de novo para escola, depois desses anos todinho sem estudar foi quando a gente começou a caminhar e daqui pra praia caminhar e a escola ai da marinha tava em reforma, daí eu falei pra ele , pro meu esposo, quando esta escola terminar essa reforma eu vou voltar a estudar eu terminar o meu primeiro grau ai ele disse “ Vai, é só você querer” e eu pensei que era brincadeira dele né, então quando eu soube que depois da inauguração, houve a inauguração, foi teve festa lá disse que até missa teve, só que eu não fui, pra inauguração eu não fui, um dia depois dois ou três dias depois eu fui lá falei com a diretora, ela disse pode vir, você quer mesmo, eu disse quero, aí conversei também com ela como tinha sido a minha vida, como tinha parado de estudar, conversei...

Entrevistador: Quem tinha sido...

MIA2004: a Régis, aí conversei com ela, eu já conhecia ela que eu já tinha feito um curso de doces e salgados, na época quando estava em reforma aí, e a escola era numa casa bem lá na frente aí eu conheci ela lá, até aí eu não conhecia ela não, eu conheci quando eu fui fazer esse curso eu e a filha do Belarmino, essa moça, a gente fez esse curso e lá agente se conheceu aí eu comecei a falar ai ela disse, não, você pode vir, eu disse o que que precisa ai ela disse, não, você tem que pegar o histórico, lá da escola que você estudou e parou e aí você volta a estudar, pronto, pra mim foi ótimo, foi ótimo, aí terminei, entrei na Quinta, fiz a Quinta e a Sexta, sétima e oitava, tentei de novo, fui ali para o padre monte mas eu fui e parei, tô pensando em voltar mais não.

Entrevistador: por quê?

MIA2004: eu tô me sentindo já cansada...

Entrevistador: por quê?

MIA2004: porque a gente tem problemas, as vezes, num é aquelas brigas, aquelas coisas horríveis, como a gente ver por aí, mas tem, de vez em quando tem um aborrecimentozinho, eu acho que isso mexe muito com a gente, e outra coisa, ali no padre monte eu me enganei muito, pensava que era alguma coisa, algumas pessoas falavam, não, lá é bom, já outros, que estudaram lá e pararam também diziam, ói ali a bagunça é grande, só que falavam só de bagunça, só que na minha turma mesmo não tinha bagunça, porque era só senhores e senhoras casadas se tinha ali, ói era duas, três jovens, era pouco, era só mesmo senhores e senhoras casados, na turma da gente não tinha bagunça, mas o problema era com os professores, quase todas as noites, a gente saía daqui duas, acho que durante o tempo que eu estive lá, tinha dias que tinha duas ou três aulas, por semana, os professores não vinha, também não aparecia ninguém, nem a diretora, nem supervisor, ninguém ninguém para dar satisfação, aí um da turma é que ia lá e ficava perguntando, vai não, vá perguntar ali, ah não não é comigo não, vá perguntar lá na secretaria, acho que tem alguém lá que vai lhe informar, ah hoje não tem aula não, ai as próprias pessoas que estavam lá era que diziam, ah uma hora dessa o professor tal não chegou não ainda, hoje era o dia de ele dar aula, ora se as meninas perguntaram é porque não tem, ah, pois então vocês estão liberados e isso era quase todas as noites assim. Ai eu estava com a nota baixa ainda em matemática , tava sentindo dificuldade ainda em matemática, mas nas outras matérias estava ótimo então chegou um dia que eu disse quer saber de uma coisa, eu vou desistir, vou parar, não vou mais e acabou, desisti, ainda fiquei o que, de março a junho, ainda fiquei, mais aí eu digo, não, não eu to perdendo meu tempo, as vezes eu saia daqui cansada, recebia visita em casa, as vezes chegava a irmã de ... uma cunhada minha, esposo, sobrinha, um monte de

gente, três quatro, cinco pessoas, eu passava o dia todinho, e cuida do almoço, e cuida de casa e dava atenção a esse pessoal, a noite eu saia as meninas chegavam em casa aii o pessoal tai,? Tá. vai? vou, eu vou, eu não gosto de perder aula eu não gostava de perder aula, eu me dedicava mesmo, mais eu via que não tava tendo futuro, num tava, num tava, não eu digo, então eu vou parar, desisti, desisti

Entrevistador: deixe eu te perguntar uma coisa: Éeee, antes desse momento, assim, de voltar a estudar, aí no Elda Marinho, é quais os contatos, você falou de um curso de doces e salgados, não foi?

MIA2004: foi

Entrevistador: mas quais os outros momentos de escolarização? assim de estar numa escola ou num ambiente parecido com a escola que você vivenciou? Teve esse curso...

MIA2004: teve o curso, só esse curso, eu não tive mais outros contatos não...

Entrevistador: e assim, dentro de casa? Tem algum contato, com material de escrita, leitura...?

MIA2004: não

Entrevistador: não. Você tinha o hábito de ler alguma coisa?

MIA2004: de escrever, sim.

Entrevistador: O quê?

MIA2004: cartas pra minha irmã, eu tenho uma irmã que mora lá em, no interior de São Paulo, aí quase todos os meses, num sabe, eu recebia cartas e respondia cartas pra ela... uma vez ou outra, assim, eu pego uma revista eee, eu não sou, eu não gosto de ler, eu sou sincera, eu não gosto muito de ler, mais assim de vez em quando eu gosto de pegar uma revista e dou uma lidazinha, mas logo, logo, e agora mesmo eu tô sentido dificuldade na vista, eu acho que foi o que me fez mais desistir, não sabe, eu tava sentindo muita dificuldade.

Entrevistador: quando você resolveu a estudar, assim, qual foi a coisa que mais te motivou a voltar a estudar? Motivo, assim, de você Ter voltado a estudar mesmo?

MIA2004: bom, eu, em primeira mão, eu pensei muito em meu filho, eu acho que se eu voltasse a estudar a terminar, fazer, terminar o primeiro grau, e também concluir o segundo, eu acho que seria bom, pra ele, pra eu ajudar ele nas tarefa de casa, eu pensei mais nisso aí, e também eu gosto, eu gosto muito de estudar, agora eu não sei porque, eu acho que depois que eu fui pra esse padre monte, eu perdi completamente o estímulo.

Entrevistador: quando você voltou para a escola, quais os fatores que mais te motivavam a continuar estudando? Que mais te motivava indo para a escola, continuar estudante se esforçando? Esse fatores podem estar, tanto na escola como podem estar fora da escola, em casa ou em outro ambiente te estimulava.

MIA2004: bom, eu gostava muito dali da escola, eu gostava, desde o início, desde o primeiro dia, eu gostei da turma, eu gostei dos professores no primeiro ano, eu gostei de todos os professores, não sabe, aqui eu achava ótimo, eu achava bom, eu gostava de tá ali, de chegar a noite e me aprontar e ir pra ali, eu gostava, a turma, a gente conversava, a gente estudava, também na hora eu porque eu era dedicada, na hora de estudar era estudar mesmo, sabe, eu gostava de prestar atenção, sabe, quando eu me dedico a uma coisa eu sou dedicada mesmo.

Entrevistador: E em casa tinha apoio da família?

MIA2004: Tinha, tinha, tinha, ele o meu marido, em alguns momentos ele é grosso, sim, sabe, mas ele, ele me estimulava, pronto é tanto quando eu disse que ia, não ia mais aqui para o padre monte, ele perguntou, "mais porque", porque, porque eu acho que estou perdendo meu tempo, durante a semana, é raro dois três dias, agente tem uma ou duas aulas na semana, quer dizer que eu acho que estou perdendo meu tempo todas as noite eu saio daqui as vezes cansada, muitas vezes com cólicas, com dor de cabeça, mas eu não deixava, olha, eu tive esse problema com o dente mais eu não deixei, eu ia aqui extraia o dente mas a outra dizia menina você extraiu o dente e vai? Vou. Eu não estou sentindo nada eu não vou perder aula, é tanto que eu ia, eu gostava, mais ai, pronto eu tinha a filha dele que mora aqui também, olhe qualquer problema que você tiver, tiver uma dificuldade para fazer

um trabalho, você pode me pedir ajuda que eu lhe ajudo, A Jaqueline, eu tinha apoio dele, eu tinha apoio de da filha dele, também tinha.

Entrevistador: E o que é que poderia dificultar, pode Ter tentado dificultar a sua permanência na escola? Nos estudos?

MIA2004: dificultar? Eu acho que esse problema da falta de professores que eu encontrei aqui no Padre Monte.

Entrevistador: Outro problema, você..., não haveria mais? Dentro de casa já disse que estimulava, não??

MIA2004: Não tinha problema, né, não tinha, não tinha dificuldade mesmo.

Entrevistador: Seria mais uma questão da escola?

MIA2004: da escola mesmo, ali foi, ali foi.

Entrevistador: Qual a expectativa, assim, quando você voltou a estudar depois de muito tempo que foi aqui no Elda né? Então qual a sua expectativa de voltar, o que você esperava encontrar logo quando voltasse a estudar?

MIA2004: em termos de quê? Como assim?

Entrevistador: É, é, o que você esperava que pudesse acontecer nas aula? Como você esperava se comportar, o que você esperava encontrar dentro da sala de aula? As situações por exemplo.

MIA2004: De início mesmo, eu, eu confesso que eu fiquei nervosa, eu achava que eu ia Ter dificuldade, porque, já fazia muito tempo que eu não estudava, eu achava que eu, eu ia Ter dificuldade eu acho que em todas as matérias.

Entrevistador: E isso aconteceu?

MIA2004: não, não.

Entrevistador: E por quê não?

MIA2004: Bem, eu acho assim, que eu, eu mesma me interessei, prestava bem atenção, bem pra não dizer que eu não tive dificuldade, eu tive sim, como ainda hoje eu tenho na matemática. Eu não sei se é porque eu não gosto da matéria, aí eu procuro não me interessar muito, nas outras matérias eu sempre fui bem, mas eu tiro um pouco do dia sim de achar dificuldade, mas eu me interessei, eu me empenhava, eu prestava atenção às aulas, principalmente as explicações, procurava não faltar, eu acho que é o principal quando a gente está numa escola, é não faltar às aulas, prestar atenção as aulas, as explicações, tudo.

Entrevistador: os professores tinham alguma determinada influência nesse ajudar?

MIA2004: tinha.

Entrevistador: Como é que eles agiam?

MIA2004: Eles eram muito bons, eles, eu gostava da s aulas que eles davam, eles explicavam bem, quando, era, pronto, para fazer um trabalho eles explicavam bem, eles diziam, qual o livro que a gente tinha que procurar para fazer aquele trabalho na, se era na época de provas também, eles diziam “olhe, vamos fazer uma revisão que tal dia vai ser prova tal”, era muito bom esses professores daí, apesar de serem estagiários, na época que eu entrei aí, eram estagiários, mas eram ótimos professores.

Entrevistador: Assim, teria alguma diferença em ser estagiário ou não estagiário? Para você?

MIA2004: Não, não tinha diferença, eu não achei, não achei diferença não.

Entrevistador: Qual eram das... É você lembra de algumas ocasiões que possa ter sido difícil para você, que você tenha enfrentado em sala de aula?

MIA2004: Ocasões? Não, não achei não.

Entrevistador: E uma boa, uma boa ocasião que você tenha guardado em sua memória?

MIA2004: Aquele nove daquela prova que você me deu. Nove, tá lembrado? Você disse, “MIA2004 você tirou a melhor nota nesse, nesse bimestre, você tirou foi um nove ou um nove vírgula alguma coisa”. Foi aquilo ali, olhe me deixou feliz da vida. É tanto que depois eu comentei com você que foi uma das melhores provas que eu gostei muito, porque foi de textos, né? Poderia ser assim, que o que eu estava achando dificuldade era a letra que eu reclamava que tava muito pequenininha, miudinha e eu já tava sentindo dificuldade já pra ler, mas eu gostei. Sabe, aquilo ali, me marcou até hoje.

Entrevistador: E você veio evoluindo, né? Também?

MIA2004: É.

Entrevistador: Eu ví que você estava sempre tirando notas boas...

MIA2004: É.

Entrevistador: Acho que depois dali, se você tira uma nota baixa, mesmo assim não era abaixo da média.

MIA2004: pois é

Entrevistador: Foi até um dia que você esteve com problemas...

MIA2004: É.

Entrevistador: Dor de cabeça e tudo mais.

MIA2004: foi

Entrevistador: MIA2004, na minha pesquisa eu também tenho tentado observar a relação entre os homens e as mulheres em sala de aula e eu lembro que no ano passado, lá na sala de aula eu... uma questão que me marcava muito de toda vez que eu via, é porquê tinha um casal de alunos que sempre, eles eram casados, que sempre quando os dois estavam... ele, eu não sei se você lembra, parecia que ele se encostava nela, pra ela copiar, para isso, para aquilo...

MIA2004: exatamente, eu sempre ficava ali junto dela.

Entrevistador: e até mesmo, por exemplo, se as vezes ele faltava ele vinha e ela faltava, quando nós perguntávamos, ele dizia, não porquê ela ficou lavando roupa, porquê faltou água o dia todo. Você acha que na, já que a EJA, a educação de jovens e adultos, muitas vezes são mais adultos, mas, você acha que Há uma diferença no desempenho da mulher e no desempenho do homem?

MIA2004: Acho

Entrevistador: E por quê?

MIA2004: Acho, como a gente está comentando o caso desse casal, não é? Eu acho, eu acho que quando ele ia, ele atrapalhava ela, ou ele, puxava mais por ela, se escorava, queria que ela copiasse, queria ela, quando era um trabalho, também era ela quem tinha que fazer ou então, quando era um trabalho em grupo ela fazia, quem fazia era ela ou era... ele muitas vezes estava nesse grupo, cada uma das meninas do grupo fazia e ele não, depois ele ganhava a nota porque ela colocava o nome dele, muitas vezes ele nem estava, ele nem ia pra sala de aula, aí ela fazia e dizia, ai eu vou colocar o nome de fulano... eu acho, eu acho que as mulheres são bem mais, assim, como é que quero dizer, interessada, né? Elas se interessam bem mais e eles não.

Entrevistador: Por quê será que ela se interessam mais?

MIA2004: Eu acho assim, eu acho que a gente, a gente enxerga bem mais adiante, não tô também discriminando, nem tô também botando todos os homens, né? Também tem muitos que vê o lado deles e procura também, né, fazer a vida deles, né?, mas eu acho...assim, que a maioria, no caso, assim, ali, ali na escola, na sala de aula, era assim, eu acho que as meninas que estavam ali, elas procuravam, é, é, faziam melhor pra elas procurando ver lá na frente o futuro delas, eles não, no caso daquele casal, era assim, ele não tava nem aí pra vida, mas ela não, ela sempre estava querendo vencer,..., vencer.

Entrevistador: E você acha também, os outros na maioria das vezes...?

MIA2004: também não, também, é também não eram todos né, que tem o caso da nossa colega ali, né?, aii não vamos citar nomes não é? Também, também não estava nem aí. Quantas e quantas vezes ela vinha e chegava aqui e queria o trabalho já todo prontinho, ela aqui também, a outra também aqui...

Entrevistador: Você acha que isso acontecia mais com homens ou com mulheres? De ficar se escorando?

MIA2004: Ali, ali tava tanto as mulheres quanto os homens, sabe? Agora era minoria ali, que a maioria se interessava.

Entrevistador: A maioria de quem?

MIA2004: de mulheres. Porque tinha muitos meninos dali que não tava nem aí. Dia de prova não comparecia, se os professores pediam trabalho eles também não tavam nem aí, dava prazo para entregar o trabalho e eles também não estavam nem aí, também o que acontecia

no final de ano? Não tinha nota, não passava, né isso? Ali acontecia muito isso, acho que não só ali não, acho que, que na maioria das escolas acontece isso.

Entrevistador: Eu gostaria que você comentasse mais alguma coisa que você pudesse lembrar, que você achasse que tinha diferença entre homens e mulheres na sala de aula, se você achar.

MIA2004: Não, eu acho que é só isso mesmo que eu já falei.

Entrevistador: É, é ... agora deixe eu te perguntar... pegando os homens e as mulheres que se interessavam, é..., como é que você acha que eles se saiam, supondo o desempenho?

MIA2004: os que se interessavam? Que se interessavam?

Entrevistador: só os que se interessavam...

MIA2004: ele se saiam bem

Entrevistador: Iguamente? Ou um ou outro se saiam melhor?

MIA2004: Não, eu acho que as meninas que se interessavam se saiam bem melhor...

Entrevistador: por quê?

MIA2004: é como eu já falei, eu acho que a gente, quer dizer, no caso, ali da escola, da nossa turma, que tinha ali, eu acho que a gente procurava se interessar mais, se empenhar mais e eles não se empenhavam, mas sempre, é um, um nível bem mais baixo que a gente. A gente era bem mais, procurava fazer, fazer, organizar melhor o trabalho, no dia de prova, eu mesmo no dia de prova procurava me empenhar ao máximo.

Entrevistador: Você acha que, assim, alguma coisa na vida das mulheres pode favorecer a isso, ou alguma coisa na vida dos homens pode favorecer a isso?

MIA2004: a isso o quê?

Entrevistador: a esse desempenho ou não...

MIA2004: pode sim...

Entrevistador: O quê, por exemplo?

MIA2004: pode, eu acho que na vida dos dois...

Entrevistador: o que, por exemplo, da sua vida em particular, poderia favorecer para o seu desempenho melhorar?

MIA2004: pensando

Entrevistador: fique a vontade para pensar...

MIA2004: oh no meu caso, eu nunca, jamais eu patee, jamais eu patee, mesmo ói, tinha noites, que eu saia daqui, o meu filho tava com um probleminha, mas não era coisa séria, ah! não eu num vou, procurava ajeitar, dar um, um remeíndinho pra ele deixava ele deitadinho lá no cantinho dele e ia, ficava um pouquinho, assim, preocupada, mas assistia todas as aulas, prestava sempre atenção, não deixava de ir pra aula por causa de, de... só se fosse por causa de uma coisa muito séria, mas nunca deixei de ir, mesmo quando eu estava sentindo qualquer problema eu ia, quando teve uma noite que eu saí, eu acho até que eu falei com você, que eu tava mesmo... eu não tava me sentindo bem, mas eu assisti a sua aula aí ia entrar aquele professor de matemática aí eu disse, aí, eu tô indo embora porquê eu não tô agüentando mesmo, mas jamais eu deixei de ir de ir pra aula, pra assistir aula, por conta de de de problema, não. E sempre o meu marido também, pronto ele tem um probleminha dele, mas ele sempre dizia, mas você não vai não pra aula? Aí eu dizia: vou. A aula aqui, a escola interditada, nunca deixe de ir não, nunca, nunca.

Entrevistador: o que você acha que mudou na sua vida ou no seu jeito de ser, depois que você voltou a estudar, mesmo depois de muito tempo parada?

MIA2004: eu acho que mudou a minha vida. Eu acho que eu aprendi bem mais a escrever, que eu me, me expresso melhor, eu acho, eu acho, que foi muito boa a minha volta, e sinto muito que agora é tarde... não sei, pode até ser que talvez no próximo ano eu tenha mais ânimo pra voltar, pois eu gosto de estudar, eu gosto, eu tava até falando pra você naquele dia, falei pra ela em repetir o ano, ela aprendia bem mais aí, né? Mas de que que adianta eu ficar repetindo, repetindo, somente a oitava série, mas só que eu me enganei, fui lá pro Padre Monte mas eu me enganei, não sei, quem sabe, no próximo ano...

Entrevistador: o que você viu de diferente, nesse, nessa sua volta a escola e nessa experiência atual, não é ? e na experiência que você tinha tido quando criança, na, no interior?

MIA2004: de diferente?

Entrevistador: Sim. É o mesmo de semelhante, o que tinha num e o que tinha noutro ou não tinha?

MIA2004: não, eu acho que aqui era bem melhor, lá o ensino de lá é muito... lá do interior... devagar de mais, eu aprendi, tá certo, eu não vou dizer que eu não aprendi, mais aqui é outra coisa, os professores bem mais... como é que posso dizer...

Entrevistador: preparados

MIA2004: ... bem mais preparados, é...

MIA2004: pois é

Entrevistador: algumas pessoas dizem que voltam muito tempo depois a estudar, pensando num emprego. O que você acha disso, de uma pessoa voltar a estudar porque pensa que vai encontrar um emprego melhor?

MIA2004: eu acho que muita gente é, é ... agora no meu caso, não, o meu caso, não, a minha volta não foi pra isso não, já a gente já falou sobre isso, não? Eu pensava em poder voltar, pois eu tinha um filho estudante e pensava de, de ajudar a ele nas tarefas de casa,..., muita gente encontra muita dificuldade eu tiro as dúvidas dele, ele tá tendo dificuldade em algumas coisas

Entrevistador: mas você acha que esse pessoal que volta a estudar pensando num trabalho, você acha importante?

MIA2004: acho, importante, acho que é importante...

Entrevistador: por quê?

MIA2004: porque a maioria dos empregos de hoje exige né? Assim, tem que ter o segundo grau, ou então se... as pessoas que vão trabalhar sempre a maioria dos trabalhos, pede concurso, então quem tem só o primeiro grau jamais pode fazer, tem que ter o segundo grau, né isso? É isso o porquê?

Entrevistador: pode ser. Eu estou perguntando a você, mas você acha que o fato de terminar garante?

MIA2004: terminar ooo...

Entrevistador: terminar esse nível de escolaridade garante o emprego?

MIA2004: não.

Entrevistador: Por que não?

MIA2004: eu não vou saber o porquê não.

Entrevistador: não, tudo bem eu só tô perguntando a sua opinião, o que você acha disso...

MIA2004: não sei porquê.

Entrevistador: deixe eu dizer... você acha assim, que os homens e as mulheres em sala de aula eles fazem as mesmas coisas, as mesmas tarefas, as mesmas atividades, ou não?

MIA2004: não

Entrevistador: por exemplo, escrita de poesia, homens e mulheres fazem?

MIA2004: não

Entrevistador: porque não?

MIA2004: porque os meninos eram muito preguiçosos, desinteressados...

Entrevistador: só por isso?

MIA2004: é a minha opinião, né? É isso que eu acho.

Entrevistador: ou será, é, tudo bem. Mas alguns, será que alguns faz, tinha alguma questão de achar que poesia não é coisa pra homem fazer?

MIA2004: eu nunca escutei comentários não, sobre isso não, que tá falando aí. Mas eu acho assim eu acho que eu já falei, é o que eu acho... nunca escutei eles comentar não.

Entrevistador: o que que você acha do papel da diretoria, assim, da ação da diretoria em relação a estimularem a vocês irem ou não para a escola?

MIA2004: ela estimulava sim, a diretora, a supervisora ...

Entrevistador: de que forma?

MIA2004: bom, quando a gente faltava, bom, eu mesmo não tinha problema de faltar, mas muitas vezes...eu tive problema, isto é, no início eu tinha esquecido dessa, dessa,..., no primeiro ano que eu entrei aí, eu tive problema, faleceu uma cunhada minha que eu amava ela de paixão mesmo, uma irmã do Belarmino, né, ela morava no interior, a gente era muito amiga, mas amiga mesmo, aí ela veio a falecer, eu passei dois dias sem ir, pronto aí com

isso eu falei com o professor aqui é meu vizinho ele, Cléber, fui lá expliquei a ele, que ia faltar dois dias que ia viajar pra o interior que lá era o ... o enterro dela, que ia ser lá no interior onde ela morava, aí fui expliquei a ele, mandei as minhas colegas falar com a diretora, só, quando eu voltei ela veio, conversou comigo, como tinha sido, veio perguntar como o que veio a ser o falecimento da minha cunhada, ela conversou muito comigo e ela me achou triste, conversou comigo, me estimulou muito e a turma também, é tanto que a gente estava preparando uma festinha na escola e eu dizendo que não ia pra essa festa, porque foi no final do ano, ela faleceu em ...outubro. no dia do estudante.

Entrevistador: dia do professor, o dia do estudante é em agosto

MIA2004: é é professor né? Pronto a gente estava organizando esta festinha e eu dizendo que não ia, não ia, aí a diretora veio falar comigo, as minhas colegas, tanto ela quanto a supervisora veio, conversaram comigo... não mas já faz tantos dias você vem e a turma veio, até muitas vezes no intervalo, eu chorava muito, sentindo, né a morte dela, e todos eles conversavam muito comigo, é tanto que no dia da festa,...., eu mesma preparei o bolo, a galera arrecadou o material do bolo e todos me convenceram a ir, e a diretora me incentivou muito, eu eu tenho saudade dela, é tanto que eu saí da escola e não fui mais lá, mas qualquer dia desse eu vou fazer uma visita eu não tenho o que dizer dela, nunca tive problema com ela não, nunca tive...

Entrevistador: deixe eu dizer...com relação a a assim... a gente sabe que a maioria dos alunos tem uma situação financeira um tanto delicada, então você acha que alguma coisa poderia dificultar a ida desses alunos a escola?

MIA2004: eu acho que sim...

Entrevistador: por exemplo?

MIA2004: eu acho assim, se a gente está sem nada pra comer, né? As vezes almoça, mas não tem o que jantar aí perde o ano né? E sair de casa ir para a escola ah eu vou nada, eu tô é com fome vou lá assistir aula, ver lá o professor falando, escrever...

Entrevistador: tem alguém na sua sala assim?

MIA2004: na minha sala, na minha turma? Pra ser sincera se tinha nunca comentou comigo não... nunca comentou não.

Entrevistador: você estudou dois anos

MIA2004: dois anos ainda

Entrevistador: mas a escola oferecia lanche? Oferecia?

MIA2004: oferecia lanche, desde que quando eu iniciei que tinha, mas já acabou, aí as meninas da sala iam perguntar, aí a menina que preparava a merenda, ah não é porque já acabou, ou então nessa semana de prova não tem porque acaba mais cedo, por isso que a gente não vai preparar lanche...

Entrevistador: e essas pessoas que iam perguntar, esses alunos que iam perguntar, será que não tinham em casa?

MIA2004: eu acho...

Entrevistador: você acha?

MIA2004: eu acho. Lembra daquela galega?

Entrevistador: e mesmo esses alunos a falta poderia ...

MIA2004: e na maioria das vezes ela até comentava mesmo que vinha do trabalho, muitas vezes saía direto do trabalho e iam na esperança de encontrar lanche

Entrevistador: você acha que antes no seu relacionamento com Belarmino, é o fato de você não ter voltado a estudar, de você ter pouca instrução favorecia você baixar mais a cabeça?

MIA2004: eu acho...eu acho também, tanto ele quanto as duas senhoras que eu morei nove anos e seis meses com ela se elas tivessem me estimulado a voltar a estudar, eu tinha, porque eu não tive incentivo de ninguém, naquela época, nem ele e nem elas me incentivava, aí pronto, eu eu me acomodei perdi esse tempo todinho tinha ficado a nos sem estudar no interior e passei esses nove anos aqui em Natal aonde eu tinha tudo pra estudar e não me exigia tanto como na época lá como fardamento, o material não exigia e eu não tive incentivo de ninguém...

Entrevistador: você passou quantos anos mais ou menos sem estudar?

MIA2004: bom, só nessa época eu passei nove anos, acho que tem vinte anos, eu já tou o quê, com quarenta e dois anos

Entrevistador: você voltou a estudar com quarenta anos

MIA2004: foi

MIA2004: pois é

Entrevistador: o que você acha que mudou, por exemplo? Antes, você estava como dona de casa, ficava só aqui, não estudava. Depois, você voltou a estudar. O que você percebe de mudança? Até no seu jeito de ser? De se comportar, de agir, de ser gente?

MIA2004: eu acho que mudou muita coisa. Eu acho que eu tinha um pouco de medo de falar, de me expressar, mas, depois que eu voltei a estudar, eu acho que eu fiquei bem mais aberta. O que eu sinto eu falo mesmo. Muitas vezes, quando ele fala alguma coisa pra mim e eu acho que ele não está certo, eu falo mesmo, boto pra fora tudo. Muitas vezes é até pior pra mim, que aí ele vem com grosseria, mas eu já falei, pronto, falei, botei pra fora o que eu estava sentindo. Eu acho que mudou, eu acho que eu mudei.

Entrevistador: e você se sente melhor?

MIA2004: me sinto.

Entrevistador: mesmo quando acontece isso?

MIA2004: me sinto

Entrevistador: porque antes o que era que acontecia?

MIA2004: ele falava, eu me calava, ficava calada mesmo. E, mesmo assim, é o tipo da coisa: se falasse, ele vinha pra cima de mim; se eu não falasse, também vinha. Aí, pronto, eu apanhava de qualquer maneira. E, agora, ele já fez ameaças, faz muito tempo que ele fez ameaças, mas, aí, eu enfrentei: “Vai fazer novamente? Faça. Você quer fazer? Você faça, mas você vai se arrepender”. E, antes, eu não falava isso. Eu acho que tudo isso tem a ver com a minha volta à escola. Eu acho... eu tenho mais, mais... estou mais instruída, estou mais aberta. Eu acho. E ele mesmo, em algumas vezes, tem falado. Muito antes de eu fazer, de eu falar com ele, ele dizia: “Olhe, depois que voltou pra escola, você está muito atrevida. Você não era assim”. Ele mesmo achou que eu mudei, ele acha que eu mudei, e eu também acho, eu acho que hoje eu sou mais eu.

Entrevistador: lá no interior você não sentia tanta necessidade de leitura e nem de escrita...

MIA2004: é

Entrevistador: a não ser aqui, mas no dia-a-dia você realiza muitas coisas que exigem muito a leitura e a escrita?

MIA2004: realizo.

Entrevistador: por exemplo?

MIA2004: por exemplo.

Entrevistador: assim, numa cidade como Natal, você precisa ir ao banco, você precisa tirar um dinheiro do caixa, tudo isso você sabe fazer?

MIA2004: não sei.

Entrevistador: ainda não

MIA2004: ainda não

Entrevistador: mas o que você aprendeu a fazer que as vezes você não sabia fazer?

MIA2004: ah muita coisa, agora esse problema de banco aí tudo é com ele, pagamento, tudo, tudo que acontece dentro de casa ele não deixa fazer, muito embora eu peça, aí, não qualquer dia eu vou levar você num banco, eu quero que você aprenda como digitar a senha, eu quero passar, pra você olhar na minha conta, mas isso fica só na conversa, sabe, eu vou levar tal dia, e o dia e o tempo passando e ele não me leva, eu não vou dizer se eu disser tô mentindo eu nunca fui a um banco tirar dinheiro...

Entrevistador: mas outras coisas que você faz, assim, centro da cidade...

MIA2004: é difícil fazer compra, não vou, pra ser sincera eu não vou, não vou, tudo, tudo é com ele, não sabe? tudo é com ele, e quando eu quero comprar alguma coisa pra mim, eu também não vou sozinha, porque ele não deixa, eu não tenho essa liberdade de ir sozinha, sempre vou ou com uma irmã dele ou com uma filha dele, eu não vou sozinha, não vou

Entrevistador: você acha que isso atrapalha você aprender outras coisas?

MIA2004: muito, muito

Entrevistador: eu queria que você dissesse, o que você pensa sobre o futuro, sobre a escola, sobre a sua vida?

MIA2004: bom eu penso, eu penso, em voltar a escola, eu quero concluir o segundo grau... eu acho que vai ser bem melhor pra mim

Entrevistador: por quê?

MIA2004: eu acho que eu vou ser, eu acho que vou ter bem mais instruções, eu vou ser bem mais, quem sabe com essa minha volta, quem sabe eu convencer meu marido a ser uma mulher decidida, resolver os problemas que eu quero, que eu tenho vontade de resolver, fazer minhas coisas, muito embora que ele não deixe, não deixa, converso com ele numa boa, com calma mas não, não, deixe que isso aí quem faz sou eu, não que faz sou eu, é por isso que eu não me acho ainda decidida.

(continuação da outra fita) Como eu tô falando, se eu voltar a escola, se eu terminar o meu segundo grau, eu acho que eu vou convencer o meu marido a, a, a ser mais decidida, a fazer a, a, a muitas coisas que eu quero, porque não é coisas absurdas, é o que eu converso com ele, eu peço para ir ao supermercado, eu peço para ir na feira, eu peço para ir na cidade fazer compras, mas ele não deixa, eu acho que ele não confia totalmente em mim, ele diz que confia, mas eu acho que não. Se ele não deixa, não bota, assim, dinheiro na minha mão pra mim fazer, compra, sair, ele não deixa, nem, nem final de ano, olha muitas vezes eu digo, olha tem que comprar isso, aquilo. Ah! Deixa que eu compro, pode deixar que eu compro. Aí eu digo, me dê o dinheiro, deixe que eu mesma vou fazer, eu tenho que aprender a andar sozinha, a fazer compras, a decidir as coisas, mas ele não deixa, eu acho que se eu voltar a estudar, se pelo menos eu concluir meu segundo grau, quem sabe né? Eu não convença ele a fazer as coisas que eu tenho vontade de fazer.

Entrevistador: e como é que ele age com relação as filhas dele?

MIA2004: as filhas dele?

Entrevistador: sim

MIA2004: Pronto...

Entrevistador: a educação ao tratamento, já que são mulheres, não é isso?

MIA2004: é

Entrevistador: tem algum filho homem?

MIA2004: tem

Entrevistador: só um filho?

MIA2004: tem, tem um que ele criou, que na verdade é um sobrinho, mas ele criou desde novinho, e tem o outro que é do primeiro casamento dele. Ele tem... sobre os filhas dele, não, ele age...

Entrevistador: e tem o Lucas (risos)

MIA2004: e tem o Lucas que é comigo, do segundo casamento.

Entrevistador: estou rindo porque eu disse se tem algum filho...

MIA2004: sim é! Lucas ficou de fora, não é?

Entrevistador: não é! Sei, então qual é o tratamento que ele da as meninas?

MIA2004: ele trata elas bem, ele acha que elas são educadas, que resolvem tudo...

Entrevistador: então quer dizer que a limitação é somente...?

MIA2004: e! e hoje elas são casadas, tem a casa delas, o marido delas, mas muitas coisas quem resolve é elas, os maridos trabalham e elas é quem resolvem muitas coisas, ou quase tudo, é a, essa aqui, a mais nova, ela é muitas vezes quem resolve problemas dela e do marido dela, de pagamento..., de banco. É é ela.

Entrevistador: de banco?

MIA2004: é com ela, mas comigo não tem jeito, não sabe? Muitas vezes ela escuta eu comentando com ele, eu pedindo pra fazer alguma coisa e elas as vezes quando está junto, ela até, bom, tenta convencer ele, mas não tem jeito, é, não tem jeito.

Entrevistador: o que é que elas dizem para ele?

MIA2004: que deixe, que eu tenho, que eu tenho que, ele tem que deixar que é pra mim aprender, que é, ..., aí ela diz... não não que ela teja desejando o mal pro senhor, aliás, assim, não que ela esteja dizendo que o senhor va morrer hoje ou amanhã, mas se um dia o

senhor vier a morrer primeiro do que ela, o quê que vai ser dela, ela vai ficar uma mulher tapada, sem saber sair, sem saber resolver problema nenhum, é isso que elas conversam com ele, aí ele diz não, não, mas ela vai aprender, como pai? Se o senhor não deixa, o senhor não deixa, essa é que é a hora, que ela não tem vontade de sair? Pra fazer pagamento, pra ir, pra fazer pagamento num banco, pra fazer compras, porque o senhor não deixa? E se ela perder o senhor? Elas conversam com ele, mas ele não tem quem convence não, é cabeça dura.

Entrevistador: os seus pais continuam lá no interior?

MIA2004: meus pais já faleceram...

Entrevistador: os dois?

MIA2004: os dois.

Entrevistador: mas você ainda tem família lá em...

MIA2004: só tenho um irmão, um irmão.

Entrevistador: depois que você, depois do retorno a escola, como, você acha que mudou alguma coisa com relação a seu tratamento com o Lucas, assim, a exigência dele na escola?

MIA2004: mudou, mudou, eu exijo bem mais dele, eu, quando ele chega eu procuro se vem tarefa pra casa, eu acho que mudou, eu acho.

Entrevistador: você acha que, já, analisando um pouco essa situação que você falou, você e seu marido, você acha que há um jeito de ser do homem, um jeito de ser da mulher e isso impeça da mulher fazer determinadas coisas? por que o homem não deixa, não sei se seria bem assim ou se seria...

MIA2004: eu acho

Entrevistador: o que você acha?

MIA2004: muitas, muitas mulheres, olha, olha, eu escutei até uma história quando eu fui para o Padre Monte, não sei se é verdade, mas eu escutei, a mulher era casada lá, e que o marido não deixava, o que eu acho, assim, é uma história semelhante a que eu já falei, que ele não deixava ela sair, nem saía com ela, ela não tinha liberdade, ela queria voltar a estudar, ele não deixava, que ela não tinha liberdade de ir a uma praia, ela não tinha liberdade de ir na rua, no mercado, no banco, nada, nada, e isso veio, bom segundo eu escutei lá, a menina lá me falou, que ela falou para ela, sabe? A, a colega exatamente foi sua ex-aluna, ela, que ela disse que se separou dele por isso, né? Veio a separação por isso, por que ele não deixa, ela não tinha liberdade, era só dentro de casa, dentro de casa, aí ela disse que se separou dele por isso, só que a história que eu escutei foi outra, que ela começou a arranjar namorado, eu não sei se é verdade, foi o que eu escutei, deixa pra lá, é a vida dos outros, né?

Entrevistador: você achava isso certo...

MIA2004: não, eu não acho certo.

Entrevistador: por que não?

MIA2004: eu não acho certo, bom, no meu caso, eu tenho esse problema dentro de casa, com o meu marido, mas jamais eu pensei e nem penso em fazer isso, eu não acho certo, eu acho assim, se a mulher não está totalmente satisfeita, mesmo com essa situação, com, com o marido, é melhor mesmo se separar, mas mesmo assim eu nem penso em me separar dele e jamais arranjar namorado ou outros companheiros, eu não.

Entrevistador: mas o que você acha de quando o homem é que faz isso?

MIA2004: como assim?

Entrevistador: o homem é quem arranja outras pessoas.

MIA2004: ah! Eu também não acho certo, eu não acho certo, eu acho assim se ele também não está satisfeito com a esposa ou mesmo que não seja esposa mais seja uma companheira, que ele convive, eu não acho certo, se ele vê que não dá então ele chegue pra ela ,..., minha filha olhe, e diga que não dá mais, que ela vá viver a vida dele,... ela vá viver a vida dela e ele vá viver a vida dele, pronto, cada um pro seu lado, eu não acho certo. Mesmo sendo homem, e a mulher então é que eu não acho, eu não concordo...

Entrevistador: por quê não?

MIA2004: eu acho que fica uma coisa muito feia, eu acho muito feio, ai lá vem comentários, aonde passa a mulher, sempre há comentários, eu acho isso ridículo, eu acho ridículo.

Entrevistador: é..., você acha então que há um novo jeito de ser homem e um jeito diferente de ser mulher? São diferentes, o homem pode fazer, a mulher pode fazer?

MIA2004: não

Entrevistador: por que não?

MIA2004: eu acho que não, tem muitas coisas que o homem pode fazer e a mulher não...

Entrevistador: por exemplo...

MIA2004: ah eu tô sem exemplo

Entrevistador: uma coisa que o homem pode fazer e a mulher não pode...isso quando eu faço essa pergunta me refiro a nossa vida normal, assim, quanto ela como também a escola. No dia-dia como também na escola.

MIA2004: ai no momento não vem...

Entrevistador: tudo bem, mas não é obrigado a dar um exemplo, eu perguntei isso por que? Porque a gente estava falando da questão, fomos pra escola ai você falou com a menina ai já estava relacionado a traição, na vida dela, ai como está ligado a escola ai a vida particular de cada um como pode influenciar, né?

MIA2004: É

Entrevistador: e ai a vida parti..., dentro de casa influenciando a escola, como as vontades que ela tinha com a vida em casa e aí partia para a escola, partia para outras coisas e acabava influenciando a casa dela, se separando, é por isso que eu também fiz essa pergunta, se havia uma forma diferente de ser, de agir, de se comportar e aí você disse que achava que tinha coisas que podia fazer e outras não.

MIA2004: (Fala não compreendida.).

Entrevistador: na escola, por exemplo, vem a sua cabeça alguma coisa que a mulher faça e o homem não?

MIA2004: na escola?

Entrevistador: você acha que todo mundo tem que fazer tudo? Como é?

MIA2004: na escola, eu acho que na escola tem, homem e mulher tem, quem tá lá nanana escola tem que fazer.

Entrevistador: por quê?

MIA2004: eu acho que é bem mais interessante das turmas agradar o professor, a turma ali em geral ...

Entrevistador: mas na verdade fazem tudo?

MIA2004: não, não fazem, eu tô me referindo a escola

Entrevistador: eu faço essa pergunta também porque não sei se você lembra de alguma situação em sala de aula, é , em algum momento eu pedi pra fazer poesias e teve alguns meninos que disseram que não fariam, por que aquilo não era coisa para homem fazer, que aquilo era coisa para...você lembra dessa situação?

MIA2004: eu acho que não tem nada a ver, não tem não tem homem que faz poesia...

Entrevistador: quer falar mais alguma coisa sobre isso?

MIA2004: no momento não

Entrevistador: tá bom... lá no interior em que você nasceu, quando você era criança teve, é , você tinha contato com alguma leitura, escrita?

MIA2004: não

Entrevistador: nem oral nem escrita nem um contador de histórias?

MIA2004: não

Entrevistador: niguem sentava... como era o dia-dia lá?

MIA2004: era ocupado, a gente saía de manhã cedo...

Entrevistador: não ficava sentada na calçada

MIA2004: não

Entrevistador: não, pra conversar

MIA2004: a gente saía era de Segunda a Sexta pra lavoura, né? Saia cedo, pronto essa hora era o tempo de agente está chegando em casa, aí morto de cansado, aí era tomar um

banho e comer o que tinha que também não tinha muito aí pronto, era saindo da mesa e já indo para uma rede para dormir, pronto, aí o final de semana era em casa era pra carregar água na na na ... que chamavam galão, né e pra deixar na jarra, no tanque, tirava a roupa, a noite também logo cedo ia dormir.

Entrevistador: MIA2004 e... o contato com a sua filha, você não teve mais?

MIA2004: tive, tive, hoje em dia ela já vem aqui, pronto, eu dei ela com três dias de nascida.

Entrevistador: você tinha quantos anos

MIA2004: na época eu tinha uns, tinha quinze anos, quando eu tive ela, aí eu dei ela, aí quando eu vim voltar a vê ela, ela já estava com onze anos.

Entrevistador: como foi a aceitação

MIA2004: ela de início ela não soube, aí eu comecei a me encontrar com a mãe adotiva dela, aí comecei a se encontrar, conversava muito, aí ela marcou, na época eu estava lá na casa onde eu passei nove anos, aí ela começou a ir a se encontrar comigo, aí ela vinha, então a gente marcou um dia pra levar, aí ela levou, eu fiquei muito emocionada, chorei, chorei muito ..., e a menina, ela percebeu, não é. Eu ainda saí do local mas ela percebeu que eu estava chorando, aí também ela ficou na dela, né? Aí depois de muito tempo, passou aí completou os quinze anos, aí parou um pouco de contato...

Entrevistador: ela já sabia que você era a mãe dela?

MIA2004: não não sabia, ela veio descobrir que eu era mãe, quando eu já estava casada e já estava com três meses de gravidez, que foi do Lucas, aí foi que ela foi saber que (NÃO DEU PARA ENTENDER) ele nunca me bateu, mas nesse dia ele me bateu, bateu, e eu vim embora e aí eu fui lá pro interior onde ela morava, lá em Parnamirim, só que eu não fui diretamente lá pra casa que ela vivia, fui pra casa de um primo meu e a mãe dela depois soube que eu estava lá e foi com ela me buscar pra casa dela. Ai pronto foi que o cunhado da minha filha, dessa menina...

Entrevistador: ela já tinha quantos anos?

MIA2004: nessa época, ela já tinha uns dezessete anos, daí o cunhado, não a irmã dela, a irmã dela lá e o cunhado dela foi falar pra ela, que eu era a mãe biológica dela

Entrevistador: aí ela

MIA2004: não, a reação dela foi boa, ela ficou assim um pouco triste, aí o menino disse, olhe não tenha raiva dela, você não pode ter raiva dela, vocês sentem e converse com ela e diga que já sabe a verdade e você vai entender o motivo, o motivo.

Entrevistador: aí ela?

MIA2004: aí ela fez isso, eu conversei com ela, não era bem minha prima ela era a esposa de um primo meu chegou lá na hora e comentou com ela explicou os motivos porque eu tinha dado ela

Entrevistador: e ela reagiu bem?

MIA2004: reagiu bem, e hoje e hoje ela vem aqui, já tenho dois netos, ela vem ela vem muito aqui.

ANEXO 3: entrevista de MCO2005

Depois de explicitar o motivo da pesquisa e da entrevista, o pesquisador pede que a entrevistada comece lembrando a sua infância, a escola, a família.

MCO2005: a minha infância, eu tinha a idade de oito anos, meu pai botou eu pra trabalhar no roçado, apanhar algodão, limpar de enxada, não tive oportunidade de estudar. De noite, a gente ia pra aula; no lugar de a gente estudar, a gente ia cochilar, não fazia nada, enfadado. Eles tinham comer pra gente comer; às vezes, nem tinha. A gente não teve oportunidade de estudar. Aí, foi o tempo... Eu amadureci, aí vim morar aqui, tive dois filhos, aí vim morar aqui em Natal, trabalhar em casa de família, aí quinze e quinze dias aí eu ia levar a alimentação dos meus filhos, que o casamento não deu certo, aí quando eles chegaram,..., chegou a oportunidade deles estudarem, eu vim trouxe eles aí aluguei um quatinho e vim morar, aí botei eles no batalhão, aí eu ia trabalhar nas casa, aí quando não tinha aula eu levava eles pras casa trabalhar mais eu, aí botava a enxadinha nas costas, agente ia pra candelária, fazia faxina nas casa que era o dia que a gente comia melhor, eu tinha treze lavagens de roupa, quando eu comecei a trabalhar aqui, eu tinha treze lavagens de roupa, eu trabalhava somente meio expediente, aí graças a Deus em nome do senhor Jesus, eu consegui o que eu queria, só não os estudos, eu consegui minha casa, fui morar com meus filhos, quando fechar meus olhos, não deixo meus filhos desamparado, nem deixo meus neto desamparados, tudo com os esforço que Jesus me deu, pronto, aí eu entrei nessa aula, sabe, no ano passado eu entrei na aula, eu digo, eu vou estudar, eu quero aprender ler a "bliba" Sagrada, que eu acho muito lindo a gente entrar numa igreja e cantar louvar ao Senhor, e nós somos evangélicos, não sabe, a viagem que a gente faz, eu e meus netos é de casa pra igreja e da igreja pra aula e da aula uma vez por mês pra CAERN, eu crio meus netos dentro de casa comigo, rua não tem o que dá, aí voltei pra estudar, sabe? Aí fiquei nervosa estressada, a professora passava um bocado de coisa pra mim fazer, sabe?, eu digo, mulher eu vou sair daqui, já tô ficando nervosa que num "seio" lê, nem escrever direito, aí eu tava no primeiro, segundo e terceiro, eu digo vou sair daqui que não dá pra mim fazer isso não tá muito pesado, aí fiquei nervosa, estressada aí foi do tempo que me operei de "tieróide", num sabe? Aí saí , digo professora tô saindo não, feche minha matrícula que o ano que entra se deus quiser eu vou voltar, aí certo, esse ano, voltei, mais pra aula e Helena está que é alfabetização, pronto na alfabetização, tudo tranqüilo, aí entrei tudo bem estudando muito bem tudo que ela passa eu sei fazer, também se num suber né? Aí caí doente passei quinze dias doente, pra mim ficar boa eu gastei duzentos reais uma vez pela Páscoa eu chupei dois chocolatezinhos, meus neto não quiseram aí eu chupei quando foi doze horas da noite eu comecei a tossir, comecei a tossir e sabe de uma coisa, vou já me levantar já pro Hospital do Coração, fui de doze horas, cheguei em casa era duas e meia da manhã aí meu filho ia abrindo a porta aí disse assim, dona Ceíça você está vindo de onde eu disse assim, eu venho do pronto socorro, aí passei a noite todinha tossindo aí tomei injeção num sabe? Aí fui pra pra meu médico, é Jesus e doutor Braga que eu confio muito, aí graças a Deus em nome do senhor Jesus louvado seja o seu nome eu , eu fui lá ele passou um remédio, graças a Deus fiquei boa boa graças a Deus aí voltei o retorno aí ele passou outro xarope pra mim, tô tomando em nome do senhor Jesus eu vou ficar boa que eu tenho muita fé em Jesus, que a gente sem ele não "samo" nada, a gente "somo" um pedaço de carne podre vinte e quatro hora já não presta mais o que Jesus quer da gente é o coração o coração e glória a Deus, aleluia, louvado seja o teu nome, por isto que eu alcancei e a gente, papai mamãe, as mães sempre abafa as coisas dos filhos, né? Mas papai, quando a gente não tirava uma carreira de mato igual, com ele, enfia o cabo da enxada na cabeça da gente, criação de primeiro não era de agora não meu pai era carrasco Jesus que bote no reino da Glória e tape as "oiça" dele que tá tudo no reino da Glória, meus pais minha mãe morreram todo mundo, por mim só tem Jesus e meus dois filhos e meus netos que agora eu estou criando, Graças a Deus eu tenho fé em Jesus que meus netos não vão me dá desgosto que Jesus tem força e poder, eles não vão me dar desgosto mais tarde, em nome do senhor Jesus, peço toda noite, toda noite eu peço Jesus tu vê tô criando essas duas crianças e vão me dá desgosto mais

tarde, Jesus tire, que é pecado a gente dizer isso, tire a minha parte que eu dô de todo gosto, mas não estou arrependida porque eu crio meus netos, recebo meu dinheirinho todinho quase pra eles, é desse jeito mais eu nem ligo, pensa que eu ligo o que Jesus quer da gente é o coração não é isso não, viu? Pronto aí saí da aula nesse ano entrei de novo mais saí não é? Aí agora eu por Helena pra Helena dizer que eu não ia mais esse ano por estava se sentindo nervosa, estressada por que é muita preocupação pra mim que eu sou o homem e a mulher dentro de casa, porque filho homem não ajuda como uma filha mulher né? Jesus não me deu uma filha mulher eu tenho três netos mas todos três é homem e dois filhos homem eu penso muito na minha velhice, quando chegar a minha velhice não ter ninguém pra cuidar de mim que filho você sabe né como é? Cuida não, mas eu tenho fé em Jesus que eu arranjo uma pessoa boa, não é homem que eu não quero, uma pessoa boa que eu digo, assim, uma pessoa de idade, assim, pra cuidar de mim de responsabilidade, fazer minha coisas bem direitinho, que eu gosto das minhas coisas tudo limpo, Jesus gosta de Limpeza quando Jesus entra na sua casa que vê tudo limpo, ele respira melhor, aqui está tudo limpo, vai passando pra casa de outra vizinha, pronto se chega na casa de outra vizinha e encontra as coisas tudo suja, pronto, ele já volta. Que você sabe, Jesus existe, num existe? Jesus morreu por nós, numa cruz, todo lavrado de sangue de chicote, com três dias ele se ressuscitou-se e existe Nossa senhora também, porque Nossa Senhora não fez aquele trabalho? Mas foi o Divino Espirito Santo, tem o Pai, Filho e Espirito Santo, né? Que tem o Pai, o Pai passou o poder pro filho, não é verdade, passou o poder pro filho, o Pai, passou o poder pro filho e o filho é quem manda em tudo que comanda tudo a gente não comanda nada quem comanda é Jesus a gente “tamo” nesse pó até o dia que Jesus quiser agora sempre eu peço a ele, Jesus eu não quero ir embora agora eu só quero ir embora quando eu tiver noventa anos e deixar meus netos tudo formado tudo dono de si, sabendo o que é que vai fazer, eu tenho fé em Jesus que eu vejo tudinho aqui na faculdade, viu? Em nome do senhor Jesus eu vou ver, glória a Deus por isto, aí crio eles tudo bem criadinhos, direitinho, limpinho a mãe abandonou no dia cinco de janeiro de dois mil e um essas duas criança, ela morava na minha casa eu ofereci casa e comida para ela cuidar dessas crianças e ela não quis aí tá por aí. Aí graças a Deus eu crio meus netos com o maior prazer, não falta nada pra eles não graças a Deus é mais fácil faltar pra mim e pra o pai do que pra eles que nós “samos” adultos não é? Eles são criança, estão subindo e a gente está descendo... Entrevistador: Ceíça, eu gostaria que você falasse aonde é que você nasceu mesmo, qual a sua idade e sua idade, onde é que você nasceu mesmo é quando foi que você estudou pela primeira vez.

MCO2005: pela primeira vez?

Entrevistador: uhum e sua idade e onde você nasceu.

MCO2005: eu nasci em São Bento do Norte e eu tenho...

Entrevistador: aqui no Rio Grande do Norte?

MCO2005: São Bento do Norte é uma praia...

Entrevistador: Onde? Em que Estado?

MCO2005: É no São Bento do Norte, perto de Pedra Grande, Parazinho, pronto São Bento do Norte, nasci em São Bento do Norte, eu nasci no dia trinta de julho de quarenta e nove, eu tenho cinqüenta e cinco anos no dia trinta de julho eu completo cinqüenta e seis anos....

Entrevistador: éeee aí quando foi que você estudou pela primeira vez?

MCO2005: a primeira vez quando eu comecei a estudar eu já estava madura, assim mais ou menos seus dez anos a primeira vez que eu digo assim, né? Seus dez anos aí foi que mamãe começou a alertar papai pra gente ir pra aula aí foi do jeito que eu lhe falei, a gente ia pra aula, passava o dia todinho no roçado de cinco hora até seis horas da noite aí chegava em casa tomava banho, se arrumava, no lugar de descansar ia pra aula, aí chegava e ia só cochilar em cima dos birô, tudo enfadado...

Entrevistador: a noite?

MCO2005: a noite, aí eu fiz, naquela época, fiz primeiro, segundo e terceiro, ai pronto, parei, comecei a trabalhar, trabalhar, digo vou trabalhar enquanto eu não consegui uma casa pra mim eu não sossego e meti o aço a trabalhar, meti o aço a trabalhar aí graças a Deus eu tenho a minha casa, Graças a Deus...

Entrevistador: Ceiça, você começou a trabalhar na roça com quantos anos?

MCO2005: oito anos..

Entrevistador: éee e tinha quantos irmãos?

MCO2005: lá em casa é doze irmãos

Entrevistador: doze...

MCO2005: doze

Entrevistador: todos trabalhavam na roça?

MCO2005: tudo trabalhavam na roça...

Entrevistador: Você é a mais velha?

MCO2005: não, a mais velha tem setenta anos, eu já sou uma das mais novas

Entrevistador: e todo mundo trabalhava na roça, aí todo mundo fazia a mesma coisa ou os homens faziam uma coisa e as mulheres faziam outra, como era?

MCO2005: tudo era misturado, agente trabalhava tudo junto, nossa família é uma família assim tudo unida, sabe? Dentro do roçado a gente trabalhava tudo junto.

Entrevistador: mas tinha alguma coisa que a mulher fazia e o homem não fazia?

MCO2005: naquela época?

Entrevistador: no roçado...

MCO2005: no roçado? Nada, se carregava água a gente carregava também de galão, se apanhava algodão a gente apanhava também, se limpava de enxada a gente limpava de enxada também, se plantava a gente plantava também, naquela época tudo era igual.

Entrevistador: e seu pai e sua mãe, como era o relacionamento deles?

MCO2005: homem é o seguinte, papai bebia e era muito ruim pra mamãe, era bom não só não dava nela, mas esculhambava, todo nome feio chamava ela, mas bêbado, e morria de ciúme dela

Entrevistador: e dentro de casa como era o relacionamento? os trabalhos dentro de casa? Todo mundo também ajudava dentro de casa ou...

MCO2005: não

Entrevistador: essa misturada toda só era no roçado?

MCO2005: não, essa misturada era mais no roçado, em casa, mamãe lavava roupa e fazia o "cumê", agora final de semana a viagem que a gente fazia era pra ir uma feira, de primeiro num tinha légua? Sabe o que é légua? Que agora é "quilômito", né? Era uma légua a gente se levantava de quatro horas da manhã pra ir pra feira... pai botava a gente na frente que a gente não andava só não, pai tinha cuidado na gente, sabe? Aí quando ia pra uma festa era com os irmãos da gente, se agente ia a um forró, papai chegava e mamãe botava a gente tudinho pra casa, e a gente vinha, naquela época a gente obedecia pai e mãe, ói o pai dos meus filhos ele dava tanto em mim e eu chegava em casa e minha mãe dizia assim Ceição ele é bom pra você? Digo é mamãe eu não dizia a verdade porque foi o que eu procurei, né? Eu não ia botar minha família, assim em questão aí eu dizia assim, ele é muito bom pra mim já tinha um menino, aí meu irmão foi passar uns meses lá em casa aí os vizinhos tudinho contaram, sabe? Como era a minha vida, aí papai, mamãe mandou dizer se eu não fosse pra casa, mais nunca botava a minha benção, aí naquela época benção de mãe e de pai se respeitava, agora um filho dá uma benção se quiser, se num quiser num dá aí eu disse assim pronto já tô lascada sem benção de mãe e de pai eu vou me bora pra casa, aí meu irmão fretou um jipe aí eu peguei meu filho e eu grávida de um sem saber aí meu irmão pegou e me trouxe pra casa com meu filho aí no final do mês cadê?

Entrevistador: isso lá em São Bento do Norte...

MCO2005: em São Bento do Norte, eu morava nos galpão, aí...

Entrevistador: no final do mês

MCO2005: no final do mês, cadê? Nada, sabe o que é né? Não precisa dizer né? A menstruação não veio mais, pronto aí pronto, meu Deus outro menino pra eu criar sozinha Jesus, aí meti o aço a trabalhar eu vou trabalhar eu vou criar sozinha tudinho, aí mamãe ficava com eles e agente ia trabalhar aí ganhava o meio do mundo, chegava de noite...

Entrevistador: trabalhar em que?

MCO2005: eu trabalhava no roçado, pra ganhar dinheiro.

Entrevistador: Ceiça e isso você ainda morava lá, você tinha quantos anos quando se casou?

MCO2005: eu tinha vinte anos

Entrevistador: morava lá em São Bento do Norte?

MCO2005: morava em São Bento do Norte, que meu filho mais velho ele tem trinta e seis anos, ele completou no dia vinte e cinco de abril e o meu filho mais novo tem trinta e quatro anos, no dia dois de março ele completou

Entrevistador: e me diga, qual é a reação do seu marido na época?

MCO2005: não veio nem atrás, veio não, procurou nem a saber.

Entrevistador: ele viu você saindo de casa?

MCO2005: não, não estava nem em casa...eu vim me bora dei notícia só a minha vizinha

Entrevistador: e ele nem procurou saber de você...

MCO2005: nem saber, nada, nada, nada, nada

Entrevistador: nunca mais teve contato?

MCO2005: não, não, não, morreu. Ele morreu

Entrevistador: mas depois disso ele nunca mais teve contato com os filhos não?

MCO2005: o pai de meus filho?

Entrevistador: sim

MCO2005: ele morreu, mataram ele, posso dizer por que? Pronto, mataram ele porque ele era acostumado assim, arrancar em interior você sabe que se chama cabaço, não é? Rasgou o cabaço de fulana, aí foi três irmão, eu já tava muito tempo separada, não sabe? Aí foi três irmão o pai e a mãe perguntou, seu Otávio você vai casar coma minha filha? Aí ele disse assim, pra eu casar com a sua filha é obrigado a eu casar com muitas, aí ele disse assim então quer dizer que você não vai casar com a minha filha, vou não, aí ele saiu aí foi três irmão pra uma encruzilhada aí deram três peixerada nele e mataram.

Entrevistador: deixe eu lhe perguntar, até esse tempo, mais ele, é, depois que você saiu, e antes de morrer, ele não procurou saber dos filhos não?

MCO2005: procurou não

Entrevistador: nem foi falar com você?

MCO2005: não, não, não, não, nada, nada, nada..

Entrevistador: ele batia em você?

MCO2005: dava, batia, e muito, uma vez eu levei uma surra de rebento porque eu fumava

Entrevistador: e qual a sua reação?

MCO2005: do jeito que eu tô aqui, apanhava do jeito que eu tava aqui, sentadinha, que naquela época as mulher tinha medo dos homem, agora que não existe mais isso, não é? As mulheres querem ser mais que os homens e tão trabalhando pra isso, não é? Que ser mais que os homens e tão trabalhando pra isso. Estudando, se formando, se casa, ninguém é de ninguém, você vive a sua vida eu vivo a minha, né? Né verdade? Aí daí por diante e a mulher subindo e a mulher subindo e a mulher subindo, né? E os homens lá embaixo, né? (risos) não vê Vilma Maia, não é? Daqui a pouco vai ser deputada deputada já é né? Vai ser uma governadora

Entrevistador: é governadora

MCO2005: pronto, é, aí falta ser o que?

Entrevistador: presidente da república

MCO2005: pronto, muito bem, presidente

Entrevistador: Ceiça o que que você acha disso, dessa mudança? Das mulheres estarem subindo, de a mulher, é, eu acho que você disse que a mulher quer ser igual ao homem, o que é que você acha disso?

MCO2005: meu filho eu acho que ninguém é melhor do que ninguém, todo mundo é igual, se eu caso com você a gene, mora nós dois, você trabalha e eu trabalho, pronto quando chegar em casa, pronto, vamos fazer nossas coisas, um faz uma coisa, outro faz outra, ninguém é melhor do que ninguém tem que ajudar uma ao outro, e uma adorrinha só não faz verão, certo? Tem que ajudar um ao outro...

Entrevistador: Ceiça, me diga, como é essa história, assim do,..., com o marido, que você apanhou e tudo, você agüentou quanto tempo?

MCO2005: eu ...por cinco anos

Entrevistador: cinco anos? é desde o início do casamento, ele te ba..., te agredia?

MCO2005: ele era ciumento, eu vivia trancada dentro de casa, não saía de casa pra nenhum canto, e agente não tinha nada não sabe? A gente tomava água, água de pote, tinha nada, tinha nada

Entrevistador: você não falava nada pra ele, nem...

MCO2005: nadinha, nadinha, nadinha, eu, eu apanhava como uma criança, abastava ele vê o meu filho chorando, olha o menino! Aí ia logo me buxicano, era desses paraibanos meio ruim, sabe? Meio ruim não era ruim, Deus me perdoe por caridade.

Entrevistador: você não fez nada, pra evitar algum vizinho, nem falou com ninguém....

MCO2005: não sempre a gente tem um vizinho que sempre é do lado da gente, né? Eu tinha uma vizinha assim, que ela era muito boa, ela me acudia várias vezes, seu Otávio não faça isso com dona Maria que ela me chamava Dona Maria, sabe? Não faça isso com Dona Maria que ela não merece, ela não sai de casa pra nenhum canto, fica aqui mais eu conversando, e o senhor quando chega é "agreguindo" a mulher desse jeito! Não faça isso não seu Otávio, ela falava...

Entrevistador: e ele?

MCO2005: ficava calado, não dizia era nada

Entrevistador: e você aproveitava pra dizer alguma coisa?

MCO2005: não que eu tinha medo, eu tinha medo dele, dizia nadinha.

Entrevistador: Ceíça, o que é que você lembra, você lembra de alguma coisa que você disse quando estudava, logo no início, com dez anos de idade, você dormia cansada com seus irmãos lá na sala de aula, por que era noite cansada do trabalho do roçado, mas você lembra de alguma, alguma, de algo assim, de algum momento dessas aulas da professora como é que era?

MCO2005: dessa prof... da outra professora de antigamente?

Entrevistador: sim com dez anos de idade

MCO2005: ensinava muito bem, a gente não sabia ler né? Ela ensinava muito bem, era assim A, B, C., aí fazia um ditado, faça um ditado de casa, palavra fulana de tal, aí a gente ia fazendo, sabe?

Entrevistador: você passou quanto tempo estudando?

MCO2005: uns quatro anos

Entrevistador: lá no interior?

MCO2005: sim

Entrevistador: aí aprendeu a ler...

MCO2005: aprendi a ler e a escrever, aí deixei né? Aí esqueci tudo

Entrevistador: aí você voltou a estudar mesmo com quantos anos?

MCO2005: aqui?

Entrevistador: sim

MCO2005: eu tava com cinqüenta e quatro anos, porque foi o ano passado e eu comecei esse ano de novo, cinqüenta e quatro...

Entrevistador: não sabia ler nem escrever?

MCO2005: antes eu sabia, aí eu parei e esqueci tudo, não sabe?, aí eu tava aprendendo a ler aqui, aí foi o tempo que me deu este sistema nervoso, aí eu acho que foi o sistema nervoso, o estresse, que você sabe que criança estressa muito a gente não é? Pra gente trazer ele na linha agente fica estressada..

Entrevistador: Ceíça, você veio pra Natal com quantos anos?

MCO2005: eu , com vinte e sete anos

Entrevistador: como foi essa vinda pra Natal, veio porquê?

MCO2005: vim porque aonde a gente morava tem um fazendeiro que o nome dele é Oto Leite, aí ele trouxe eu pra trabalhar na casa dele, aí eu passei cinco anos nessa casa, aí quinze e quinze dias eu ia deixar a alimentação dos meus filhos, de quinze em quinze dias eu ia deixar a alimentação dos meus filhos e eles me ajudavam muito...

Entrevistador: e é você trabalhava como doméstica...

MCO2005: pronto, pronto muito bem

Entrevistador: e quem ficava cuidando dos meninos?

MCO2005: minha mãe

Entrevistador: eles já tinham quantos anos?

MCO2005: pronto um tinha mais ou menos três anos e o outro tinha dois anos, eu descansei em casa de mamãe mesmo, quando eu tive meus filhos foi em casa de mamãe mesmo...

Entrevistador: me diga como...

MCO2005: e não tinha parteira não, assim não tinha médico não era parteira

Entrevistador: Ceíça, é quando foi que você voltou que saiu da casa do seu marido, da sua casa, o seu irmão que levou, né?

MCO2005: foi, foi

Entrevistador: e como foi essa volta, pra casa dos seus pais?

MCO2005: não, a realidade eu fui muito recebida, graças a Deus não me arrependi porque voltei pra casa, minha mãe cuidava dos meus filhos muito bem, por que toda vida, eu era mesmo que um machão, trabalhadeira, toda vida eu fui trabalhadeira, aí mamãe cuidava de meus filhos e eu ia trabalhar pra botar o pão de cada dia dentro de casa de meus filhos, mas eu dou graças a Deus nenhum passou fome eu tinha um padrinho que ele era muito bom ele que dava o leite, deles...

Entrevistador: e seu pai o que foi que ele falou quando você voltou? E sua mãe?

MCO2005: nada, nada disseram nada que eles que me mandaram me pegar, nadinha.

Entrevistador: É, a experiência que você teve, assim, de, de essa experiência, é parecida com essa que você teve com o seu marido, só foi essa mesmo ou teve outra?

MCO2005: outro homem?

Entrevistador: sim, ou com o seu pai ou com um irmão seu, que chegou a te bater a te humilhar?

MCO2005: não meus irmãos não batia na gente não, a gente era muito unido.

Entrevistador: somente esse seu marido...

MCO2005: só, só meus irmãos era seis irmãos e seis mulher a gente era unido.

Entrevistador: todo mundo trabalhava na roça?

MCO2005: todo mundo trabalhava na roça, tudo...

Entrevistador: depois de grande também?

MCO2005: tudo, tudo, tudo, não depois de homem feito...

Entrevistador: quando você voltou com seus filhos, por exemplo você foi trabalhar na roça de novo, eles também? Todo mundo ainda trabalhava?

MCO2005: não uns trabalhava e outros não, uns já se casaram, vieram morar aqui em Natal, eu tenho um irmão que mora em Piauí, ele pode se considerar ele o homem mais rico que tem em Piauí é ele, e tenho um que saiu de casa muito novo e já tem mais ou menos seus sessenta anos, mora dentro de São Paulo rico, rico mas não se lembra da gente pra nada, é não se lembra da gente pra nada, ele veio visitar a gente quando mamãe tava bem pertinho de Jesus levar ela, sabe? Aí foi o tempo que Jesus levou ela e foi se embora, até hoje...

Entrevistador: Ceíça, quando você parou de estudar lá com quatorze anos, mais ou menos, aí seus pais disseram alguma coisa?

MCO2005: não disseram nada não,

Entrevistador: ninguém estranhou...

MCO2005: não, não ,não, não

Entrevistador: porquê

MCO2005: disseram nada não

Entrevistador: você tinha contato, assim, com leitura, escrita naquela época lá em São Bento do Norte?

MCO2005: não agente tinha contato, assim, com a professora, toda noite a gente ia

Entrevistador: nem pelo jornal em casa...

MCO2005: não

Entrevistador: não tinha nenhum jornal?

MCO2005: não nessa época não tinha nem televisão, nem um "raido"

Entrevistador: tinha nem contador de histórias...

MCO2005: não, não tinha essas coisas não

Entrevistador: o que vocês faziam lá a noite para se divertir?

MCO2005: não tinha nem luz, a gente acendia uma vela...

Entrevistador: e pra se divertir, como era que vocês se divertiam?

MCO2005: não se divertia que as vezes aparecia, que no interior é baile, né? Forró, tinha um forró, aí os meus irmão mais velho pedia a papai e pedia a mamãe pra gente ir tudinho, aí pronto ia aquele seis mulher e seis homem, ia tudinho, mas quando dizia vamos "simbora" pronto a gente vinha embora tudinho

Entrevistador: você tinha quantos anos

MCO2005: pronto a idade eu não sei não, sabe? Num lembro não, mas a gente era, meus irmãos dançava forró, mas a gente mulher ficava só olhando, porque ninguém sabia dançar, mas aí quando ele dizia assim, vamos simbora todo mundo, pronto a vinha simbora todo mundo, ninguém dizia não não vamos embora agora não , vamo agora não, a gente arrumava namorado mais era tudo direito, no pé deles, nem um beijo, ói de primeiro, nem beijo saía. Agora que as coisa, é , mais feia, mas de primeiro essas coisa não existia não, beijo na boca não.

Entrevistador: o que você acha dos namoros de hoje?

MCO2005: rapaz eu o seguinte, eu acho uma cachorrada, é uma cachorrada, sabia? Que a pessoa passa dois três dias namorando com uma moça já quer, sabe? Eu acho errado, mas o culpado é nós mulher, nós mulher, porque não é certo passar três dias namorando com você e você me chamar pra um motel e eu ir, eu vou se eu quiser você não vai me levar na marra, por que a mulher deve se vorali, vorali, comoé que se diz?

Entrevistador: valorizar

MCO2005: "varolizar", se dar valor, né? Num se dá valor...

Entrevistador: qual a diferença que você acha das mulheres de hoje e as mulheres de antes? No seu tempo, assim, no comportamento.

MCO2005: eu acho, acho não, acho não é certeza, né? As mulheres de antigamente, eu vou dizer mesmo, tinha mais vergonha que as de agora...

Entrevistador: fique a vontade, fale o que quiser...

MCO2005: viu, tinha mais vergonha que as de agora, quando eu era nova, eu não usava uma roupa dessas, minhas roupas era tudo de manga, vim usar roupa assim sem manga depois de velha, é depois de velha.

Entrevistador: Ceíça, é, quando você chegou em Natal qual foi a diferença que você achou, pra, daqui lá pro interior? Assim a diferença da vida aqui em Natal com a vida do interior?

MCO2005: a vida daqui de Natal é dez a zero no interior, porque eu morri de trabalhar em interior e nunca possui nada, e aqui eu trabalhei, batalhei, passei necessidade, mas eu tenho o que eu quis conseguir, viu? Que não tinha uma casa e hoje em dia eu tenho minha casa.

Entrevistador: quando você veio qual foi a reação dos seus pais , da família...

MCO2005: nada...

Entrevistador: você só, só mulher sozinha...pra Natal

MCO2005: quando eu vim do meu interior, pra cá, Oto Leite, foi pedir a papai e a mamãe pra mim ir trabalhar na casa dele aí eu fui, aí papai deixou, eu, e amãe

Entrevistador: e quando você voltou, teve algum namorado, saía aqui? Como era?

MCO2005: eu tinha um namorado, mas sair assim "prás" festas com ele, não saía não, eu tinha medo, medo de acontecer alguma coisa e eu pegar outro filho, que não tinha comprimido, sabe? Mas eu também já morei com dois homem, quando eu fiquei viúva, pronto eu morei com um rapaz que trabalha aqui na Universidade, a gente morou cinco anos...

Entrevistador: como foi esse relacionamento?

MCO2005: muito bom, porque não deu certo, mas ele é uma pessoa muito boa, num bebia, num jogava...

Entrevistador: não deu certo porque, Ceíça?

MCO2005: porque ele era casado, só não vou dizer outra coisa, ele era casado e ele amava a mulher, sabe? amava a mulher, aí a mulher estalou os dedo ele veio embora pra casa. Aí chamou ele pra ir pra casa e ele foi.

Entrevistador: Ceiça, e com o outro como foi?

MCO2005: bom também, o ruim que tinha mesmo era o meu marido.

Entrevistador: eles respeitava, esses dois homens lhe respeitavam?

MCO2005: respeitava, nunca batia em mim, muito bons esses dois, aí pronto faz dez anos que eu não sei o que é essas coisas.

Entrevistador: e se eles tivessem batido em você como seria a sua reação agora?

MCO2005: meus filhos já tava assim “grandim”, né, eu podia esconder dos meus filhos, mas eu ia dar umas cabadas de vassoura, né? Escondia de meus filhos mas umas cabadas de vassoura ele levava. Por que aquela época ficou pra trás, da gente apanhar caladinha agora ninguém apanha mais calada não, botava em polícia não metia-lhe o cabo de vassoura também.

Entrevistador: Ceiça, lá vocês tinham religião, se envolviam, lá, como era lá? Como era lá esta questão envolvendo a igreja?

MCO2005: não, a gente não tinha religião, que não tinha igreja, tinha uma igreja dos rosários mais era lá dentro dos mato, a gente ia e fazia as penitências da gente, sabe? Dentro dos mato, uma igreja perto de uma praia.

Entrevistador: Ceiça, o que é que motivou assim, os motivos que te levaram a estudar, porque foi que você voltou a estudar, o que foi que lhe deu vontade de voltar a estudar, depois, já com cinqüenta e quatro anos?

MCO2005: posso repetir de novo?

Entrevistador: pode fale o que quiser.

MCO2005: queria repetir eu disse já. Porquê a gente “samo” evangélico e faz seis anos que eu sou e meus netos faz quatro anos que são evangélicos, porque eu acho muito lindo a gente pegar uma “bliba” sagrada e a gente lê e cantar na frente de todo mundo, eu queria aprender a ler e a escrever só por isso pra eu lê a “blibia” sagrada .

Entrevistador: você já aprendeu?

MCO2005: não,

Entrevistador: e como é que vai se você parou de estudar como é que você vai pensar em voltar, como é que você acha que vai ficar isso?

MCO2005: do jeito que Deus quer e consenti, por que é muita responsabilidade eu peguei depois de madura, né? Nos meus cinqüenta e cinco anos, responsabilidade que eu digo, foi essas crianças, eu tô na aula e pensando na hora de ir pegar eles, aí eu já fico estressada, perguntando ao pessoal, que horas, que horas?, que eu saiu de quatro horas pra pegar eles em Nova Descoberta, eles saem de cinco horas, as vezes eu chego na hora, as vezes eu chego atrasada, mas o vigilante, fica me esperando, eles não saem só não, só comigo ou com o pai

Entrevistador: Ceiça, eeee, você sabe assinar seu nome, tem documento...

MCO2005: sei, tenho documento, tenho tudo

Entrevistador: então o maior motivo para voltar a estudar era a questão da bíblia...

MCO2005: era, pra eu aprender a ler e a escrever era pro mode eu cantar a blibia cruz idio, só se cantar aqueles hinos tudinho era muito bom..

Entrevistador: você já respondeu mais eu vou perguntar de novo, porque algumas coisas eu fico perguntando pra deixar mais claro, alguma dúvida que eu tenho, até pra você falar um pouco mais e ficar mais a vontade.... o que dificultou você continuar estudando? Você disse dos meninos dessas responsabilidades, mas fale um pouquinho mais que é isso, assim as dificuldades de continuar estudando depois dessa idade desse...

MCO2005: eu te falei da igreja? Que eu tinha vontade de aprender a ler

Entrevistador: sim mas o que motivou a voltar, mais o que dificultou, o que fez você sair da escola.

MCO2005: pronto porque eu me senti muito nervosa e estressada, que quando a professora passa um dever pra mim, enquanto eu não faço eu não sossego pra mim entregar a ela, quando eu faço digo taqui professora, já fiz, aí ela diz já MCO2005 aí eu do já, graças a Deus, diz, você tá é medoinha né? Ela diz você tá uma medoinha né? É eu sabendo fazer eu faço, agora eu não sabendo eu fico calada, agora ela passa um ditado, no instante eu faço, ditado de palavra, pronto no estante eu faço...

Entrevistador: e a questão do nervosismo, mas esse nervosismo se deve a quê, Ceiça?

MCO2005: meu filho, esse nervosismo eu penso muito quando meus neto crescer, mas faz muito tempo que eu tomo remédio controlado, muitos anos sabe? Lá em casa quase todo mundo é nervoso, quase todo mundo é nervoso, sabe? Eu acho que é dos tronco, de sofrer tanto, sabe? Aí na velhice a gente vai ficando madura, né , aí vai chegando tudo, canseira nas perna, nervoso, estresse, tudo...

Entrevistador: Ceiça, quando você voltou a estudar sua família disse alguma coisa? Seus filhos, o quê que eles disseram? E os netos também

MCO2005: não, meus netos disseram ô Dada que coisa boa está aprendendo a ler pra ensinar a gente (risos) eu digo, graças a Deus meu filho...

Entrevistador: e os filhos disseram...

MCO2005: meus filhos disseram, tá aprendendo a ler é dona Ceiça? Eles me chamam dona Ceiça, eu digo, tô graças a Deus, já tô fazendo aqui uma carta pra mandar pra professora aí eles....

Entrevistador: Ihe incetivavam...

MCO2005: pronto, aí começaram a sorrir sabe? Mas meus netos dizem assim, Dada aprenda a ler Dada, aprenda a ler Dada mode você ensinar a gente, eu digo, eu já quero que você aprenda a ler pra me ensinarem rapaz

Entrevistador: O que foi quando você começou a estudar o que era que você esperava encontrar na sala de aula? Eu sei que a Bíblia era o seu maior objetivo pra voltar a estudar, pra aprender a ler não é? A Bíblia, cantar os hinos, mas na sala o que você esperava, assim, quando você voltou porque você voltou assim, estudou até os quatorze, quatro anos né? Ou você estudou antes? Aí voltou, aí o que é que você esperava a estudar encontrar na sala de aula, até mesmo em comparação com as aulas que você tinha tido lá no começo?

MCO2005: não aqui é mais pesado que antigamente, por que aqui a professora passa, ..., lá no interior a professora passava o dever e corrigia e mandava a gente ler, e aqui ela faz mas não "corregge" assim leia isso aqui pra mim, vê se tá certo, aí ela não manda não, depois é que ela vai olhar se tiver errada ela bota a letra que tá errado , se num tiver bota sim, sabe_, depois ela passa no quadro o que a gente errou pra gente corrigir

Entrevistador: aí você sentiu alguma dificuldade na sala de aula?

MCO2005: pra aprender a ler?

Entrevistador: sim e a escreve....

MCO2005: sim

Entrevistador: o que foi?

MCO2005: dificuldade assim porque coisas que eu não sabia, né? Ela botava pra gente ler, botava pra gente fazer e agora na alfabetização não, tudo que ela bota eu sei fazer...

Entrevistador: e antes da alfabetização era que série que você estava fazendo?

MCO2005: primeiro, segundo e terceiro.

Entrevistador: todos juntos?

MCO2005: é, e esse que a gente tá é só o primeiro ano, agora vai Ter, primeiro, segundo e terceiro.

Entrevistador: Ceiça, é, como é que foi pra você criar dois filhos, você mulher criar dois homens, não é, educar dois homens, como é que foi isso? E tendo a experiência que você teve antes com o pai dos meninos, né?

MCO2005: é meu filho é o seguinte, graças a Deus eu passei muita dificuldade pra criar essas duas crianças, eu morava perto de uma irmã minha, aí eu deixava ele com minha irmã na hora da aula, minha irmã ia deixar ele no colégio, eu saía de cinco horas da manhã, só chegava de duas horas, aí minha irmã se responsabilizava por essas crianças, aí quando eu recebia dinheiro, dava um pedacinho de dinheiro pra ela também, ela vivia de lavagem de roupa nessa época, hoje em dia é aposentadinha ganha o seu dinheirinho é pouquinho mais serve, né?

Entrevistador: e, mais aí pra educar, pra aconselhar, pra conversar com eles no período da adolescência...

MCO2005: graças a Deus, em nome do senhor Jesus eu trazia os alí, no cabresto, sabe? Graças a Deus, nenhum, nenhum, graças a Deus em nome do senhor Jesus, não são ho-

mem com “agar” porque eles bebem, mas “tirante “disso são trabalhador, um é mecânico, o outro trabalha nessa firma pombo, recebe o dinheirinho dele, quando recebe, taqui mamãe, o dinheiro dos meninos, ele dá cento e sessenta e cinco por mês pra eles, porque tem um dinheiro aí do governo, sabe? Que é sessenta e cinco reais aí ele dá cem do dinheiro dele, é o primeiro que ele dá o dinheiro dos meninos.

Entrevistador: Ceixa e os seus netos, como tem sido educar mais dois homens?

MCO2005: graças a Deus até aqui, até aqui, graças a Deus em nome do senhor Jesus, tá indo tudo muito bem, me obedece, eu digo não faça isso, eles não teimam, na frente do pessoal eu sou mais educada, mas dentro de casa eu não sou não, sou ignorante mesmo, tem que ser mesmo, por que se eu não for mais tarde eles querem bater em mim, aí bateu eu bato neles

Entrevistador: e o seu filho, como é como é que ele te ajuda a educar?, o pai dos meninos.

MCO2005: a verdade é bom dizer, faz só brincar com os menino, só brincar com eles chamam o pai chamam ele de mentiroso, seu cagão desse jeito sabe? Aí eu digo assim, você num bote moral não viu seu Ercivaldo, bote moral nos seus filhos viu? Eu tô ficando velha e você não você tá novo, duvido eles dizer isso comigo, eu duvido chamar eu de mentirosa, dizer isso que tá dizendo com você, fica sorrindo...

Entrevistador: Ceixa eu acho... uma coisa que eu percebo é que parece que a questão da mãe dos meninos ter deixado os meninos quando pequenos marcou muito a sua vida, não é?

MCO2005: muito bem, marcou demais, essa mulher me fez tanta da raiva...

Entrevistador: fale um pouquinho disso...

MCO2005: ela me fez muita raiva, eu ia pegar os meninos ela puxava dos meus braços pra eu não trazer essas crianças e as crianças era tudo doido por mim, tudo doido por mim, a separação deles dois não foi por causa de chifre nem nada, foi por conta de seboseira e imundice, Ercivaldo trabalhava aqui. Quando chegava em casa de doze horas não tinha almoço pronto, aí não tinha almoço pronto, aí ele ia lá pra casa a separação deles foi por isso, porque estava sujeito um ir pra cadeia e o outro pro cemitério, por que bofete falava francês. Era verdade.

Entrevistador: o que você acha que ela fazia de mais errado. Assim, para você, quem estava errado nesse relacionamento?

MCO2005: o pai botava as coisas dentro de casa. Aí, passava o dia ali todinho, carne, frango..., porque a obrigação da mulher é o marido botar a feira e ela guardar tudinho, ajeitar tudinho na geladeira, o que é de geladeira, o que é de armário, guardar tudo. Aí, ele deixava a feira, ele saía. Quando ele chegava de noite, a feira estava do mesmo jeito, no meio da casa. Aí, pronto. Ele ia reclamar e começava, sabe?

Entrevistador: fale um pouquinho das suas noras.

MCO2005: é o seguinte...

Entrevistador: fale o que quiser...

MCO2005: eu vou dizer o que quiser mesmo (não entendi o resto) a primeira olhe, a primeira, se juntaram, se juntou com meu filho, mas eu dei conselho a ele, olhe não vá se juntar com ela que você se arrepende, queira só curtição aí ele disse, é dona Ceixa mas eu gosto dela, aí num tinham nada, aí eu dei meu colchão, dei uma estante, dei um “armario” pra começarem a vida deles sabe? Aí passaram três ano e seis mês juntos no instante fizeram dois meninos, aí pra lá não deu certo aí ele ficou vindo de lá pra casa, indo lá pra casa, isso aí é pra você tomar conselho de sua mãe, viu, eu dava conselho a você que num ia dar certo ele dizia assim, mas eu gostava dela, eu devia era não aceitar mais você dentro de casa mas eu aceito porque eu sou mãe, aí pronto não deu certo, aí os bichinhos no meio do mundo, sofrendo, aquilo chega doía no meu coração, sabe? Toda semana eu mandava a feira dessas crianças, ela botava no mato, não fazia comer pras criança, os bichinhos parecia filho de “esmoléo” você vendo as fotos dessas crianças eu ainda trago pra você vê, ela botava o comer no mato pra não fazer comida pra essas criança, jogava comer fora, “mode” dizer que Ercivaldo, o pai das crianças não botava nada dentro de casa e tinha tudo dentro de casa, tinha som, tinha televisão...

Entrevistador: quer sair do sol?

MCO2005: não tá bom, tinha geladeira, uma duplex muito boa, que até hoje eu luto pra comprar uma e ainda não comprei ainda aí ela pegou, a televisão, a televisão não, a televisão foi e quebrou, uma vez com raiva de Ercivaldo, aí disse que tinha sido os menino, aí lá vem ela lá pra casa, tá vendo o que foi que seu filho fez, deu em mim ontem porque os meninos quebraram a televisão, eu disse como foi que os meninos quebraram essa televisão um menino de um ano e o outro de dois anos? sei não sei que quebrou... eu sei que até hoje, eu tenho raiva dela, eu não gosto dela, que ela foi muito ruim pros meus neto, não cuidava dos meus neto direito e não cuidava do meu filho direito, porque mãe é mãe, você sabe né? Mãe é mãe, se você tem uma filha, aí se casa e você vê seu fulano ou “sinha” fulana num tratar, num cuidar dele direito, você gosta? Ninguém gosta não, perfeito só Jesus, mas a gente num somos perfeita não, cuide do meu filho bem que eu sou boa pra você, mas se cuidar do meu filho mal eu sou ruim pra você. E o ouro faz oito anos que vive com uma mulher quando foi morar com esta mulher, ela já tinha, ele já tinha... ela já tinha uma menina, uma menina muito boa, não resta dúvida, uma menina muito boa, muito bem educada, muito estudiosa, aí teve o filho do meu filho que é Ewerton Tales, o nome dos meus netos é Ewerton Tales, foi o meu primeiro neto, Vinícius Gabriel e Emerson Lucas, meus netos, eu amo meus neto, faço tudo pelos meus neto, aí pronto, vive lá aos “troncos” e barrancos, sabe? E eu não tou nem aí, quem procurou...foi ele quem procurou, eu não dei conselho também que não ia dar certo, não tomou conselho, aí vive lá aos “troncos” e barrancos agora moram lá em cima da minha casa sabe?

Entrevistador: até hoje como é que você já trabalhou em quê?

MCO2005: meu primeiro trabalho foi de roçado, como eu falei com oito anos, apanhando algodão, limpando de enxada, plantando milho, feijão, maniva, o segundo foi ... foi na casa de Oto Leite aí da casa de Oto laite eu fui trabalhar na construtora Rabelo Flores, sabe onde é? Ali nas Rocas, aí das Rocas que era essa firma...

Entrevistador: fazia o que lá?

MCO2005: zeladora, zeladora, era a construtora Rabelo Flor, trabalhei lá, aí de lá eu vim trabalhar aqui, que de primeiro não precisava de curso nem de nada, só na prefeitura a gente deixava o nome, deixei o nome hoje no outro dia já comecei a trabalhar, graças a Deus em nome do senhor Jesus, aí até hoje eu estou aqui, faz vinte e cinco anos, oito meses e um dia, agora lá fora eu tenho um ano e dois meses, dizem que em julho completa vinte e sete anos de serviço, eu já incorporei a ele...

Entrevistador: lá fora você diz onde?

MCO2005: lá fora que eu digo é na construtora Rabelo Flor, que eu tenho...tudo, que em casa de família foi tudo de carteira assinada, mas eu fui atrás num encontrei nada...

Entrevistador: e aqui você já começou fazendo o que desde o início?

MCO2005: copeira

Entrevistador: sempre copeira?

MCO2005: copeira, sempre copeira.

Entrevistador: me diga que você é evangélica você me disse que é a seis meses, não é?

MCO2005: seis anos

Entrevistador: seis anos...

MCO2005: seis anos

Entrevistador: seis anos que você é...

MCO2005: seis anos que eu sou evangélica e quatro anos meus netos, ...

Entrevistador: porquê?

MCO2005: porquê eu entrei? Porque o mundo, pessoal tá dizer, pessoal tá dizendo que o mundo tá destruindo, mas não, o mundo tá do jeito que Deus deixou, do jeito que Deus entregou ao filho, o povo é que querem destruir o mundo, aí tô na igreja por isso, porque o mundo não tem o que dá, dentro da igreja é todos pregando a palavra do senhor, eles já “canto” eles já chega em casa todo animado, cantando, evangelo... evangelando, sabe? Cantando o nome do senhor, e na igreja eles falam de microfone, cantam de microfone...

Entrevistador: Ceixa, há uma diferença entre esses dois netos que você cria, no seu relacionamento, né? Com os dois netos que você cria e o do outro filho?

MCO2005: há porque o outro não me escuta direito e esses dois que eu crio me escuta...

Entrevistador: como é que você acha que deveria ser relacionamento dos seus filhos com essas mulheres? O que é que você queria, você que aconselhou, então o que é que você queria...com esse relacionamento com as mulheres, o que é que você queria pra eles?

MCO2005: toda mãe quer o bem pros seus filhos, né? Não quer o mal, é porque não tem responsabilidade, nenhuma, assim de uma dona de casa mesmo

Entrevistador: o que é que falta pra elas terem?

MCO2005: o que é que falta pra elas? Pra elas, pra ela, só uma né?

Entrevistador: é

MCO2005: só uma, pronto isso aí eu não vou dizer, tá certo?

Entrevistador: fique a vontade

MCO2005: por que é negócio da minha casa é negócio deles dois é deles dois, né? Não vou dizer não

Entrevistador: tudo bem

MCO2005: tá certo?

Entrevistador: tá certo

MCO2005: desculpe aí

Entrevistador: não Ceixa não se preocupe não. É e esse outro filho...

MCO2005: cigarrinho aí pra gente cigarrinho aí pra gente, tem não? (falando com outra pessoa)

Outra pessoa: cigarro?

MCO2005: tem?

Entrevistador: Ceixa, me diga por favor, e como é o relacionamento com seu outro filho que mora dentro da sua casa?

MCO2005: muito bem, nem é carne nem é peixe, no Sábado ou no Domingo se ele vai sair, chega no outro dia, ele diz dona Ceixa eu só chego amanhã, se chegar bom deita na cama, não diz nem uma nem duas, a ... Meu filho desculpa aí, muito obrigado viu? Aí olhe, ele é um menino muito bom, não é porque seja meu filho e eu queira botar lá em cima não, porque tem bebo abusado, não tem? Ele não é, ele vai chega em casa melado, ontem eu fui pra igreja ele foi pra "Alcaçú" não tem um negócio chamado "Alcaçú"? aí, vou botar aqui no buraco, mode não ir pra sua cara

Entrevistador: não mas não se preocupe não

MCO2005: aí ele foi pra "acaçú" Sábado e chegou Domingo, a gente fomo pra igreja, quando a gente chegou ele já tava dormindo, vamo chegar em casa calado que teu pai tá dormindo e tá bebo, aí quando eu cheguei eles já tinham lanchado da igreja, sabe? Aí dei banho escovei os dente eu disse agora vocês vão dormir que eu vou apagar as luz e vou dormir também, aí desliguei a televisão aí pronto ficaram todos três no quarto que eles dormem todos três num quarto, os três homem, e eu durmo lá no meu quarto...

Entrevistador: quem manda em casa Ceixa?

MCO2005: quem manda em casa? Jesus e eu, meus filho não manda em nada, graças a Deus meus filhos não me responde, não me dão desgosto agora claro que eu fico preocupada porque quem bebe, você sabe... fico preocupada, mas desgosto, meus filhos não me dão, graças a Deus, graças a Deus, graças a Deus...

Entrevistador: o que você achava, assim, qual a sua opinião quando aconteceu do seu filho bater na esposa?

MCO2005: meu filho, o que eu dizia pra ela? Meta o cabo de vassoura também não apanhe só não. Ela chegava e dizia também, dê também não apanhe só.

Entrevistador: Ceixa, é... quando você decidiu trazer os meninos aqui pra Natal, como é que foi isso? Você trabalhava já aqui, mandava o dinheiro deles e sua mãe criava, foi isso?

MCO2005: verdade

Entrevistador: aí quando foi que você decidiu trazer eles pra aqui?

MCO2005: porque chegou dele ter seis anos e seis meses pra ir pra aula, mas eles fizeram só até a quinta série,...

Entrevistador: todos dois?

MCO2005: todos dois terminaram na primeira, Segunda, terceira, quarta, na quarta série...

Entrevistador: por quê?

MCO2005: dizem que não tinha cabeça mais pra estudar, aí eu digo pra eles, você não tem cabeça pra estudar mas pra beber cachaça vocês têm, mas eles não me respondem, fica calado, nunca meus filhos me responderam.

Entrevistador: é

MCO2005: graças a Deus

Entrevistador: quando você decidiu trazê-los é assim, como foi a reação dos seus pais, você ficou morando só...

MCO2005: não meus pais vieram tudinho morar aqui, venderam, o terreno de papai era bem grande, sabe? Como daqui mais do que o restaurante, feijão, mandioca, algodão, cajueiro, manga, tudo tinha no terreno de papai, agora papai se a gente quisesse vestir um vestido, a gente ia trabalhar no gado, pra comprar, quem fornecia dinheiro pra papai trabalhar, era um homem que se chama Artur, que era o homem rico lá do meu interior, sabe? Aí vinha papai ia pro banco, fornecia dinheiro pra papai ir pagar os trabalhador tinha funrural, primeiro papai era aposentado pelo funrural, mas se a gente queria vestir um vestidinho, a gente ia trabalhar no gado.

Entrevistador: é aí ficaram todos morando juntos? Por que você continuava trabalhando, não era?

MCO2005: era. Não eu morava num quartinho...

Entrevistador: e criava os filhos aonde?

MCO2005: e criava meus filhos nesse quartinho bem pequenininho era menor que aquela copa.

Entrevistador: e como era que você fazia pra trabalhar e cuidar dos seus filhos?

MCO2005: não tinha minha irmã, minha irmã ficava olhando, pronto minha irmã ficava olhando os meninos, aí eu deixava eles trancados, na hora da aula minha irmã ia abrir a porta pra arrumar eles e deixar na escola, que é essa minha irmã mais velha.

Entrevistador: ela morava perto?

MCO2005: vizinho num quartinho também alugado, aí papai vendeu a fazenda dele lá, que era três casas e um armazém bem grande, ele enchia de algodão, aí o carro vinha buscar, sabe? As carradas de algodão, que a gente que apanhava, algodão e botava trabalhador também, aí o carro vinha buscar, levava pagava a ele, ele embolsava o dinheiro, quando...faltava comer dentro de casa não sabe? Ele recebia dinheiro, botava comer dentro de casa, aí papai era desses homens de antigamente que escondia comida aí quando via que tava faltando lá vinha ele com aquele comer, sabe? Botava, passava pra gente, peixe assim pra gente ir pro roçado de manhãzinha logo cedo, café, pirão, não sabe, escaldado de café, pra gente tomar pra ir pro roçado, aí com aquilo a gente passava até doze horas, aí botava feijão no fogo, dentro dos roçado, numa panela, sabe? Aí fazia o fogo e botava o feijão, na hora do almoço era feijão puro, farinha com rapadura

Entrevistador: Ceixa eu sei que essa sua experiência para voltar a estudar foi muito curta, mas você acha que trouxe alguma diferença pra sua vida? Assim, de imediato, quando você voltou a estudar se mudou a sua vida de imediato, rápido, se alguma coisa ou não? Quando você voltou pra estudar...

MCO2005: não eu fui muito feliz

Entrevistador: mudou alguma coisa na sua vida? Que foi muito curto não é?

MCO2005: foi, foi verdade foi curto, mas eu arrumei outros colegas, é divertido, a gente conversa com um conversa com outro, é muito bom, que a gente se diverte

Entrevistador: e me diga, dentro de casa mudou alguma coisa? Quando você voltou a estudar, o que mudou alguma coisa na sua vida dentro de casa...

MCO2005: quando eu chegava em casa era mais alvoreçada pra fazer as coisas, porque eu saio mais cedo daqui, sabe? Quando dá quatro hora eu vou me embora, aí já adiante assim os trabalhos de casa, né? Eu sou sozinha e Jesus e esses meninos né? Aí quando eu chego tem cuidar da janta, tem que cuidar do almoço, arrumar a casa lavar roupa deles, tudo, nos trabalhos aumentou mais aí eu achei que eu fiquei mais estressada por isso, por conta de trabalho mais em casa, que aqui eu não vou mentir não, ninguém trabalha, graças a Deus, aqui ninguém trabalha, e faz o café e fica aqui sentada, pronto, acabou-se.

Entrevistador: Ceiça, você escreve você lê carta, lê jornal, qual é o seu contato com a leitura e com a escrita?

MCO2005: não, assim “devê”, assim ditado, faça um ditado Ceiça, de palavra, aí pronto, aí eu faço um bocado de palavra, eu gosto muito de ditado, se você diz assim, faça um ditado, assim, assim, assim Ceiça, de nome de gente, de nome de animal, pronto eu faço tudo, porco, vaca, essas coisas assim sabe? Essas coisas eu faço

Entrevistador: você lê jornal? Você lê alguma coisa?

MCO2005: não, a verdade eu vou lhe dizer, não

Entrevistador: escreve?

MCO2005: não

Entrevistador: não?

MCO2005: só assim no Sábado eu faço as letra para meus neto, pronto eu começo, pronto faça, vamos começar com K, aí vocês, K de carro Q de queijo, G de jarro, pra eles fazer sabe? Aí eu boto um bocado de palavrinhas pra eles completar, no Sábado, porque no Domingo, não, é só pra eles assistirem televisão, descansar repousar, até eu repouso também que eu vou dormir.

Entrevistador: o quê que você espera dos seus netos e tudo, da educação que você está dando pra eles?

MCO2005: eu espero? Um se você perguntar, quando você crescer você vai ser o que? Vinícius Gabriel, Delegado, ele diz Delegado, aí Emerson Lucas quando você crescer quer ser o quê? Cantor, Fábio Júnior aí o que ele diz é isso, cantor Fábio Júnior, eu digo, meu filho cantor não dá dinheiro não! Só se sair pra fora, quando eu tiver rapaz eu vou me formar e vou pra São Paulo, vou ser cantor lá mais Silvio Santos, aí o que ele diz é isso, cantor e o outro é delegado.

Entrevistador: o que é que você acha disso?

MCO2005: fico calada porque é criança talvez não saiba nem o que quer, né?

Entrevistador: e você tinha falado antes, assim, que só tinha tido filho homem, né? E queria ter uma filha, porquê isso, o quê que você acha disso, você acha que teve alguma dificuldade de só ter filho e não filha? Pra você que é muito só?

MCO2005: não porque eu penso muito na minha velhice, não tem ninguém pra mim me ajudar, que homem, você sabe, não ajuda, homem só faz sujar e deixar aí, esse meu filho que mora mais eu, ele vê o meu sufoco aí ela já lava louça, me ajuda a lavar a louça fecha as portas, lava a louça, guarda, enxuga, sabe? Aqui e acolá ele entra dentro do banheiro, mais os filhos, pega as fardas dele, não sabe? Vai e lava...

Entrevistador: e o quê que você acha disso?

MCO2005: eu acho que esta me ajudando, eu digo é me ajude, você se troca dentro desse banheiro, lave sua fralda que eu tô ficando velha, aí ele bota os meninos também tranca o banheiro e vamo derramar água aí lá vai esfregar, esfregar...

Entrevistador: por que que você acha que eles não ajudam mais? Porque que você acha que uma filha é que deve ajudar melhor?

MCO2005: porque mulher sempre é do lado das mães ajuda mais, é mais carinhosa pras mãe e os filho homem, não é ...

Entrevistador: porque, porque você acha?

MCO2005: porque eu mimo eles também sabe? Não sou mãe assim de tá, (beijo) meu filho tudo bem, não sou não, eu sou mãe sabe? Como se diz, carrasca, não sou mãe carinhosa não, agora precisou, é comigo mesmo.

Entrevistador: e com os netos?

MCO2005: e com os netos, é criança, claro que eu dou carinho, né? Beijos e abraços, quando eu vou chamar eles para ir para igreja eu faço (dois beijos) tá na hora de ir pra igreja, (dois beijos) tá na hora de ir pra igreja, aí eu faço o mingau deles, boto na boca, eles dormindo, aí daqui a pouco eles desperta acorda se arruma vai pro banheiro, toma banho, nem pro banheiro só eu não deixo eles ir, porque eu tenho medo de cair escorregar e quebrar a cabeça, eu dou banho neles, eu boto pasta na escova, tudo, enxugo, taqui as zorba, taqui a roupinha, se arrume, taqui as meia, se arrume pra ir pra escola...

Entrevistador: e você não fez isso com seus filhos quando eram crianças não?

MCO2005: fiz também, fiz, quando era criança, agora é adulto né?

Entrevistador: Ceíça, me diga uma coisa, você disse que não sabe ler e tudo e a questão da bíblia, então quem é que lê a bíblia pra você?

MCO2005: ninguém fico na igreja sentada só escutando...

Entrevistador: só escutando?

MCO2005: só escutando, e louvando o nome do Senhor, dando glória a Deus, aleluia, pronto... aqui e acolá vem uma lágrima nos meus olhos, aí meu neto mais velho diz, não chore não, Dada, não chore não, limpando minhas lágrimas...

Entrevistador: porque as lágrimas?

MCO2005: porque dava vontade de chorar assim, né? Dá vontade da gente chorar

Entrevistador: se emociona...

MCO2005: pronto, muito bem...fica emocionada

Entrevistador: Ceíça e com relação as outras coisas, assim, no dia-dia, você resolve problemas de caixa, de ir ao banco, quem faz isso pra você, que exige leitura também...

MCO2005: é mas a moça do caixa, eu não sei, mas a moça do caixa, quando eu vou tirar o dinheiro dos menino aí eu boto meu cartão aí a moça digita eu digito, era vira as costas, sabe? Eu digito a senha aí ela vai puxa o dinheiro e me entrega...

Entrevistador: e outras coisas, assim, que exige escrever...

MCO2005: não só se for meu nome...preencher um cheque eu não sei

Entrevistador: pegar um ônibus assim...

MCO2005: "seio" pra onde eu vou pra onde não vou, sei não me perco não, agora de noite é que eu não sou nada pra sair de casa, que eu perco até a parada de ônibus.

Entrevistador: e como é que você faz pra pegar ônibus?

MCO2005: porque é difícil eu sair de noite..

Entrevistador: não pra pegar de dia mesmo?

MCO2005: de dia? A minha casa é perto da parada de ônibus, é o quarenta e sete, é o quarenta e oito...

Entrevistador: e pra vir da Universidade?

MCO2005: não eu venho a pé... eu pego o circular, de manhãzinha eu venho a pé...

Entrevistador: e qual é sua diversão, hoje o seu lazer?

MCO2005: nenhum, nunca tive nenhum, não sei o que é lazer na minha vida, meu lazer é trabalhar...e eu dou graças a Deus por isso, eu tenho o maior prazer de trabalhar, porque tudo o que eu consegui foi com a força de Jesus e o meu suor do jeito que está derramando ali, sozinha e Jesus, sozinha e Jesus..

Entrevistador: você acha que mudou a sua vida depois que você voltou a ser evangélica? Sua seita é evangélica?

MCO2005: a verdade é bom dizer, continua do mesmo jeito que eu não deixei de fumar, eu entrei pra ver se eu deixava de fumar... do mesmo jeito, agora vou pra não desviar meus netos desse caminho, que a verdade é boa de dizer, né? Eu vou por conta dos meus netos, que são muito empolgado lá, e eu vou pra dar força a eles, porque a gente adulto, a gente erra porque a gente quer as criança é diferente...

Entrevistador: mas você tinha dito, assim, que foi bom que você tinha feito amigos

MCO2005: foi, verdade, foi...

Entrevistador: como é isso?

MCO2005: amigos e tudo na igreja?

Entrevistador: sim você fez na escola e na igreja? Como é que é?

MCO2005: não na igreja eu chego no meu banquinho, me sento é as colegas de sempre que eu já tinha.

Entrevistador: e os da escola continuam amigos, qual é a diferença da amizade que você fez na escola e a que você fez na igreja?

MCO2005: não da escola foi melhor que da igreja...

Entrevistador: porque?

MCO2005: eu já conhecia quase todo mundo, né? Só não sabia de nome, mas tudinho eu conheço aqui da Universidade.

Entrevistador: Ceíça com relação a relação entre homens e mulheres, o quê que você faz hoje assim pra se defender, por exemplo, ou pra reagir as atitudes dos homens, que você acha que pode ser errada ou não, ou como é esse relacionamento com os homens? Não é relacionamento amoroso, mas é relacionamento do dia-dia. Que eu digo, porque aqui mesmo tem homens e mulheres e as vezes os homens estão nos cargos de poder ou não, as mulheres também estão, como você mesma disse, mais aí como é que você reage? Hoje, como é a sua atitude, hoje em frente a essas questões?

MCO2005: a diferença do homem pra mulher?

Entrevistador: isso

MCO2005: não, olhe, ninguém é melhor do que ninguém, tanto faz a mulher subir quanto o homem subir, mas você sabe que de primeiro as mulheres era tudo lá embaixo agora é tudo lá em cima, né? Porque? Tão estudando pra isso

Entrevistador: e você sente vontade de ainda encontrar um bom...

MCO2005: podia querer um homem, um homem se ganhasse uns três mil reais e me desse mil e quinhentos todo mês, embora, sabe? Nem me procurasse, mas me desse mil e quinhentos reais todo mês e o meu fosse só pra guardar para os meus neto, mas um homem pior do que eu, eu não quero não, faz dez anos que eu não sei o que é isso, guardando, guardando, quem vai comer ele é São Pedro, é...

Entrevistador: qual a função de um homem numa casa, pra você?

MCO2005: faz falta, assim uma coisa pesada que a gente não pode fazer aí se lembra de um homem por isso, que as vezes a gente tá fazendo um negócio pesado assim, aí se eu tivesse um marido ele tava aqui me ajudando, mas não tem eu vou fazer sozinha mesmo, meus neto me ajuda, as vezes quando eu estou fazendo uma mudança, assim, ajeitando a casa, não Dada deixe que eu lhe ajudo, deixe que eu lhe ajudo, pronto eles me ajudo, as vezes eles querem lavar uma louça, eu digo ,não meu filho, não lave não, que é sujeito você quebrar um copo e fazer um arte, agora quando...eles querem passar um pano na casa eu não deixo que são muito pequeno, agora quando tiver com oito anos Dada dá uma tarefa a vocês..

Entrevistador: tá certo, é...